

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC/SP

Valéria Melki Busin

**Homossexualidade, religião e gênero:
a influência do catolicismo na construção
da auto-imagem de gays e lésbicas**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2008

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

PUC/SP

Valéria Melki Busin

**Homossexualidade, religião e gênero:
a influência do catolicismo na construção
da auto-imagem de gays e lésbicas**

Dissertação apresentada à Banca
Examinadora como exigência parcial
para obtenção do título de MESTRE em
Ciências da Religião pela Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo,
sob a orientação da Profa. Doutora
Maria José Fontelas Rosado-Nunes

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**SÃO PAULO
2008**

Banca Examinadora

*Dedico este trabalho à minha querida
irmã Thays, em memória, por tudo de
maravilhoso que representou – e
sempre representará – em minha vida.*

AGRADECIMENTOS

Ainda que eu não tenha meios para expressar a enormidade da minha gratidão, gostaria de registrar uma homenagem às pessoas que, de alguma forma, foram importantes para a realização deste trabalho. Agradeço muito carinhosamente:

À minha orientadora, Maria José Fontelas Rosado-Nunes, uma daquelas pessoas imprescindíveis ao mundo, porque é sempre incansável na busca da justiça e da democracia radical. Apesar de ser uma das maiores autoridades em gênero e religião do Brasil, segue sendo uma pessoa simples, que trata a todas/os com o mesmo respeito e atenção. Agradeço profundamente pela generosidade, pela liberdade que me permitiu nesse percurso, pelo estímulo intelectual e o respeito cotidiano, pelo carinho com que me apoiou nos momentos de angústia e, sobretudo, pela confiança que sempre demonstrou ter no meu trabalho;

À Thays Busin Glasgow, minha irmã amada, que tinha o dom de me fazer sentir a pessoa mais especial do mundo e que vibrou comigo desde o início do mestrado, me dando todo apoio emocional e intelectual para eu prosseguir;

À Fabiana Cavalcante Lopes, minha amada companheira, pelo carinho, pelo estímulo, pelo apoio cotidiano e pela nossa convivência amorosa, tranqüila e harmoniosa;

À minha mãe, Helena, à minha madrinha, Aniceza, às primas Zezé e Dirce, à minha irmã Cynthia e ao meu cunhado, Urbano, pelo amor que nos une e apóia;

Às minhas sobrinhas amadas, Daphne, Laura e Beatriz, porque, além de lindas e inteligentes, têm o coração livre de preconceitos;

À Regina Jurkewicz, amiga querida, que foi a responsável por eu ter ingressado nas Ciências da Religião, e que, de forma muito solidária, me apoiou consistentemente em diversos momentos do meu percurso no mestrado;

À Reginaceli Americano Freire, minha queridíssima Céli, amiga de todas as horas, que fez o possível e o impossível para eu ter condições de trabalhar na dissertação. Não haverá palavras no mundo que cheguem para agradecê-la, o que farei eternamente;

A Paulo Fernando Pereira de Souza, amigo da vida inteira, com quem tive momentos de troca intelectual e afetiva que me ajudaram muito no correr do mestrado;

Às amigas Alcilene, Dulce, Jaira, Marta, Neide, Regina, Rosângela, Zeca e Yury e ao amigo Luiz, de Católicas pelo Direito de Decidir, que me deram todo apoio possível e imaginável para que eu pudesse realizar este trabalho com tranquilidade;

Ao Fernando Londoño, professor e amigo, com carinho e admiração pela competência, seriedade e dedicação aos alunos, mas especialmente pelo brilho que há em seu olhar ao ensinar, mesmo depois de tantos anos de carreira;

Ao José J. Queiroz, professor querido, pelo carinho com que ensina e pela inestimável ajuda no meu processo junto à FAPESP;

À profa. Dra. Maria Cristina G. Vicentin, pelo carinho, generosidade, dedicação e respeito aos/às seus/suas alunos/as; pela leitura atenta e observações precisas feitas durante o exame de qualificação; pelo apoio a este trabalho – e a outros – com indicações bibliográficas preciosíssimas;

À profa. Dra. Bernadete A. Gatti, pela ajuda generosa para a realização dos grupos focais e por observações fundamentais feitas no meu exame de qualificação;

À profa. Dra. Maria das Dores Campos Machado, pela atenção e pelas indicações bibliográficas que enriqueceram o trabalho;

À Angela Maria Lucas Quintiliano, colega de mestrado e amiga querida, que aceitou o desafio de moderar os grupos focais que fizemos no âmbito desta pesquisa, o que fez com muita dedicação e competência; pelas discussões e reflexões teóricas que compartilhamos; pela confiança em meu trabalho; pela disposição incansável, trabalho sério e toda a responsabilidade com que

sempre se empenha na organização de eventos acadêmicos de que participamos juntas; e pela sensibilidade solidária que a fez “abraçar a causa” LGBTTI depois de nossas conversas e encontros;

Aos colegas de mestrado Teresinha Ferreira Leite Matos e Michael Gonçalves da Silva, juntamente com Angela Quintiliano, pelo grupo de estudos sobre grupo focal que formamos, o que nos deu sólida base teórica e técnica para a realização da pesquisa de campo;

Aos/às participantes dos grupos focais, que generosamente aceitaram falar de suas experiências de vida, que tanto me ajudaram e enriqueceram este trabalho;

A todos/as amigos/as que me ajudaram generosamente, enviando convites que possibilitaram encontrar voluntários/as para participar dos grupos focais;

Ao Carlos Machado, meu querido amigo Carlinhos, pela tradução do resumo;

Aos/às colegas, amigos/as e professores/as das Ciências da Religião e do GREPO – Grupo de Pesquisa Gênero, Religião e Política, ambos da PUC/SP, com quem compartilhei intensos momentos de reflexão, de companheirismo e de muita alegria;

Aos/às colegas e amigos/as com quem compartilhei momentos de efervescência intelectual durante o semestre em que cursamos juntos/as a matéria *Modos de subjetivação na contemporaneidade* da pós em Psicologia Social da PUC/SP;

À Mariana Prioli Cordeiro, pela generosa indicação de textos e livros que muito me ajudaram na análise dos grupos focais;

Ao Lula Ramires, à Regina Facchini e à Isadora Lins, amigo/as e parceiro/as de militância LGBTTI, por tudo o que aprendi com ele e elas na militância e no âmbito acadêmico;

À Laura Bacellar, Hanna Korich, Lúcia Facco, Renata Lima, Pati Cavaquinho, Karla Lima e Thelma Santos, pela torcida e porque existem amorosamente em minha vida;

Aos/às jovens que participaram do *Seminário Juventude, religião e ética sexual*, por tudo o que pude aprender com eles/elas e pelo amor que surgiu entre nós;

Aos companheiros e às companheiras do *Seminário Interreligioso de Diversidad Sexual del Cono Sur*, pela rica troca intelectual e pela forte experiência emocional que nos uniu;

Às companheiras do grupo de ajuda mútua do grupo Umas & Outras, com quem compartilhei momentos muito intensos, e que plantaram em meu coração a primeira sementinha de inquietação que veio a desabrochar neste trabalho;

À Andréia Bisuli de Souza, meu anjo da guarda e secretária do Programa de Pós das Ciências da Religião da PUC/SP, por todo o carinho e atenção com que me ajudou em diversas etapas do mestrado;

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de mestrado que viabilizou financeiramente os primeiros meses do meu percurso;

À FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo apoio financeiro, por meio de bolsa de estudos e reserva técnica, que viabilizaram materialmente os dois anos finais do meu mestrado;

A todos/as amigos/as e companheiros/as da militância LGBTTI e feminista, pelo inconformismo e pela coragem de lutar abertamente contra tantas injustiças.

.

RESUMO

A homossexualidade, como a desigualdade de gênero, foi biologizada e naturalizada desde o final do século XVIII, inscrevendo no imaginário social a idéia, ainda hoje vigente, de que o “ser homossexual” é uma essência a que corresponde uma identidade fixa. Dado que as religiões são modeladoras de subjetividades, o presente trabalho investiga como a religião católica, majoritária no Brasil, contribui para a construção da auto-imagem de gays e lésbicas. Como o catolicismo é patriarcal, buscamos compreender qual é a relação entre a desigualdade de gênero presente na religião católica e a construção da identidade social de homossexuais. Para isso, trabalhamos identidade, gênero e religião em diversas interconexões, partindo de uma perspectiva foucaultiana e aproximando-nos do construcionismo social. Os dados do campo empírico foram obtidos por meio da realização de dois grupos focais, um com homens que se declaram gays e outro com mulheres que se declaram lésbicas. Pelas discussões teóricas e pela análise dos grupos focais, constatamos que o catolicismo contribui de forma significativa para uma percepção negativa que gays e lésbicas têm de si mesmos/as, por inscrever a homossexualidade em um campo de ilegitimidade moral e pela internalização muito precoce das idéias de pecado, vergonha e culpa que marcam fortemente as pessoas homossexuais. Foi possível constatar também que as marcas de gênero presentes na condenação católica da homossexualidade incidem de forma diferenciada sobre a construção da identidade gay e sobre a construção da identidade lésbica.

Palavras-chave: homossexualidade, catolicismo, gênero, identidade

ABSTRACT

The homosexuality, as well as the inequality between genders, was biologized and naturalized at the end of the eighteenth century, inscribing in the social imaginary the idea, still current, that the "homosexual being " is an essence to which conforms a fixed identity. Considering that religions shape subjectivities, this work investigates how the Catholic religion, predominant in Brazil, contributes to building the self-image of gays and lesbians. Since Catholicism is patriarchal, we inquire into the kind of relationship between the gender inequality present in Catholicism and the formation of the social identity of the homosexuals. For that, we focused on the concepts of identity, gender and religion in their various interconnections, beginning from a foucaultian point of view, also approaching to the social constructionism. The data of the empiric field were collected from two focal groups: one group composed of men, and the other composed of women that declare themselves gays and lesbians respectively. By the conducted theoretical discussions and analysis of focal groups, we found out that Catholicism contributes significantly to the negative perception that gays and lesbians have of themselves by labeling homosexuality as morally illegitimate and by inculcating on the homosexual people, very early in their lives, the concepts of sin, shame and guilt that strongly influence them. We could also conclude that the marks of gender used by the Catholicism to condemn the homosexuality influences in different ways the building up of the gay and of the lesbian identities.

Keywords: homosexuality, Catholicism, gender, identity

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
Da motivação inicial	21
Do problema	22
Das partes	27
CAPÍTULO 1 - GÊNERO – uma introdução	29
1.1 Gênero, diferença sexual e desigualdade social	30
1.2 Desigualdade de gênero	32
1.3 A categoria gênero	34
1.4 Homossexualidade e gênero	42
CAPÍTULO 2 - IDENTIDADE HOMOSSEXUAL – o que é, como se constrói	47
2.1 Homossexualismo, homossexualidade, homoerotismo, homossexual	48
2.2 Definindo identidade	49
2.3 Preconceito, estereótipo e estigma	51
2.4 Identidade homossexual – uma fábrica de vergonhas e medos, de segredos e mentiras	55
CAPÍTULO 3 - RELIGIÃO, SEXUALIDADE E GÊNERO	65
3.1 O campo religioso brasileiro	65
3.2 A moral sexual católica – um breve histórico	69
3.3 Família, <i>ethos</i> privado e religião	73
3.4 Religião católica e desigualdade de gênero	77
3.5 Religião católica e homossexualidade	79
CAPÍTULO 4- SOBRE O PROCESSO DA PESQUISA	87
4.1 A abordagem qualitativa, o construcionismo e a perspectiva foucaultiana	87
4.2 O que é Grupo Focal?	91
4.3 Procedimentos metodológicos	93
4.3.1 Da composição, número e duração dos grupos focais	93
4.3.2 Do local	97
4.3.3 Da ética, do registro e do sigilo	97
4.3.4 Das regras de funcionamento e do roteiro	98
4.3.5 Conhecendo os grupos	99
4.3.5.1 O grupo focal de homens que se declaram gays	100
4.3.5.2 O grupo focal de mulheres que se declaram lésbicas	102
4.3.6 Do tratamento dos dados	104
CAPÍTULO 5 - HOMOSSEXUALIDADE, RELIGIÃO E GÊNERO	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS	159
E depois? Questões suscitadas pelo trabalho	165
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	167
ANEXOS	173
ANEXO I – TCLE – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido	173
ANEXO II – MODELOS DE TABELAS	
1. Grupo Focal das Mulheres	175
2. Grupo Focal dos Homens	176
ANEXO III – MODELOS DE LINHA NARRATIVA	
1. Grupo Focal dos Homens	177
2. Grupo Focal das Mulheres	178
ANEXO IV – E-MAIL E CONVITE	
1. Modelo do e-mail enviado para conhecidos/as e amigos/as	179
2. Modelo de convite enviado em anexo no e-mail	181
ANEXO V – ROTEIRO Grupo Focal Homens	183
ANEXO VI – ROTEIRO Grupo Focal Mulheres	185
ANEXO VII – PARECER COMITÊ DE ÉTICA	187

CARTILHA DA CURA

*As mulheres e as crianças são as primeiras que
desistem de afundar navios.
(Ana Cristina César)*

INTRODUÇÃO

Da motivação inicial

Com a experiência de quatro anos à frente de um grupo de militância lésbica, o Umas & Outras, e especialmente nos três anos (2002 - 2005) em que coordenamos um grupo de ajuda mútua para lésbicas, pudemos constatar que a maioria das mulheres homossexuais¹ com quem nos deparamos - e foram centenas nesse período - passou ou passa por dificuldades para se aceitar, vendo-se de forma negativa, desvalorizando-se e até se submetendo, algumas vezes, a situações humilhantes ou degradantes.

Esta percepção negativa de si era comumente marcada por um sentimento de vergonha e por uma forte culpa. Culpa por viver prazerosamente sua sexualidade, já que isso é um tabu para todas as mulheres, culpa por não seguir o que se espera delas: casar-se com um homem, ter filhos e, assim, finalmente, realizar-se como esposa e mãe. O conflito religioso aparecia no grupo de ajuda mútua de forma recorrente. Em conversas com amigos/as e parceiros/as da militância LGBTTI², foi possível verificar que a situação de sofrimento fundado na culpa e na vergonha é comum também entre os gays. E, como pano de fundo, também há a questão religiosa.

Desta nossa experiência pessoal, surgiu a necessidade de pesquisar e entender melhor a problemática da relação entre religião e homossexualidade. Ao começar nossos estudos sobre o tema, encontramos uma enorme coincidência entre o que percebemos na experiência do grupo de ajuda mútua do Umas & Outras e a do antropólogo Jonathan Ned Katz. Ele mostra que o

¹ É importante assinalar que, no âmbito deste trabalho, focalizaremos apenas a orientação sexual de pessoas homossexuais. A bissexualidade e a questão da identidade de gênero (relativa a travestis, transexuais e intersex) não farão parte nem das discussões teóricas, nem da análise do material empírico. Ainda que em alguns momentos utilizemos a sigla LGBTTI, o faremos em situações específicas, normalmente relacionadas com o movimento de militância organizado.

² LGBTTI é sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Intersex. Adotamos essa sigla em consonância com a Campanha por uma Convenção Interamericana por Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos. Essa campanha é organizada e promovida conjuntamente por redes e organizações da América Latina e do Caribe e pretende conseguir que uma convenção internacional seja realizada entre os países das Américas para discutir os direitos sexuais e os direitos reprodutivos no marco dos direitos humanos. Fonte: site da Campanha por uma Convenção. Disponível em: www.convencion.org.uy. Acesso em: 22 ago. 2008

sofrimento de quem se descobre gay ou lésbica é intenso e passa pela culpa e pela vergonha. Ele nos conta que ainda se lembrava vivamente, quarenta anos depois, do pavor que a palavra homossexual provocou nele, em 1956, na manhã seguinte à primeira relação sexual com um garoto (aos 18 anos). Mais adiante, comentando a conquista de um pouco de paz (aos 33 anos!) ao se engajar na militância pelos direitos dos gays, diz: “Passamos por uma mudança básica – de uma imagem de nós mesmos como monstros-aberrações para opositores ultrajados” (KATZ, 1995, p.16). O tom triste dessa coincidência é que história de sofrimento de muitos garotos e garotas está começando hoje, mais de cinquenta anos depois da dele!

Do problema

Essa mudança substancial de posicionamento de homossexuais, apontada por Katz, tem relação com o fortalecimento do movimento de afirmação homossexual ocorrido após o surgimento da epidemia da aids, em meados dos anos 1980 (PECHENY, 2005). Em sua luta por direitos civis, a militância vem reivindicando um lugar de normalidade para lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersex³, usando a visibilização como estratégia para confrontar e desconstruir os estereótipos fortemente arraigados no imaginário social.

A reivindicação da condição de normalidade para pessoas homossexuais exemplifica bem a importância que a militância organizada atribui à sua própria visibilidade. No imaginário social, a homossexualidade ainda é vista como doença, distúrbio ou transtorno, apesar de organizações médicas, entidades de classe da área de saúde – e de saúde mental - , entre outros, virem reiteradamente declarando que a homossexualidade não é perversão, distúrbio ou doença. Como aponta Luiz Mott,

Há décadas, modernas e sólidas pesquisas multidisciplinares internacionais garantem que “a homossexualidade não constitui doença, distúrbio ou perversão”. Já em 1970 a American

³ No Brasil, ainda não há uma ação organizada por parte de pessoas intersex, anteriormente conhecidas apenas no meio médico como “hermafroditas”.

Psychology Association, desde 1985 o nosso Conselho Federal de Medicina e desde 1993 a Organização Mundial de Saúde excluíram o código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças, deixando a homossexualidade de ser considerada “desvio e transtorno sexual”. Em 1999 foi a vez do Conselho Federal de Psicologia promulgar portaria ratificando a normalidade da homossexualidade, em tempo que condenou as teorias e terapias homofóbicas. (...) (MOTT, 2006, p. 510)

No Brasil, como em todo o mundo, os temas da homossexualidade, bissexualidade, travestilidade e transexualidade vêm obtendo cada vez mais visibilidade. Em 2007, a Parada de Orgulho GLBT⁴ de São Paulo, evento anual realizado na cidade de São Paulo, teve sua décima primeira edição, levando mais de três milhões de pessoas às ruas. Se levarmos em conta que em sua primeira edição, em 1997, pouco mais de duas mil pessoas participaram do evento, podemos ter a dimensão da rapidez com que a luta por direitos civis para pessoas LGBTTI vem aumentando no país⁵.

Essa tendência se confirma pelo número crescente de grupos e ONGs⁶ que se formam para lutar por direitos civis ainda negados aos/às cidadãos e cidadãs homossexuais. O primeiro grupo de militância homossexual brasileiro surgiu em São Paulo em 1978, chamava-se SOMOS. (FRY e MACRAE, 1983). Três décadas depois, em uma rápida examinada no site da ABGLT - Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis e Transexuais⁷, vemos que entre seus afiliados há cerca de 140 grupos organizados espalhados por todas as regiões do Brasil.

⁴ GLBT é sigla para Gays, Lésbicas, Bissexuais, Transexuais e Travestis. É importante observar que há uma grande variedade de siglas no interior do próprio movimento, o que Regina Facchini chamou de “sopa de letrinhas” (FACCHINI, 2005). O movimento, em seu início conhecido apenas por “gay”, foi tendo de se acomodar às reivindicações de visibilidade dos segmentos que o compõe, incluindo na nomenclatura as letras que lhes correspondem. Há outras variações circulando no país, como as que incluem transgêneros (como em GLBTQT) ou até mesmo queer (como em LGBTQ), entre outras. Em junho de 2008, durante a Conferência Nacional GLBT, promovida pela Secretaria Especial de Direitos Humanos do Governo Federal, votou-se pelo uso da sigla LGBT, como reivindicação de maior visibilidade feita por parte do movimento lésbico. A decisão se deu por votação e um dos argumentos foi que o movimento internacional já utiliza a sigla LGBT. Fonte: portal MixBrasil, em http://mixbrasil.uol.com.br/mp/upload/noticia/11_101_67223.shtml. Acesso em 22 de agosto de 2008.

⁵ Cf. Associação da Parada do Orgulho GLBT de São Paulo, entidade que atualmente organiza o evento (endereço: <http://www.paradasp.org.br>). Acesso: 19 set. 2005.

⁶ ONG é sigla para Organização Não Governamental.

⁷ Cf. ABGLT (em <http://www.abglit.org.br/port/index.php>). Acesso: 22 agosto de 2008

Em relação aos direitos civis, segundo matéria da Revista Super Interessante (GWERCMAN, 2004), as pessoas LGBTTI têm pelo menos 37 direitos a menos em relação aos/às demais cidadãos/ãs, entre eles o direito à união civil, à herança e à pensão. Como aponta Giumbelli, há uma relação entre política e religião que “(...) tem conseqüências, inclusive, para as discussões sobre os marcos jurídicos que regulam questões relacionadas à sexualidade na sociedade brasileira” (GIUMBELLI, 2005, p. 13)

Um caso emblemático é o do Projeto de Lei nº 1.151, de 1995, de autoria da então deputada federal Marta Suplicy, chamado de Parceria Civil Registrada (PCR) e que regula a união estável entre pessoas do mesmo sexo. Completando treze anos em 2008, esse projeto ainda espera a sua vez de ir à votação em plenário. Isso ocorre porque o governo federal, quando precisa de apoio político para algum projeto de seu interesse, negocia a retirada de pauta do PCR, especialmente com aqueles que compõem a chamada bancada evangélica⁸, frontalmente contrária à aprovação dessa lei.

Outro exemplo, mais recente, é o do Projeto de Lei 122/2006, que criminaliza a homofobia no Brasil. A reação de grupos religiosos fundamentalistas, em alguns casos apoiados pela própria instituição religiosa, tem sido intensa. Campanhas contra essa lei vêm sendo deflagradas nos templos e igrejas e nos programas religiosos de rádio e tv. O principal argumento utilizado é que, em sendo aprovada, essa lei promoveria uma perseguição religiosa sem precedentes, já que padres e pastores/as não poderiam mais falar contra a homossexualidade publicamente ou, ainda, não se poderia impedir um/uma homossexual de fazer parte dos quadros da igreja etc.

Mas não é só no Brasil que as religiões interferem diretamente na aprovação de leis e adoção de políticas públicas que garantam direitos civis às pessoas homossexuais. Tomemos como exemplo o caso do Canadá. Em 31 de julho de 2003, o cardeal Joseph Ratzinger, atual Papa Bento XVI, então prefeito da Sagrada Congregação da Doutrina da Fé, deu início a uma campanha contra o chamado “casamento gay” e contra a adoção de leis que

⁸ Bancada evangélica é uma denominação dada pela imprensa ao conjunto de parlamentares oriundos de ou ligados a alguma religião evangélica.

permitissem essa união, publicando uma declaração intitulada "Considerações Sobre os Projetos de Reconhecimento Legal das Uniões entre Pessoas Homossexuais".⁹ À época, duas províncias canadenses já tinham aprovado legislação favorável à união civil de pessoas do mesmo sexo e se debatia a possibilidade de aprovação de lei semelhante em nível nacional. Depois da publicação da campanha comandada por Ratzinger, deputados/as católicos/as recuaram e a lei só foi aprovada no Canadá, em 28 de junho de 2005, com dois anos de atraso e com uma votação muito apertada, 158 votos a favor e 133 contra. Quase a totalidade do Partido Conservador votou contrariamente à lei.¹⁰

No Brasil, considerado o maior país católico do mundo em número absoluto de fiéis, o ideário católico permeia a sociedade como um todo, e até mesmo as pessoas que não seguem as religiões cristãs são envolvidas por esse discurso. Como algumas concepções da moral cristã são frontalmente desfavoráveis à homossexualidade, que é geralmente condenada, as pessoas homossexuais brasileiras, independentemente de seu credo, estão impregnadas – como quase todas as suas relações interpessoais – por esse ideário. É importante observar, então, que declarações deste tipo, especialmente as vindas do Vaticano, têm efeitos sociais que ultrapassam as fronteiras do catolicismo. Repercutem amplamente em nosso país, reforçando – e sacralizando – os estigmas e os estereótipos relativos à homossexualidade já existentes.

O Parlamento Europeu, instituição da União Européia, publicou em 2008 um estudo realizado em 44 países da Europa sobre os riscos de suicídio entre jovens e crianças. Intitulado "O suicídio de crianças e jovens na Europa: um grave problema de saúde pública"¹¹, o trabalho aponta que os índices de suicídio entre jovens lésbicas, gays, bissexuais e transexuais é superior ao de jovens heterossexuais. O documento deixa claro que esse risco mais alto de suicídio entre jovens LGBTTI não está diretamente relacionado à orientação sexual ou à questão de gênero, mas sim à estigmatização e à discriminação

⁹ Fonte: site do Vaticano. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20030731_homosexual-unions_po.html. Acesso em: 22 ago. 2008.

¹⁰ Fonte: Yahoo Notícias Brasil <http://br.news.yahoo.com/050629/40/v9wa.html>. Acesso: 16 set. 2005.

¹¹ Fonte: Site A Capa, em: <http://www.acapa.com.br/site/noticia.asp?codigo=4332>

que estes/as jovens sofrem na sociedade, fator gerador de instabilidade psicológica e física.

Como vemos, a reiterada condenação pública da homossexualidade não é inócua e chega a representar risco para a saúde e para a vida de gays e lésbicas. Isso ocorre porque homossexuais nascem e crescem numa sociedade que os/as considera imorais, errados/as, sujos/as, quando não doentes ou aberrações. E sobre eles/elas se diz que cometem abominações ou obscenidades, entre outras coisas. Imersos/as nesse discurso, quando se descobrem com desejo ou amor por uma pessoa do mesmo sexo, as pessoas homossexuais já internalizaram tais preconceitos que circulam em seu meio e, como regra geral, têm dificuldades para se aceitar. Quando finalmente conseguem assumir a sua orientação sexual pelo menos para elas próprias, sentem-se desvalorizadas, desqualificadas, pois já formaram uma imagem negativa da homossexualidade e, conseqüentemente, de si mesmos.

Como as religiões são modeladoras de subjetividades, o presente trabalho investiga de que forma a religião católica contribui para a construção dessa auto-imagem de pessoas homossexuais. Dado que o caráter patriarcal do catolicismo, buscamos compreender qual é a relação entre a desigualdade de gênero presente na religião católica e a construção da identidade social de homossexuais. Para isso, trabalhamos identidade, gênero e religião em interconexões diversas, partindo de uma perspectiva foucaultiana e aproximando-nos do construcionismo social.

Em nível teórico, alguns autores e autoras foram norteadores/as da análise. Conceitos centrais para o trabalho analítico foram: o dispositivo da sexualidade (Foucault e Costa); gênero (Scott, Butler, Bedia, Teles, Swain) a performatividade da linguagem (Foucault, Spink, Ibañez e Iñiguez); identidade pressuposta/imposta (Ciampa), social (Heilborn) e deteriorada (Goffman); preconceito (Agnes Heller); imagem e imaginário (Laplantine e Trindade); segredo como fundante da identidade homossexual (Pecheny); as relações entre família, religião e *ethos* privado (Duarte, Machado e Natividade); a moral sexual católica, poder e religião (Ryan, Jurkewicz, Gerstenberger e Rosado-Nunes); e pesquisa qualitativa e a técnica do grupo focal (Gatti, Gondim e Carlini-Cotrim).

O dados do campo empírico foram obtidos por meio da realização de grupos focais com treze pessoas adultas, com idades entre vinte e quatro e setenta e três anos, que se declaram homossexuais e são residentes na Grande São Paulo. Dez pessoas (seis homens e quatro mulheres) não são militantes do movimento LGBTTI e três participam da militância (um homem e duas mulheres). Foram realizados dois grupos focais: um com sete homens que se declaram gays e outro com seis mulheres que se declaram lésbicas.

Das partes

No capítulo 1, fazemos uma breve introdução à categoria gênero, sua origem e as suas diferentes abordagens. Mostramos também como a desigualdade de gênero e a patologização da homossexualidade foram naturalizadas e essencializadas de forma homóloga, criando-se assim a idéia de que o “ser mulher” e o “ser homossexual” são identidades fixas que definem as pessoas e demarcam expectativas de comportamentos relacionados a elas.

No capítulo 2, trabalhamos a construção da identidade homossexual, articulando conceitos como identidade, estigma, estereótipo e preconceito. Partimos da compreensão de que a identidade é uma construção social que se dá no plano da interdiscursividade, articulando-a com os estereótipos relativos à homossexualidade presentes no imaginário social. Trabalhamos com a idéia de que a homossexualidade é um segredo fundante da identidade e das relações pessoais de homossexuais, relacionando-o com a oposição privado vs. público, ou seja, como uma espécie de pacto social que exige discrição e invisibilidade de homossexuais como “moeda de troca” da tolerância.

No capítulo 3, apresentamos elementos da composição atual do campo religioso brasileiro em função daquilo que será necessário para iluminar a discussão do presente trabalho. Buscamos compreender teoricamente o papel desempenhado pelas religiões na vida das pessoas que aderem a ela ou na cultura envolvente. Elencamos questões relacionadas à moral sexual católica, a família e o *ethos* privado. Apresentamos indagações que envolvem o catolicismo e desigualdade de gênero. Discutiremos a religião como modeladora de subjetividades e traremos os sentimentos de culpa e vergonha

relacionados à homossexualidade e à religião. Por fim, apresentaremos uma especificidade do trânsito religioso de homossexuais.

No capítulo 4, mostramos como foi o processo de coleta dos dados que compuseram o material empírico. Daremos as razões de nos filiarmos a uma abordagem qualitativa, apresentamos brevemente o construcionismo, a técnica do grupo focal, uma síntese da composição dos próprios grupos e a maneira pela qual optamos para organizar os dados para fazer a análise.

No capítulo 5, apresentamos a análise do *corpus* empírico obtido por meio das discussões nos grupos focais de gays e de lésbicas, fazendo a relação entre a discussão teórica realizada nos capítulos anteriores com o que foi trazido pelos/as participantes dos grupos. Este capítulo ficou mais longo do que a média dos anteriores e não possui divisão em tópicos. Isso se deveu ao fato de os temas trabalhados na teoria aparecerem de forma concentrada e interconectados, dificultando até mesmo o desdobramento do capítulo em outros.

Nas Considerações Finais, buscamos articular a teoria e prática, sempre tendo em mente que nosso objetivo, no presente trabalho, é verificar como se dá a influência do ideário católico na formação da auto-imagem de gays e lésbicas e observar se isso se dá de maneira diferenciada para homens e mulheres homossexuais. Procuramos apontar também caminhos e indagações para a continuidade de pesquisas sobre esse tema, ainda pouco explorado academicamente.

CAPÍTULO 1

GÊNERO – uma introdução

*Ele é quem quer
Ele é um homem e
eu sou apenas uma mulher*
(Caetano Veloso, trecho da música
Esse Cara)

*(...) Olha a moça inteligente,
Que tem no batente o trabalho mental
QI elevado e pós-graduada
Psicanalizada, intelectual
Vive à procura de um mito,
Pois não se adapta a um tipo qualquer
Já fiz seu retrato, apesar do estudo,
Você não passa de uma mulher (viu, mulher?)
Você não passa de uma mulher (ah, mulher)
Menina-moça também é mulher (ah, mulher)
Pra ficar comigo tem que ser mulher (tem, mulher)
Fazer meu almoço e também meu café (só mulher)
Não há nada melhor do que uma mulher (tem, mulher?)
Você não passa de uma mulher (ah, mulher)
(Martinho da Vila, trecho da música
Você não passa de uma mulher)*

Discutir a perspectiva de gênero no presente trabalho é essencial, pois se partirá do princípio de que a naturalização das desigualdades sociais entre homens/mulheres e homossexuais/heterossexuais tem a mesma origem. Também serão as questões de gênero que servirão de parâmetro para discorrer, em outro capítulo, sobre alguns elementos do ideário católico e verificar se a influência dele sobre gays e lésbicas, se dá de forma diferenciada.

Como gênero não é uma categoria unívoca, sendo interpretada e usada de formas diferentes, far-se-á aqui uma breve introdução sobre gênero e seus usos mais comuns e se indicará, ao longo do texto, qual será a compreensão sobre essa categoria que norteará a discussão deste trabalho. Como trata-se apenas de uma breve introdução, omissões são esperadas, sem que se comprometa, porém, a compreensão da abordagem escolhida.

1.1 Gênero, diferença sexual e desigualdade social

Depois do surgimento da ideologia burguesa, no final da Idade Moderna por obra dos filósofos iluministas (mais claramente por Rousseau) ainda no século XVIII, que foi ratificada e intensificada pelos cientistas do século XIX, as expectativas sociais sobre homens e mulheres na sociedade ocidental basearam-se em características biológicas, especialmente nas diferenças entre os sexos. Nem sempre foi assim, porém.

Até o início do século XVIII, o modelo de compreensão ocidental sobre as diferenças entre homens e mulheres era baseado no pensamento metafísico neoplatônico, que não representava a sexualidade humana como bipolar, não havendo, portanto, uma sexualidade masculina e outra feminina. O modelo neoplatônico baseava-se em um modelo de um sexo só (*one-sex model*) com diferenças apenas evolutivas: o homem era a versão mais evoluída, pois seus genitais eram visíveis, em comparação com a mulher, conseqüentemente considerada inferior. Como explica Jurandir Freire Costa, “a diferença entre mulheres e homens era percebida; só não era explicada pela diferença originária de sexos”. (COSTA, 1996, p. 71)

Ao contrário do que se imagina correntemente, não foi a ciência do século XIX que, ao produzir o conhecimento sobre o dimorfismo anatômico dos corpos humanos, determinou a desigualdade social entre homens e mulheres. Antes, foi a produção teórica da filosofia e moral burguesas do século XVIII que criou tais distinções. Para se afirmar como classe, distinguir-se do Antigo Regime e justificar a velha e indefensável dominação masculina sobre a mulher – num período em que a igualdade política era a principal bandeira –, começam-se a produzir práticas discursivas no âmbito da política (com expoentes como Rosseau, Roussel, Cabanis e Moreau) que depois serão apropriadas pela medicina e pela biologia do século XIX. Estava criado o modelo de dois sexos (*two-sex model*). “Com a bissexualidade original o Corpo e a Razão do Indivíduo passaram a dividir-se em corpo e razão de homens e mulheres” (COSTA, 1996, p. 75).

Foucault mostra como as relações de sexo deram lugar a um dispositivo¹² de aliança (matrimônio, parentesco, transmissão de nomes e bens), que se baseava na relação entre os indivíduos, o qual foi superposto pelo dispositivo de sexualidade. Esse dispositivo, por sua vez, funciona por meio de “técnicas móveis, polimorfos e conjunturais de poder” (FOUCAULT, 2006, p. 117). Nesse sentido, ele cria e dissemina formas de controle que invadem as intimidades e aprisionam os corpos, valorizando-os como objeto de saber e como elemento das relações de poder. Ao incidir – esquadrihar, medir, analisar, gerir, classificar – sobre as pulsões, os desejos, as sensações e a natureza do prazer, o dispositivo faz surgir a idéia de “sexualidade”, até então inexistente.

Para a auto-afirmação burguesa, coloca-se como central a preocupação com o corpo sexual. Se a nobreza havia usado a ascendência sangüínea para se estabelecer e fixar sua distinção de classe, a burguesia vai firmar-se a partir de seu corpo, mas pela descendência e saúde. “O ‘sangue’ da burguesia foi seu próprio sexo” (FOUCAULT, 2006, p.136). Tratava-se de um projeto de expansão e hegemonia burguesas, que encontrou na valorização da saúde e da vida, enfim, na cultura de seu próprio corpo, os meios de longevidade de sua classe.

A esses problemas de âmbito político e econômico que incidiram sobre a criação da imagem da mulher como um ser frágil e débil, somam-se outros dois: a) a tensão crescente que se dava entre vida pública e a vida privada, representada pela definição dos limites de interferência do Estado sobre as liberdades individuais, e b) a nova moral protestante vinda da Inglaterra. O primeiro resolveu-se pela definição do espaço privado como “reino” particular das mulheres e que, portanto, devia ser protegido do mundo externo pela suposta fragilidade biológica essencial delas. O segundo definiu uma nova moral familiar para distinguir a burguesia da aristocracia e da plebe: a vida pública é atribuição dos homens, o lar e a família são atribuições das mulheres. (COSTA, 1996). E a família é, como mostra Foucault, um dos principais

¹² Foucault define o termo dispositivo como “um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos.” (FOUCAULT, 2007, p. 244)

elementos táticos para o dispositivo da sexualidade: ela não tem poder de interdição; ao contrário, é um fator capital de sexualização (2006).

Sobre essa base ideológica já criada, assentou-se o discurso científico do século XIX. “É sobre esse pano de fundo cultural que o pensamento científico vai intervir. A ciência veio avaliar o que a ideologia já estabelecera.” (COSTA, 1996, p. 78). Duas das estratégias utilizadas pelo dispositivo de saber e poder a respeito do sexo são essenciais para a fixação do que hoje chamamos desigualdade de gênero: a socialização das condutas de procriação e a histerização do corpo da mulher.

A socialização das condutas de procriação dizem respeito à socialização econômica para regulação das populações, impondo o “ritmo” da fecundidade dos casais (FOUCAULT, 2006). A histerização do corpo da mulher foi produzida a partir da bi-sexualização dos ossos, dos nervos e do prazer erótico. Esquadrinhando as diferenças anatômicas entre homens e mulheres, o discurso científico vai produzir uma imagem de mulher que é, em sua essência, emocional e fisicamente frágil, naturalmente destinada à maternidade, mas não ao prazer sexual (COSTA, 1996). Está criada assim “a Mulher”.

1.2 Desigualdade de gênero

Desde então a virilidade é forjada a partir de idéias de força física e moral, desempenho sexual e competência intelectual. A feminilidade, por outro lado, foi pautada pela fragilidade física, pela sensibilidade aflorada e pela capacidade biológica de parir, reservando às mulheres o papel de mãe como destino a ser realizado. Assim, os espaços destinados aos sexos são determinados por tais idéias: o *locus* público é de domínio masculino, o espaço privado – o “lar” – é o território feminino. Também por essas capacidades biológicas se definem as tarefas relativas a cada sexo: homens devem ser provedores, responsáveis pelo sustento da família, são os atores da política e do poder, incluindo a defesa e a guerra. As mulheres, por sua vez, são as cuidadoras por natureza, responsáveis pelo bem-estar dos filhos e maridos. Sentimentos e expressão de afeto também receberam seu quinhão biológico: mulheres são ultra-sensíveis, medrosas, afetivas e delicadas; homens são

“durões”, são corajosos e não choram. Todas essas características diferenciadas de homens e mulheres foram consideradas naturais, já que determinadas pela biologia, ou melhor, pelo sexo biológico, e, por isso, são tidas como imutáveis.

O que se espera de homens e mulheres também foi valorizado de forma diferenciada. O que se refere ao masculino é tido como mais valoroso, honrado e digno. Os papéis¹³ femininos, ainda que reconhecidos como importantes, são depreciados quando comparados ao masculino. Para exemplificar, podemos pensar em algumas expressões correntes na sociedade contemporânea: hombridade é sinônimo de aspecto varonil, corporatura, mas também de nobreza de caráter e dignidade (Cf. verbete hombridade no Dicionário Aurélio); por outro lado, quando se quer diminuir um homem, um rapaz ou até um menino, uma das ofensas mais correntes é chamá-lo de “mulherzinha”.

Se ampliarmos nosso campo de análise, basta verificar as condições de trabalho e renda de homens e mulheres no Brasil. O trabalho doméstico é desvalorizado e não remunerado, mas se a mulher ocupa um posto de trabalho remunerado, seu salário é, Segundo a especialista regional em temas de Gênero da Organização Internacional do Trabalho (OIT), Lia Abramo, a mulher ganha 30% a menos que o homem¹⁴. Segundo dados da pesquisa *Sexo frágil? Evidências sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro*, divulgadas em agosto de 2005¹⁵, por exemplo, as mulheres brasileiras têm salários menores em todos os níveis de escolaridade, embora tenham tempo de estudo superior ao dos homens. Esses são apenas alguns poucos

¹³ Julgamos importante assinalar que a palavra “papéis”, no contexto deste trabalho, não está sendo usada como conceito, mas indicando apenas as expectativas sociais diferenciadas em relação a homens e mulheres.

¹⁴ Fonte: Portal da Administração. Disponível em:

http://www.administradores.com.br/noticias/mulheres_ganham_menos_mesmo_sabendo_mais/3270/. Acesso em: 23 de agosto de 2008.

¹⁵ A pesquisa foi desenvolvida pela Gelre, empresa especializada em Relações Humanas do Trabalho, em parceria com as professoras da UFMG, Ana Flávia Machado, Ana Maria Hermeto Camilo e Simone Wajnman, do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da Universidade Federal de Minas Gerais. (UFMG). Fonte: CEDECOM – Centro de Comunicação da UFMG. <http://www.ufmg.br/online/arquivos/002073.shtml>. Acesso em 25 de maio de 2007.

exemplos, mas a desigualdade entre homens e mulheres existe e perdura em quase todas as esferas da vida social.

1.3 A categoria gênero

Em sua luta contra essas desigualdades, o movimento feminista retomou sua força a partir da década de 1970 e, na década seguinte, começou a utilizar a expressão gênero, em um sentido antropológico, como uma categoria de análise da sociedade que busca descrever e teorizar sobre as diferenças e desigualdades entre homens e mulheres e, principalmente, como uma ferramenta para desnaturalizar as diferenças entre os sexos.

Algumas teóricas feministas entendem que o sexo criou e determinou o gênero. Ou seja, que as diferenças de ordem biológica é que determinaram os papéis e a desigualdade de gênero. Se, entretanto, observarmos que a mudança do modelo neoplatônico de um só sexo para o modelo burguês de dois sexos, como mostra COSTA (1996), é antecedido pela prática discursiva do ideário burguês sobre os papéis de homens e mulheres, e que a histerização do corpo da mulher responde a esse dispositivo (FOUCAULT, 2006), veremos que BUTLER (2003) tem razão ao afirmar que é o gênero que constrói o sexo:

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado 'sexo' seja tão culturalmente construído quanto o gênero. (BUTLER, 2003, P. 25)

Portanto, a desigualdade entre os gêneros é herdeira de valores definidos e fixados socialmente, gerando, assim, a própria idéia de sexo, de sexo biológico, de dois sexos e da noção de sexualidade. “Dessa forma, fica claro que a diferença entre os sexos é criação político-discursiva da economia binária dos gêneros ‘naturais’, cujo fundamento é a procriação.” (SWAIN, 2006, p. 134)

De qualquer forma, mostrar que as diferenças biológicas têm servido apenas de suporte, de “desculpa teórica” para se manterem as desigualdades culturalmente construídas, foi um primeiro e importante passo, pois o que é de

ordem biológica e natural não é, no imaginário social, considerado passível de ser modificado. Dessa forma, gênero adquire força e importância quando usado como conceito de cunho fortemente político, para produzir contra-discursos que se contraponham às redes de poderes que permeiam todas as relações sociais. Nesse sentido, vem sendo aplicado tanto na academia – no interior das ciências sociais –, quanto no âmbito de diversos movimentos sociais, como o feminista e de mulheres, o LGBTTI, de juventude etc. As teorias feministas abrem, assim, um espaço novo ao desvelar e questionar os mecanismos de poder patriarcais mais profundos e são interdisciplinares, porque a dominação masculina opera em todos os âmbitos (Cf. BEDIA, 1995, p. 61-62).

A ruptura provocada por Foucault (2007) ao contestar a idéia de poder como uma entidade única, centralizada, localizada e apenas repressiva é fundamental. Se o poder fosse exclusivamente repressor, centralizado e limitador, seria muito mais simples destruí-lo ou subvertê-lo. Ao mesmo tempo em que o(s) poder(es) masculino(s) sobre as mulheres se baseia(m) na submissão e na repressão, ele(s) também cria(m) sentidos e prazeres.

(...) O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. (...) (FOUCAULT, 2007, p. 8)

Por isso, podemos entender como muitas mulheres assumem, de fato, serem as “rainhas do lar”, ou o quanto se identificam com a maternidade como destino, na medida em que esse destino, ainda que imposto, o é de forma sub-reptícia, por uma exaltação extrema do papel da mulher-mãe, que cria e fixa uma identidade social valorizada, ainda que absolutamente aprisionante e redutora¹⁶. As teias de saber-poder que os discursos dominantes engendram são muito mais complexas e invisíveis, por isso mais amplas, eficazes e

¹⁶ Um eloquente exemplo disso foi estampado em uma propaganda da Universidade Mackenzie no Jornal Folha de São Paulo do dia 13 de maio de 2007, data em que se comemorou o ‘Dia da Mãe’. Sob as fotos de quatro mulheres que foram grandes líderes mundiais – Rainha Vitória, Margaret Thatcher, Indira Gandhi e Golda Meir, havia um pequeno texto descrevendo os feitos históricos delas e o número de filhos que tinham tido. Mais abaixo, o desfecho era “Hoje é o dia de lembrar a maior realização delas: ser mãe.”

resistentes. Com essa consideração, podemos entender por que as produções discursivas das teorias feministas, na medida em que são replicadas, reproduzidas e ecoam na sociedade, constroem importantes formas de resistência que, paulatinamente, vão deslocando os focos de disseminação de poder, permitindo maior liberdade de ser/estar ao romper com as identidades fixadas socialmente. O gênero como categoria de análise tem papel primordial nessa desconstrução dos micro-poderes estabelecidos.

Quando gênero chegou à academia como categoria de análise, outras categorias importantes para esse debate e para a compreensão da sociedade já eram amplamente usadas, como classe social e raça/etnia. As desigualdades de gênero e etnia são menos visíveis, pois ainda são tomadas como “se fossem mesmo da essência da natureza”. (TELES, 2007, p. 32), o mesmo se pode dizer da orientação sexual. Dificilmente se pode utilizar gênero de forma isolada, sem se considerarem essas outras categorias. Assim, mais recentemente a categoria orientação sexual se juntou às anteriores, compondo um instrumental importante para analisar/desconstruir o padrão hierárquico – ou referente, como prefere SWAIN (2006) – de poder estabelecido. Dessa forma, o que é mais valorizado socialmente é o homem branco, de bom poder aquisitivo e heterossexual. O que se afasta desse modelo é desvalorizado, passível de preconceitos e diversas formas de dominação-sujeição. É importante observar que tanto as desigualdades de gênero, quanto as de orientação sexual e raça/etnia encontram suas origens num tipo de eugenia produzido discursivamente pelo ideário burguês. Tanto as mulheres, como negros/as e “perversos sexuais” têm sua inferioridade propalada a partir da definição desse referente, justificado pela biologia, pela psiquiatria e pela medicina desde o século XIX. E a “psiquiatrização do amor perverso” foi, neste sentido, mais uma das estratégias utilizadas pelo dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 2006).

As abordagens de gênero, como nos conta SCOTT (1990) a respeito dos estudos feitos no âmbito da História, se dividem em duas categorias: uma, de caráter mais descritivo, que mostra a existência dos fenômenos sem interpretá-los ou procurar suas causas, e outra mais causal, que constrói teorias para explicar como e por que a realidade social assume essas

características (de desigualdade e de dominação masculina) em detrimento de outras.

A perspectiva de gênero não é usada de forma consensual, nem tem significado único. Houve quem usasse gênero em sua concepção mais simples e descritiva, como substituto de “mulheres”, numa tentativa de dar uma conotação mais objetiva e neutra ao estudo, mas usado nesse sentido não há tomada de posição sobre desigualdade ou sobre as relações de poder e, dessa forma, dissocia-se do significado político dado pelas teorias feministas, e não tem força para interrogar e quebrar paradigmas existentes. (SCOTT, 2006).

Buscando ir além dessa concepção, outras teorias articularam gênero com patriarcado, entendido como um conceito político em que o poder, as decisões e os privilégios encontram-se nas mãos dos homens (TELES, 2007, p.36). Questiona-se, sobretudo, por que o sistema de dominação patriarcal é universal, ou seja, está presente em todas as culturas e em todas as épocas.

BEDIA (1995) mostra que há pelo menos duas posições distintas sobre as relações de gênero e patriarcado: as teorias da coerção e as teorias do consenso. No primeiro caso, trata-se de enfatizar os elementos coercitivos da dominação dos homens sobre a mulheres: econômicos, políticos, ideológicos e/ou físicos. No segundo caso, estudam-se “as razões que induzem as mulheres a desejar aquilo que o patriarcado exige delas” (BEDIA, 1995, p. 73).

Podemos, assim, localizar parte das feministas que têm afinidades teóricas com o marxismo na primeira posição. Elas trazem importante contribuição à discussão de gênero, ao identificar as questões de classe social como um dos componentes da dominação masculina e da desigualdade de gênero. Entretanto, aquelas que procuram explicar o patriarcado apenas como produto do capitalismo esbarram em críticas contundentes, que mostram que as desigualdades de gênero e o patriarcado existiram em todas as épocas e o capitalismo é um sistema econômico forjado na Idade Moderna. Basta lembrarmos da posição das mulheres na Atenas da Grécia antiga, há mais de dois milênios, sem direito à cidadania e a participar das decisões políticas:

As funções das mulheres gregas estabeleciam que elas deveriam se doar ao máximo a seus maridos e filhos e, dessa forma, abdicar quase que totalmente de seus interesses e vontades. Cuidar do lar, monitorar o crescimento de seus filhos e devotar integral fidelidade ao marido passava a ser a vida de qualquer mulher grega, exceto daquelas que viviam em Esparta. (MACHADO, 2007)

Se olharmos para a Idade Contemporânea, os países que romperam com o capitalismo, como a China, a ex-União Soviética e Cuba, por exemplo, não deixaram de ser patriarcais. XINRAN nos mostra em seu livro *As boas mulheres da China* que o comunismo chinês manteve as desigualdades de gênero e as violências contra as mulheres em níveis insuportáveis e desconcertantes (2003)¹⁷. Assim, as desigualdades de classe social se articulam com as desigualdades de gênero, modulando intensidades, padrões e formas de discriminação, mas não são suficientes para explicar a permanência do patriarcado em outros sistemas econômicos.

Já as teorias do consenso se baseiam primordialmente nos processos de socialização, sexualização e nas ideologias sexuais. As teorias feministas que articulam gênero com teorias psicanalíticas, por exemplo, procuram mostrar como essas desigualdades são moldadas a partir das relações primárias, que ocorrem primeiramente no seio da família e, depois, encontram reforço nas instâncias de socialização (secundárias), como escola e outras comunidades de pertença, como as de cunho religioso. Isso se dá, por exemplo, pela interiorização dos papéis destinados a homens e mulheres desde a mais tenra infância, quando se aprende que meninos não choram, gostam de armas, carrinho e futebol, e meninas brincam de boneca e de casinha, ou até mesmo antes do nascimento, quando se compra o enxoval azul para meninos ou rosa para meninas e se coloca na porta do quarto, ainda na maternidade, a camisa do time de futebol ou uma de boneca. Com isso, se produzem duas formas de sentir e de se comportar totalmente diferentes e, por meio da socialização, os papéis de gênero são assumidos de forma inconsciente, reproduzindo a perspectiva de gênero.

¹⁷ Uma das histórias mais terríveis deste livro é a de Hua'er, violentada aos treze anos por vários homens em nome da "Revolução Cultural".

Uma das críticas que se faz a algumas destas correntes teóricas, como as que se articulam com as teorias das relações objetais (cujos teóricos mais conhecidos são Winnicott e Melanie Klein), é a falta de conexão com a realidade macro-social. Assim, a família e as relações interpessoais estariam praticamente sozinhas no cerne da questão e se desconsiderariam as instâncias políticas e econômicas, que também são produtoras de verdades e poderes que cristalizam as desigualdades de gênero, ordenando até mesmo o funcionamento e organização da própria família.

Gayle Rubin mostra que os discursos de alguns estruturalistas, como Freud (sobre a inveja do pênis, por exemplo) e Lévy-Strauss (universalizando os binarismos), estão baseados em preconceitos naturalizantes das desigualdades, já que “essa evidência da ‘natureza humana’ repousa (...) apenas em sua própria enunciação e engendra o sistema ao enunciá-lo.” (SWAIN, 2006, p. 125) . Ou seja, as práticas discursivas supostamente objetivas, pois que científicas, ao invés de descrever os fenômenos, criam-nos ao colocá-los no discurso. Aqui é importante lembrar que Foucault aponta que a produção , ou “a ‘iluminação’ da sexualidade não foi feita só nos discursos, mas também na realidade das instituições e das práticas.” (FOUCAULT, 2007, p. 230)

Dessa forma, a tarefa das feministas seria escapar dos tentáculos invisíveis dos poderes que assujeitam as mulheres, que dominam seus corpos, suas forças e suas vontades. Para isso, romper com as oposições binárias homem/mulher, masculino/feminino, heterossexual/homossexual, público/privado, seria um passo essencial.

Não basta, portanto, se opor ao poder e à dominação masculina, é preciso desconstruí-los com um discurso de outra ordem, que não mais reifique os padrões hierarquicamente ordenados e que desconstrua as identidades claustrofóbicas que cristalizam posições, ou seja, seria preciso promover uma “luta contra a captura pelas identidades prontas e impostas, formas que nos foram apresentadas como naturais e ligadas organicamente à conformação do próprio corpo.” (RAGO, 2006, p.110).

SWAIN (2006) acrescenta que não é possível pleitear a igualdade na diferença, isso seria manter juntos pólos de oposição que não se coadunam.

Para ela, ao invés de se manterem tais oposições, seria necessário “não ecoar o monótono da repetição do mesmo, mas as vibrações dos acordes múltiplos de uma história possível, instauradora de diversidades, não da diferença” (SWAIN, 2006, p. 136).

Seguindo essa linha, há quem discorde radicalmente da utilização de gênero como categoria de análise. A teoria queer, por exemplo, que se apóia em Foucault e Derrida e tem em Judith Butler um de seus principais expoentes, afirma que a categoria gênero não rompe com os paradigmas existentes, na medida em que perpetua as divisões binárias homem/mulher, feminino/masculino, homossexual/heterossexual e reifica o padrão de normatização hierarquizado. Para a teoria queer, a categoria gênero não rompe com a fronteira entre os sexos e não leva em conta, por exemplo, quem vive na fronteira entre eles, como travestis e transexuais (LOURO, 2001).

A teoria queer apresenta uma proposta radical de desconstrução dos paradigmas vigentes, com uma recusa peremptória de se manter atuando nos parâmetros dos mecanismos de poder estabelecidos. Nesse sentido, trata-se de uma epistemologia revolucionária, que pretende transformar a realidade social e as desigualdades por meio de uma mudança profunda de mentalidade, de se perceber o mundo.

Ao recusar as identidades sociais impostas, ao romper com a categoria de gênero e seus binarismos agregados, a teoria queer questiona até mesmo as políticas afirmativas dos movimentos sociais contemporâneos. Recusar rótulos seria, portanto, uma estratégia para se contrapor ao poder sem reificá-lo, seria escapar das

“(...) totalizações, classificações e amarrações, enfim, (...) [do] reforço da construção de referências identitárias hoje tão criticadas por seu efeito sedentarizante e pela ‘vontade de verdade’ que comportam, (...) fazendo que as marcas adiram eternamente à pele e ao corpo.” (RAGO, 2006, p. 111)¹⁸

Ainda que a proposta da teoria queer seja verdadeiramente transformadora, e não simplesmente reformadora ou conformadora, ela

¹⁸ Neste trecho, RAGO não discute especificamente a teoria queer, mas a proposta foucaultiana de heterotopias como contraponto “à busca marxista das ‘sínteses das múltiplas determinações’” (RAGO, 2006, p. 110-111).

apresenta alguns problemas, principalmente no que se refere às identidades sexuais. Em primeiro lugar, concordamos que tais identidades são impostas socialmente e que colocam indivíduos em verdadeiras camisas-de-força, pois ao serem socialmente identificados/as como homossexuais, bissexuais, travestis e transgêneros, definem-se simultaneamente para tais pessoas expectativas, papéis, lugares de (i)legitimidade, condenações e exclusões – estereótipos e estigmas.

Por outro lado, não podemos desconsiderar que, por processos de socialização primária e secundária, essas identidades são inconscientemente assimiladas pelos indivíduos, moldando seus modos de ser/estar/sentir no mundo. Tudo isso é marcado por sofrimento intenso, por violências várias (físicas, psicológicas, sexuais, simbólicas), por vidas que transitam à margem da sociedade e na beira de verdadeiros abismos psicológicos sem que se tenha feito uma opção consciente por ocupar esses lugares, por desempenhar esses papéis. Considerando que a mudança cultural profunda que poderá abrir brechas nestas prisões simbólicas e permitir modos de subjetivação, de construção de si em espaços de liberdade, poderá levar décadas para se tornar realidade, como desconstruir hoje essa fonte de sofrimento de milhões de pessoas?

O que se pode considerar é que, ao contrário, afirmar o direito de “ser o que se é” (ainda que isto tenha sido imposto) faça parte de uma estratégia de transição, uma tática para permitir que se abram desvãos por onde vislumbrar uma real transformação e um caminho de liberdade na multiplicidade e diversidade de modos de ser/estar, em que tais distinções sejam desfeitas, de forma que o sexo e a sexualidade não sejam mais definidores de essências.

A simples recusa das identidades sexuais também não é garantia de liberdade. SWIDLER relata que, em uma viagem à China, questionou alguns acadêmicos sobre a condição de pessoas homossexuais lá: “Havia leis discriminatórias contra gays? Não. Havia talvez leis que protegessem as famílias em detrimento dos gays? Não. Depois de algumas consultas, o

consenso era: ‘sem problemas, não existem homossexuais na China’” (SWIDLER, 1993, p. VIII)¹⁹.

Nesse sentido, talvez seja mesmo importante tornar essas identidades visíveis e reivindicantes de igualdade nas diferenças (com toda a ambigüidade que isso encerra), para que direitos e cidadania negados não sejam mais uma das táticas dos micro-poderes constituídos para assujeitar, controlar, dominar e, finalmente, devorar pessoas. Dessa forma, afirmar identidades e visibilizá-las de forma positiva pode ser uma forma de, junto com outras estratégias, se chegar à desejada invisibilidade, ou seja, quando a própria noção de sexualidade não tenha mais sentido e, portanto, deixe de marcar gente com o ferro da exclusão.

E, para isso, as lutas pela tomada dos discursos que vêm fazendo as feministas e os movimentos de afirmação homossexual têm encontrado na categoria gênero um poderoso aliado.

1.4 Homossexualidade e gênero

Como apontamos no início deste capítulo, as desigualdades sociais naturalizadas entre homens e mulheres e entre homossexuais e heterossexuais têm a mesma origem. O mesmo dispositivo que usou como estratégia a histerização do corpo das mulheres, alinhou também a homossexualidade junto às doenças psiquiátricas, ao que Foucault chamou de *psiquiatrização do amor perverso*. (FOUCAULT, 2006).

A histeria era, originalmente, considerada uma doença uterina. Com as exigências de auto-afirmação da classe burguesa, que implicava a atenção com a descendência saudável e com a transmissão dos bens, a procriação passou a ser uma preocupação também política. O útero não mais poderia ser reconhecido como foco de doença, já que teria papel importante na organização político-econômica da burguesia, então a ciência, respondendo a essa demanda, vai deslocar esse foco. O status social da mulher se cola à

¹⁹ Tradução livre minha de texto original em inglês: “Were there any laws discriminating against gays? No. Were there perhaps laws that by protecting the family worked to the detriment of gays? No. After some consultation, the consensus was ‘ No problems. No homosexuals in China.”

maternidade e a histeria “sobe” para os nervos, para a “natural” sensibilidade nervosa das mulheres, e para o seu prazer sexual, agora visto como desnecessário para a procriação. Assim, como a mulher é dada a ataques e desmaios, a natureza feminina, apropriada ao âmbito doméstico, a impedia de exercer com competência as funções públicas²⁰, destinadas ao homem burguês, cuja natureza robusta o mantinha apartado desses descompassos nervosos constrangedores. (COSTA, 1996)

Ocorre que originalmente a histeria não era exclusividade feminina. Aventava-se a possibilidade de alguns homens terem a sensibilidade própria das mulheres, como um “defeito de fabricação”, o que os tornaria um problema para a ordem social vigente. De fato, homens das classes baixas, submetidos aos cruéis regimes de trabalho produzidos pela Revolução Industrial, alimentando-se de forma insuficiente e trabalhando muito mais do que seus corpos suportavam, eram suscetíveis a desmaios e fraquezas identificados como femininos, como o par masculino da histeria feminina. A histeria masculina, porém, perde sua importância na medida em se constituía como uma denúncia pública da exploração das classes baixas à qual não era conveniente dar relevância. (COSTA, 1996).

Dessa forma, o lugar do histérico “será ocupado (...) pelo homossexual, contrapartida político-sexual da histeria feminina”. (COSTA, 1996, p. 83). A feminilidade passou a ser um sintoma do homem homossexual, mesmo que algumas evidências empíricas pudessem refutar esse postulado, o que comprova que a prática discursiva definidora dos gêneros masculino e feminino que antecedeu a criação dos sexos moldou a produção científica e não o contrário. Esse é o poder invisível do dispositivo da sexualidade, que criou os regimes de verdade sobre sexo que resistem ainda hoje. Assim como o “amor perverso” é patologizado, as práticas sexuais ganham autonomia e essência, transformando-se em “sexualidade”. (FOUCAULT, 2006)

Como podemos ver em Foucault:

²⁰ À guisa de comparação, nas práticas discursivas contemporâneas encontramos o equivalente à sensibilidade histérica depositado na tensão pré-menstrual, que tornaria as mulheres, por sua “natureza”, comparáveis à uma “bomba hormonal” prestes a explodir, sujeita a ataques de ira incompreensíveis, a dificuldades de concentração, entre outros problemas.

A sexualidade é o nome que se pode dar (...) à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos (...) a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder. (FOUCAULT, 2006, p. 116-117)

A construção discursiva da sexualidade só foi possível pela criação do binarismo sexual, antecedido historicamente pela produção dos gêneros masculino e feminino, isto é, dos papéis designados a homens e mulheres pela filosofia burguesa do século XVIII, cujo eixo ordenador foi a necessidade de regular a procriação. “Nesse sentido, antes de terem sexualidade, os corpos devem se tornar sexuados.” (SWAIN, 2006, p. 134).

Mas se o eixo é a procriação, não será qualquer sexualidade que será legitimada pelos regimes de verdade produzidos pelo dispositivo da sexualidade. A ordenação da sexualidade segue uma hierarquia apropriada aos mecanismos de poder que a produz: a heterossexualidade é a norma e, portanto, é normal. E se torna não só referente, mas compulsória. (SWAIN, 2006). A homossexualidade é considerada, a partir daí, como desviante, porque não obedece a função natural das práticas sexuais, ou seja, procriar.

É importante ressaltar que a produção da idéia de sexualidade traz a reboque uma definição identitária, ou seja, ela define uma essência – uma busca da verdade – das pessoas a partir de seu sexo. Para Foucault,

(...) a partir do cristianismo, o Ocidente não parou de dizer ‘para saber quem és, conheças [sic] teu sexo’. O sexo sempre foi o núcleo onde se aloja, juntamente com o devir de nossa espécie, nossa ‘verdade’ de sujeito humano.

A confissão, o exame de consciência, toda uma insistência sobre os segredos e a importância da carne não foram somente um meio de proibir o sexo ou de afastá-lo o mais possível da consciência; foi uma forma de colocar a sexualidade no centro da existência e de ligar a salvação ao domínio de seus movimentos obscuros. O sexo foi aquilo que, nas sociedades cristãs, era preciso examinar, vigiar, confessar, transformar em discurso. (FOUCAULT, 2007, p. 229-230).

A identidade sexual, então, além de definir a verdade que o sujeito poderia/deveria ter sobre si mesmo, deveria ser objeto de controle, fiscalização, regulamentação, classificação por meio de mecanismos como a confissão, que se tornou um dos procedimentos de individuação pelo poder. Assim, “(...) nos tornamos uma sociedade singularmente confessanda”. (FOUCAULT, 2006, p. 67).

E a confissão é, desde a Idade Média, um dos rituais mais importantes para a produção da verdade, que vai se espalhar e difundir seus efeitos para instituições e práticas diversas, como a justiça, a pedagogia, a medicina, as relações amorosas, a família, enfim: “confessa-se ou se é forçado a confessar” (FOUCAULT, 2006, p. 68). Por fim, Foucault aponta que, no século XVIII, o sexo se tornou uma questão de polícia, criou-se uma verdadeira “Polícia do sexo”: isto é, a necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição”.(FOUCAULT, 2006, p. 31). A idéia de que o sexo é somente reprimido não se coaduna com a incitação permanente, desde o século XVIII, a se falar sobre ele. Foucault recorda que se fala do sexo para mais intensamente proibi-lo, por isso ele se aloja no centro da vida de todas e de cada uma das pessoas da sociedade ocidental. (FOUCAULT, 2007).

Dentro desse panorama, COSTA mostra que o binarismo homossexual/heterossexual foi uma invenção da sociedade burguesa européia, que, como já dissemos, só foi possível pela invenção da divisão binária dos sexos e da construção da idéia de sexualidade (1996). Também vimos que a naturalização e a patologização da prática homossexual decorre da implantação do dispositivo da sexualidade, dando-se, portanto, por meio dos mesmos mecanismos que submeteram as mulheres a uma essência biológica, natural, que justificou a dominação masculina. “A sexualidade masculina, nessa perspectiva, se mantém como referência da sexualidade humana (...)” (SCAVONE, 2006, p. 97) e o “homem feminino”, a contraparte da mulher histórica, ao se afastar desse referente, é visto como doença, como um confrontador da ordem social desejada para a manutenção da burguesia como classe privilegiada: a família, a sexualidade procriadora, a saúde dos corpos e

a regulação das populações. Biologizada, a sexualidade homossexual se torna essência, define identidade e espaços de (i)legitimidade.

A homossexualidade será, inicialmente, definida como uma perversão do instinto sexual causada pela degenerescência de seus portadores e, depois, como um atraso evolutivo ou retardamento psíquico, manifestos no funcionamento mental feminino do homem. (COSTA, 1996, p. 87)

Está criado “o Homossexual”. Uma questão de gênero.

Trata-se de vital importância, para os propósitos deste trabalho, aprofundar a discussão sobre a identidade homossexual que, como vimos, está ligada à criação da sexualidade como definidora de essência, de natureza, de pessoas. A imagem que gays e lésbicas têm de si está profundamente ligada com a idéia de identidade social. Lembrando o que diz HEILBORN, “(...) a identidade social constitui-se na atualização de princípios de classificação social ordenados por valores que fabricam e situam os sujeitos”. (1996, p. 137). Gays e lésbicas só vão ser identificados como tais após a puberdade, o que lhes dá oportunidade e tempo para introjetar tais valores e serem por eles constituídos, desenhando a sua auto-imagem e a construção que fazem de si.

Se queremos investigar se – e como – o ideário cristão influencia nesse processo, precisamos, antes, entender de que forma, na contemporaneidade, se dá a construção/fixação da identidade de gays e lésbicas, o que faremos articulando conceitos como identidade, estigma, estereótipo e preconceito no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

IDENTIDADE HOMOSSEXUAL – o que é, como se constrói

*a identidade é
um monte de problemas*

(Zygmunt Bauman)

*(...)Fiz de mim o que não soube
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não
era e não desmenti, e perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara. (...)*

(Fernando Pessoa, trecho do
poema A tabacaria)

*Lendo Os idos de março encontrei uma
frase sinistra que o autor atribui a Júlio
César: É impossível não acabar sendo
do jeito que os outros acreditam que
você é. (...)*

(Gabriel Garcia Marques, trecho do
livro Memória de minhas putas tristes)

Em primeiro lugar, é conveniente assinalar que temos plena consciência de que, atualmente, falar em identidade, ou falar sobre identidade, é equivalente a caminhar em um terreno pantanoso, repleto de armadilhas e perigos desconhecidos. Entretanto, ainda que percebamos os riscos potenciais de se enfrentar o assunto, também sabemos que é impossível, diante da temática abordada neste trabalho, eximir-nos desta tarefa. Isso porque, ao se falar em homossexualidade, e no presente caso, ao falarmos mais especificamente da auto-imagem de gays e lésbicas, não há como não desembocar na problemática questão da “identidade homossexual”. Vamos a ela, então.

2.1 Homossexualismo, homossexualidade, homoerotismo, homossexual

Antes de nos arriscarmos nessa tarefa, cabe definir o que entendemos por homossexualidade e, por conseguinte, homossexual. Antes ainda, porém, cabe uma breve explicação sobre a escolha do termo.

O termo homossexualismo designou doença, constando inclusive na CID (Classificação Internacional de Doenças) desde a 6ª revisão (de 1948) até a 9ª revisão (de 1975, válida até 1993). Como o termo ficou associado à doença, adotamos o termo homossexualidade em consonância com o que reivindica o movimento LGBTTI. Na CID-10 (a 10ª revisão), vigente desde 1993, homossexualismo (e nenhuma outra variação) não aparece mais.

Alguns autores, como o psicanalista Jurandir Freire Costa, preferem o termo homoerotismo, pois consideram que as palavras homossexualismo e homossexualidade remeteriam a um indesejado essencialismo que vigora desde o século XIX, já que, ao usar tais termos, continuaríamos a pensar, a agir e a falar baseados em uma crença de que a homossexualidade e o homossexual existem independentemente do hábito lingüístico que os instituiu (COSTA, 1992). Ainda que os termos permaneçam impregnados desse essencialismo, são os que se encontram em uso corrente, já assimilados e utilizados pela grande maioria das pessoas, cabendo-nos talvez tentar esvaziá-los, ressignificando-os. Por outro lado, a nosso ver, o termo homoerotismo também apresentaria um caráter redutor, haja vista que remeteria apenas à sensualidade, não incorporando o aspecto afetivo-relacional que pode estar envolvido em relações homossexuais. Os termos homossexualidade e homossexual, ainda que remetam também à prática sexual, já vêm passando por uma ressignificação – por meio de diversas atividades acadêmicas e militantes – que incorpora esse aspecto.

Assim, a homossexualidade, no presente contexto, se refere a uma tendência a se estabelecer relações afetivo-sexuais preponderantemente com pessoas do mesmo sexo (PECHENY, 2005). Homossexuais são as pessoas que apresentam essa tendência. Usaremos a palavra gay para nos referir a homens homossexuais e a palavra lésbica para mulheres homossexuais.

2.2 Definindo identidade

Em primeiro lugar, cabe explicitar que a noção de identidade será importante para percebermos, mais adiante, como as pessoas homossexuais se vêem e, portanto, como é a sua auto-imagem. Nos próximos capítulos, retomaremos algumas idéias trabalhadas aqui para tentar vislumbrar o papel que a Igreja católica exerce na construção dessa auto-imagem. Por ora, trabalharemos com algumas noções de identidade – e de identidade homossexual – que nos ajudarão a compreender como se constrói um modo de ser e estar no mundo que também incide sobre, conforma, molda a forma como as pessoas se vêem – umas as outras e a si próprias.

Em geral, quando pensamos na identidade de alguém, pensamos como uma pessoa “é”. Isso quer dizer que imaginamos que exista algo como uma substância, pré-existente, que define aquela pessoa. Por exemplo, quando tratamos da identidade étnico-racial. Ao sabermos que uma pessoa é negra, uma série de atributos é instantânea e inconscientemente associada a ela, para além da cor da pele: facilidade para a prática de esportes; musicalidade; ritmo e dança; uma sensualidade a florada; alegria etc. Como se essas características fossem pré-existent e permanentes. A identidade pessoal, portanto, seria vista como uma “essência”, como nos mostra Ciampa:

A posição de mim (o eu ser-posto) me identifica, discriminando-me como dotado de certos atributos, de predicções, que me dão uma identidade considerada formalmente como atemporal. A re-posição da identidade deixa de ser vista como uma sucessão temporal, passando a ser vista como simples manifestação de um ser sempre idêntico a si mesmo na sua permanência e estabilidade (CIAMPA, 2005, p. 164).

A partir desses atributos, então, criamos a expectativa de que as pessoas devam agir e serem tratadas de acordo com suas predicções. Trata-se do que Ciampa chama de identidade pressuposta, que é atualizada pelas relações e rituais sociais, ou seja, é permanentemente reposta (2005), fixando a pessoa em uma posição que a aprisiona.

Entretanto, o que normalmente consideramos como uma identidade pessoal é, na verdade, uma identidade social, atribuída às pessoas, ou seja, é construída socialmente. Como vemos em Heilborn, a

Identidade social é (...) entendida e operacionalizada na aceção de um conjunto de marcas sociais que posicionam um sujeito em um determinado mundo social. Não se trata de uma concepção que se baseie numa substância reificada, composta por marcas sociais estáticas (...) (HEILBORN, 1996, p. 137)

Ao contrário, para Heilborn trata-se de um processo de modelação da pessoa que se dá em três dimensões ou níveis: pela existência prévia na sociedade de um rol de atributos que classificam a pessoa, constituindo-a; pelo modo em que esse rol está inserido em um campo de significações sociais; e como esses atributos (ou marcas) expressam valores que constituem a imagem que as pessoas constroem de si mesmas e, portanto, como se estabelecerão as relações com as outras pessoas. (HEILBORN, 1996)

Dessa forma, ao invés de a identidade ser a expressão de uma substância, uma essência que define os seres humanos, ela é resultado desse processo que categoriza pessoas por meio de valores, esses sim pré-existentes, que as constroem e as posicionam (HEILBORN, 1996, p. 137). Por meio de internalização, ou interiorização, a própria pessoa, de forma inconsciente, assume como seus esses atributos. “Interiorizamos aquilo que os outros nos atribuem de tal forma que se torna algo nosso. A tendência é nós nos predicarmos coisas que os outros nos atribuem.” (CIAMPA, 2005, p. 131)

Esse processo de produção de sentidos que fabricam formas de ser e estar no mundo e que, assim, constroem identidades, se dá primordialmente pela linguagem. Leonor Arfuch afirma que

Longe de toda idéia de transparência, de um hipotético imediatismo do eu, de uma espontaneidade da palavra dita, de uma “verdade” da vida pré-existente e anterior à narração, o que é o quem da aposta identitária se delineia justamente no discurso (considerado em um sentido amplo, como toda prática significante), não somente aqueles relatos centrados na (própria) subjetividade, mas também nos marcados inclusive com o “efeito do real” mais canônico da história ou da antropologia. (ARFUCH, 2005, p. 28)

Portanto, é no plano da interdiscursividade, que evidentemente é de natureza social, que múltiplas vozes alheias se incorporam à própria voz da pessoa. (ARFUCH, 2005). Foucault assinala que os discursos são “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT apud IÑIGUEZ, 2005, p. 93). A linguagem institui o mundo, constitui realidades e nos permite atuar sobre as pessoas. Ela incide também, claro, sobre as relações e as práticas sociais. (IBAÑEZ, 2005, p. 41).

Segundo Spink e Medrado, uma “(...) pessoa, no jogo das relações sociais, está inserida num constante processo de negociação, desenvolvendo trocas simbólicas, num espaço de intersubjetividade, ou mais precisamente, de interpessoalidade” (SPINK e MEDRADO, 2004, p. 55). Depois de situarmos esse processo de interanimação dialógica, que se dá por meio de práticas discursivas, desembocamos na noção de posicionamento – ou seja, na compreensão de que as construções identitárias, as produções de sentido, ocorrem num processo de produção discursiva de pessoas em interação, que se posicionam em relação às múltiplas narrativas com as quais entram em contato.

Então, como adverte Bauman, as “‘identidades’ flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas” (BAUMAN, 2005, p. 19) Para ele, uma identidade fixa, coesa, seria como uma camisa-de-força, uma repressão, pois limita a liberdade de escolha. (BAUMAN, 2005)

2.3 Preconceito, estereótipo e estigma

Antes de chegarmos à problemática da identidade homossexual, faremos uma breve explanação sobre preconceito, estereótipo e estigma, noções necessárias para se compreender de que modo pessoas homossexuais constroem sua identidade e, por conseguinte, sua auto-imagem.

Estereótipo, a grosso modo, se refere a um “pacote fechado” de idéias, ou de saberes que assumimos serem verdadeiros – aprioristicamente – para toda uma classe de pessoas. Resulta em um pré-julgamento generalizante, haja vista que os tais saberes não são necessariamente válidos para todos os

membros daquela classe. É uma tendência à padronização de determinados grupos sociais, eliminando as diferenças individuais. Estereótipo e preconceito estão em íntima relação. Todo preconceito mais ou menos generalizado tem um cerne estereotipado.

Agnes Heller afirma que os

(...) juízos provisórios refutados pela ciência e por uma experiência cuidadosamente analisada, mas que se conservam inabalados contra todos os argumentos da razão, são preconceitos. Os preconceitos (...) são produtos da vida e do pensamento cotidianos. (HELLER, 2004, p. 47)

Segundo essa autora, os preconceitos não se desfazem por meio da razão, pois existe uma fixação afetiva no preconceito que não se desfaz à luz de argumentos, por mais sólidos e pertinentes que sejam. Ainda segundo Heller, há dois tipos de afeto que podem nos ligar a uma convicção ou opinião: a fé e a confiança. Para ela, o afeto do preconceito é a fé²¹, que nasce de uma particularidade individual. Enquanto a confiança se apóia no saber, a importância da fé, no âmbito do preconceito, é a própria relação que estabelecemos com o objeto dela e a necessidade que ela satisfaz. Isso aparece de forma bastante intensa nos preconceitos, pois crer em um nos protege de conflitos e confirma nossos posicionamentos anteriores. A confiança pode desaparecer, se for refutada pelo pensamento e pela experiência, mas "(...) a fé está em contradição com o saber, ou seja, resiste sem abalos (..) ao pensamento e à experiência que a controlam". (HELLER, 2004, p. 48)

Em relação à fé, há sempre uma polarização de amor e ódio. O ódio se dirige não somente àquilo em que não acreditamos, mas principalmente àqueles que não compartilham da mesma fé que temos. Por isso, a "intolerância emocional é uma consequência inevitável da fé" (HELLER, 2004, p. 49)

Os preconceitos podem ser individuais ou sociais, mas de forma geral, qualquer preconceito tem origem social, pois nós o assimilamos de nosso meio social e o aplicamos de forma espontânea a situações particulares e concretas de nossa vida. A esfera de qualquer tipo de preconceito é a vida cotidiana e, por mais disseminado que seja, ele também depende de uma escolha

²¹ É importante observar que Agnes Heller não se refere especificamente à fé religiosa:

individual – podemos nos apropriar ou não de um preconceito –, o que nos torna pessoalmente responsáveis pelos preconceitos que mantemos ou cultivamos (HELLER, 2004).

Há mais duas considerações de Agnes Heller que nos interessam no presente contexto. Uma diz respeito à forma como agem pessoas predispostas ao preconceito, classificando e rotulando uma pessoa, enquadrando-a numa estereotipia de grupo, ainda que isso signifique desconsiderar atributos individuais que nada tenham a ver com os considerados “próprios” do grupo (HELLER, 2004). A outra está relacionada ao efeito limitador que todo preconceito tem sobre a autonomia e a liberdade de escolha das pessoas que são alvo dele, “(...) ao deformar e, conseqüentemente, estreitar a margem real de alternativa do indivíduo” (HELLER, 2004, p.59)

Com isso, já nos é possível falar sobre o estigma. Em sua origem, na Antiguidade Clássica, a palavra estigma era utilizada para designar uma marca corporal que era aplicada a alguém a quem se devesse evitar, como um escravo fugitivo, um criminoso etc. Na Era Cristã, o estigma também poderia ser um sinal corporal de graça divina ou uma alusão médica a um defeito físico. Posteriormente, a mesma palavra voltou a ser empregada como sinal de degradação. (GOFFMAN, 1988).

Um estigma é um atributo que uma pessoa tem e que a torna diferente das outras pessoas, mas trata-se de uma diferença que a coloca em situação de inferioridade ou descrédito. Segundo Goffman, o estigma seria um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, uma marca desqualificadora. Uma de suas principais características, além de depreciar a pessoa que é estigmatizada, é assumir uma relevância maior do que qualquer outro atributo que a pessoa possua. (GOFFMAN, 1988). Os estigmas podem ser de três tipos: os relacionados a defeitos físicos, os relacionados a defeitos morais, e os estigmas de raça/etnia, nação e religião.

A pessoa estigmatizada muitas vezes pressente que não é aceita e que as outras pessoas não manterão com ela relações de igualdade. Mais ainda, segundo Goffman, para esse indivíduo

(...) os padrões que ele incorporou da sociedade maior tornam-no intimamente suscetível ao que os outros vêem como seu

defeito, levando-o inevitavelmente (...) a concordar que, na verdade, ele ficou abaixo do que realmente deveria ser. A vergonha se torna uma possibilidade central, que surge quando o indivíduo percebe que um de seus próprios atributos é impuro e pode imaginar-se como um não-portador dele. (GOFFMAN,1988, p. 17)

Uma pessoa pode ter um estigma visível, como cor da pele ou defeito físico, o que a torna automaticamente 'desacreditada'. Já aquelas pessoas cujo atributo de estigma não é visível, é uma pessoa 'desacreditável' (GOFFMAN, 1988), ou seja, existe um potencial para ser desacreditada se seu estigma se tornar conhecido de outras pessoas, o que traz uma constante tensão entre ocultar ou não o motivo de seu estigma, contá-lo ou não contá-lo, mentir ou não mentir, etc.

Assim, o encobrimento do fator de estigma é uma solução apenas parcial e não alivia essa tensa ambigüidade, na medida em que "(...) uma pessoa que tenta encobrir algo leva uma vida dupla e que o encadeamento lógico informacional da biografia pode dar lugar a diferentes formas de vida dupla" (GOFFMAN,1988, p. 88). Além disso, a pessoa se encontra sempre sob pressão para criar mentiras intermináveis para evitar uma revelação não desejada.

Goffman ainda aponta para a questão da visibilidade ser de suma importância, pois

O que pode ser dito sobre a identidade social de um indivíduo em sua rotina diária e por todas as pessoas que ele encontra nela será de grande importância para ele. (...) a informação quotidiana disponível sobre ele é a base da qual ele deve partir ao decidir qual o plano de ação a empreender quanto ao estigma que possui. (GOFFMAN,1988, p. 58)

Com essa breve síntese, podemos passar para o próximo item, no qual buscaremos, partindo das noções apresentadas até agora neste capítulo, mostrar como se dá a construção da identidade homossexual.

2.4 Identidade homossexual – uma fábrica de vergonhas e medos, de segredos e mentiras

Considerando nossa compreensão de identidade como uma construção social que se dá no plano da interdiscursividade, cujos conteúdos são assimilados e internalizados, levando à pessoas a um posicionamento em relação a eles, partimos da proposição de Heilborn (1996), como descrevemos acima, sobre as três dimensões de modelação de uma identidade social: a existência prévia na sociedade de um rol de atributos que classificam a pessoa, constituindo-a; o modo em que esse rol está inserido em um campo de significações sociais; e como esses atributos (ou marcas) expressam valores que constituem a imagem que as pessoas constroem de si mesmas.

Heilborn chama a atenção para a relevância que a identidade sexual adquire nos processos de subjetivação contemporâneos:

A problemática da identidade sexual ganha sentido e relevância em um contexto histórica e culturalmente delimitado. Ela se ancora e se impregna do lugar que a sexualidade desfruta/ocupa na cultura ocidental como locus privilegiado da verdade do sujeito. (HEILBORN, 1996, p. 138)

De fato, como vimos no Capítulo 1, isso ocorre pelo dispositivo da sexualidade apontado por Foucault. Desde o século XIX o homossexual (masculino) tem sido considerado a contrapartida da mulher histérica, “emprestando” desta alguns atributos considerados tipicamente femininos, como a fragilidade física, os “humores”, os ataques nervosos, a delicadeza, a submissão etc. Essa aproximação com o feminino afasta o gay do referente de poder (homem, branco, heterossexual, com bom poder aquisitivo), desqualificando-o e sujeitando-o ao mesmo tipo de dominação à qual as mulheres estão submetidas.

Assim, no imaginário popular, o gay é invariavelmente representando como muito efeminado, resvalando no escandaloso, cheio de trejeitos e ataques, o que no Brasil se costuma chamar de “frescura”. Segundo MacRae,

Nos meios de comunicação de massa, ainda se propaga a visão que associa o homossexual ao passivo; com raras exceções, o “desmunhecar” é essencial para qualquer representação desse tipo de personalidade. Mesmo entre os homossexuais, as chamadas “bichas pintosas” – os homens

muito efeminados – sofrem discriminação por parte daqueles que internalizam os preconceitos da sociedade, extravasando-os sobre indivíduos que vêm como mais escandalosos e cuja companhia pode ser comprometedora. (MACRAE, 2005, p. 302)

Da mesma forma, a lésbica é vista como aquela que se afasta do feminino, sendo, por isso, tida como masculinizada, grosseira, mal-educada. É percebida pelos homens heterossexuais como competidora, por um lado, pois elas poderiam “conquistar” mulheres por eles desejadas. Por outro lado, há uma idéia de que as lésbicas são mulheres sexualmente insatisfeitas e, em muitos casos, são consideradas como uma espécie de “conquista especial” pelos homens, que acham que podem satisfazê-las sexualmente e trazê-las de volta à “normalidade”. Isso é bastante visível em filmes pornográficos –muitos apresentam pelo menos um casal de mulheres que recebem alegremente um homem em sua “transa”. Por fim, as lésbicas são vistas também como assexuadas, pela importância que se dá à genitália e à penetração nos atos sexuais, devido ao falocentrismo presente em nossa sociedade. Dessa forma, uma relação sexual entre duas mulheres seria impossível por não haver pênis e, por conseguinte, supostamente não haver possibilidade de penetração.

Doença ou perversão é outra forma como a homossexualidade é vista. Para isso, muito colaboraram a psiquiatria, a psicologia e a psicanálise, que classificaram as pessoas homossexuais como perversas, invertidas, não completamente desenvolvidas, aberrações etc. “O homossexualismo não é mais um caso de moral, mas de perversão. A psicanálise o transformou em doença, em atraso de desenvolvimento, em fixação na fase pré-genital.” (GUATTARI, 1987, p. 34) Como já dissemos, Foucault chamou a isso de “a psiquiatrização do amor perverso”, uma faceta do dispositivo da sexualidade. Em consequência, por muitos anos (de 1948 a 1993), a homossexualidade foi considerada doença pela Organização Mundial da Saúde, inclusive catalogada na CID, como já vimos. Também a irrupção da aids, em meados dos anos 1980, que em seu início atingia muito mais freqüentemente os gays – chegou a ser chamada de “a praga gay” – colaborou para a associação homossexual-doente.

Outras questões de ordem moral emprestam também seu quinhão de condenação à homossexualidade. Uma prática sexual desvinculada da procriação, além de antinatural, traz à tona a questão do prazer sexual imediato, desvinculado de laços afetivos. A busca incessante do prazer pelo prazer, a qualquer custo, sem regras, sem contenção, é imoral e indesejada. Promiscuidade e pedofilia, então, são atributos vinculados aos/las homossexuais de forma geral, mas mais fortemente aos gays. A impossibilidade de se constituir uma família – considerada a base da sociedade – nos moldes determinados pelo heterossexismo (heterossexualidade imposta como norma) também colabora na construção da idéia de gays e lésbicas como desviantes e imorais.

Confirmando o que foi exposto acima, vemos que estereótipos e preconceitos relativos à homossexualidade são bastante presentes no imaginário²² popular da sociedade brasileira. Relacionamos a seguir algumas palavras pejorativas comumente utilizadas para se referir à homossexualidade: pecado, abominação, sujeira, doença, anormal, aberração, antinatural, nojo, prostituição, promiscuidade, pedofilia, sem-vergonhice, safadeza. Por outro lado, há uma pequena série de estereótipos supostamente positivos que também aparecem relacionados a homossexuais: alegria, delicadeza, educação, bom-gosto, cultura, arte, refinamento²³.

A homossexualidade, salvo exceções, vai se manifestar depois da puberdade, quando a maioria das pessoas começa a ter atração sexual por outras, o que vai ocorrer pelo menos após onze ou doze anos de idade. Isso significa que, mesmo antes de sentir atração afetiva e/ou sexual por alguém do mesmo sexo, temos contato com todo esse repertório, que circula em nossa

²² “O imaginário é a faculdade originária de fazer aparecer uma imagem e uma relação que não são dadas diretamente na percepção” (LAPLANTINE e TRINDADE, 2003, p.24). “(...) a imagem é formada a partir de um apoio real na percepção, mas (...) no imaginário o estímulo perceptual é transfigurado e deslocado, criando novas relações inexistentes no real” (Idem, p. 25). (...) “O imaginário, ao libertar-se do real, que são as imagens primeiras, pode inventar, fingir, improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens” (Idem, p.27).

²³ Ministramos palestras e oficinas sobre o tema da homossexualidade para públicos diversos há cerca de cinco anos. Uma das dinâmicas por nós utilizadas nesses eventos é pedir que o público presente diga o que vem à cabeça das pessoas, de forma geral, quando se fala em homossexualidade. O que apresentamos como preconceitos e estereótipos relacionados à homossexualidade, além do que está relatado na produção acadêmica sobre o tema, sintetiza as idéias mais comuns – que aparecem com mais frequência – nestas dinâmicas.

sociedade nos mais diversos âmbitos, por processos primários e secundários de socialização que incluem a família, os círculos de amizade, a escola, os locais de cultos religiosos, a mídia (TV, rádio, revistas, jornais, Internet), etc. Dada a “(...) centralidade da linguagem nos processos de objetivação que constituem a base da sociedade de humanos” (SPINK e FREZZA, 2004, p. 33), podemos perceber como, no tempo curto, na cotidianidade de nossas vidas, a “imersão” nesse discurso facilita a internalização dessas idéias, já que “a linguagem é ação e produz conseqüências” (SPINK e MEDRADO, 2004, p. 47)

Com isso, pessoas homossexuais aprendem que um atributo – o desejo afetivo-sexual por uma pessoa do mesmo sexo – determina não só uma forma de ser e estar no mundo, uma essência, ou uma identidade social (como vimos, ser gay significaria ser um homem feminino e “fresco”, ser lésbica significaria ser uma mulher masculinizada e “grosseira”), mas também uma desqualificação social da pessoa como um todo.

Ao mesmo tempo em que uma pessoa se “descobre” homossexual, ela também assimila uma forma própria, apropriada, de ser e se comportar e, então, se posiciona como tal, porque ela seria assim em sua “essência”. Dessa forma, ao mesmo tempo em que a ordem social é reproduzida, “tipos” de pessoas são fabricados, produzidos. Além disso, um/uma homossexual percebe que pertencer a esse “tipo” o/a desqualifica perante as outras pessoas, porque aquele atributo o/a torna uma pessoa menos respeitável se as outras pessoas identificam-no/a como homossexual. Ele ou ela se descobre portador/a de um estigma.

A homossexualidade é um estigma do tipo moral, já que está identificada socialmente como uma culpa individual, resultante de uma vontade fraca e antinatural. (GOFFMAN, 1988) Diferentemente de estigmas imediatamente perceptíveis por outras pessoas, como a cor da pele ou defeito físico visível, uma pessoa homossexual pode esconder esse atributo, encontrando-se na “categoria” desacreditável, pois ela pode ser desqualificada na medida em que as pessoas descobrirem seu atributo, mas pode conseguir mantê-lo em segredo, evitando a reprovação social.

Segundo Marito Pecheny, “a homossexualidade é uma dimensão da personalidade que constitui um motivo de estigmatização, discriminação e

exclusão” (PECHENY, 2005, p.133). Por isso, para esse autor, a homossexualidade é um segredo fundante da identidade e das relações pessoais de pessoas homossexuais. Nesse sentido, a gestão da comunicação e do segredo configura-se como um recurso fundamental, sendo que as pessoas homossexuais têm de escolher para quem podem e para quem não podem revelá-lo (PECHENY, 2005), ainda mais porque

Os sentimentos de culpa e vergonha que oprimem o homossexual são constantemente repostos por fatores sociais que o levam a ocultar-se, a ter medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte de amigos e familiares. (MACRAE, 2005, p. 299)

Por causa desse contexto de discriminação, seja ela real ou pressentida, a ocultação ainda é a principal estratégia que as pessoas homossexuais encontram para lidar com seu estigma social, preservando-se de atitudes potencialmente hostis e destrutivas. (PECHENY, 2005). Como assinala Guattari,

(...) o homossexualismo continua ligado aos valores e aos sistemas de interação da sexualidade dominante. Sua dependência da normalidade heterossexual se manifesta por uma política do segredo, uma clandestinidade alimentada pela repressão e também por um sentimento de vergonha ainda vivo nos meios “respeitáveis”. (GUATTARI, 1987, p. 34)

Outro aspecto importante para a formação da identidade de gays e lésbicas e que colabora para a construção da imagem que têm de si mesmos é o isolamento dentro da família. Diferentemente de outros tipos de estigmas, a família dificilmente se constitui numa fonte de proteção e apoio em relação à hostilidade que homossexuais enfrentam em outros ambientes. Por exemplo, um/uma adolescente negro/a ou judeu/judia, se for ofendido/a na escola ou em outro lugar qualquer por causa de seu estigma, muito provavelmente vai encontrar dentro de sua própria casa algum consolo, apoio e estímulo para reagir e superar o problema. Para homossexuais, além da dor do insulto, normalmente há a sobreposição do medo de que a família descubra e os/as rejeite. Assim, dentro de casa, com as pessoas mais próximas, a convivência é intensamente permeada pelo medo de que o segredo seja revelado.

Quanto ao segredo, Pecheny afirma que as relações estabelecidas por gays e lésbicas se dão em três mundos distintos: o das pessoas que sabem, o das pessoas que não sabem e o dos pares homossexuais. A eclosão da epidemia da aids, além de inicialmente aumentar o estigma que recai sobre homossexuais, também iniciou um processo que tende a romper com a distinção entre esses mundos. Isso porque, como vimos na Introdução, a aids também impulsionou um movimento sócio-político homossexual organizado, que luta pela visibilidade e reivindica um lugar de normalidade, pleiteando que o que era causa de vergonha se transforme em motivo de orgulho para as pessoas homossexuais (PECHENY, 2005).

E aí surge uma nova questão. Como resultado dessa luta política, o discurso politicamente correto tem sido bastante difundido e a homossexualidade tende a ser formal e relativamente mais aceita. Entretanto, a sociedade ainda exige a discrição por parte de pessoas homossexuais. É comum que se ouçam frases como: “Não tenho preconceito contra homossexuais, não me importa que se relacionem com pessoas do mesmo sexo, desde que eles fiquem entre quatro paredes”.

Assim, saber que homossexuais se relacionam sexualmente em ambiente privado não causa tanta rejeição quanto vê-los/as demonstrando afeto e amor em público (PECHENY, 2005, p. 138), mas a visibilidade e a exposição pública de afeto são menos toleráveis para os heterossexuais de forma geral. É bastante comum que em ambientes comerciais de lazer e socialização, como cinema, teatro, bares e restaurantes, homossexuais ainda sejam advertidos para não demonstrarem seus sentimentos para não “incomodar” outros clientes. Ficar de mãos dadas, trocar carícias discretas ou beijos rápidos podem ter como consequência um pedido da gerência para se retirarem do local. Quando a manifestação de afeto se dá na rua, chegam a ocorrer agressões verbais e físicas, mesmo em locais considerados “redutos gays”. São emblemáticos casos de homossexuais, em São Paulo, que foram

agredidos violentamente por estarem andando de mãos dadas ou confraternizando com amigos gays²⁴.

Pecheny afirma que isso poderia se interpretado como se houvesse um pacto implícito entre não-homossexuais e homossexuais: a tolerância social em troca da discrição e da invisibilidade. Ainda que a tolerância não seja o mesmo que reconhecimento e plena aceitação social, para muitos homossexuais esse pacto se torna conveniente (PECHENY, 2005). Segundo ele, o temor da revelação da homossexualidade não chega a impedir os atos homossexuais, mas funcionam para “criar um contexto repressivo, que determina um tipo de interação social favorável à dissociação entre a sexualidade e o afeto, ao privilégio do anonimato, (...) à criação de códigos e subculturas e à aprendizagem da simulação”. (PECHENY, 2005, pp. 138-139).

Um outro aspecto a ser considerado diz respeito à estereotipia homossexual. Os tipos mais exageradamente estereotipados – como, por exemplo, as lésbicas caminhoneiras e as bichas quá-quá – são as formas mais visíveis socialmente. Ainda que sejam alvo de chacota e desrespeito, são tidos como muito diferentes das pessoas consideradas “normais” e, por isso, menos ameaçadores. É das pessoas que apresentam comportamento menos estereotipados que se cobra maior discrição, pois elas colocam em cheque a fé na própria “normalidade” que as pessoas não-homossexuais possuem.

Nesse sentido, parece haver uma diferença geracional importante, provavelmente ligada às conquistas dos movimentos de libertação homossexual. Enquanto homossexuais mais jovens reivindicam a sua pertença no mundo dos “normais” e seu direito à expressão de afeto em público, homossexuais de gerações anteriores parecem prezar mais a discrição e são

²⁴ Um dos casos mais conhecidos é o do adestrador de cães Edson Nérís da Silva. Na madrugada de 6 de fevereiro de 2000, ele passeava de mãos dadas com seu companheiro Dario Pereira Netto na Praça da República, cuja área adjacente é freqüentada pela boemia gay paulistana, quando foram surpreendidos por integrantes de um grupo neonazista chamado *Carecas do ABC*. Dario conseguiu escapar, mas Edson foi espancado barbaramente a chutes e golpes de soco-ínglês. Acabou falecendo em decorrência da várias hemorragias internas. Fonte: Wikipédia. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Edson_N%C3%A9ris_da_Silva. 23 ago. 2008. Outro caso, este mais recente, ocorreu com o professor universitário de filosofia Alessandro Faria Araújo, de 39 anos, que no dia 10 de fevereiro de 2007 foi espancado na esquina da alameda Jaú com a rua da Consolação, nos Jardins. Ele quebrou o maxilar, ficou com cinco dentes pendurados, perdeu um canino, teve luxação nas costelas e recebeu pontos em parte da boca e no nariz. Fonte: Folha OnLine. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u131771.shtml>. Acesso: 23 ago. 2008.

mais invisíveis em público. A homossexualidade, neste sentido, os tornaria especiais, distintos, melhores porque revolucionários, ainda que – ou por isso mesmo – não sejam aceitos. O seguinte trecho constante em texto de Néstor Perlongher, falecido em 1992, parece contar algo a respeito desse sentimento:

Que acontece com a homossexualidade, se ela não voltar às catacumbas donde era tão necessário resgatá-la, para que brilhasse na provocação de sua libertinagem de lábios refulgentemente vermelhos? Ela simplesmente vai-se diluindo na vida social, sem chamar mais a atenção de ninguém, ou de quase ninguém. Fica como uma intriga a mais, como uma trama relacional entre as possíveis, que não desperta já animadiversão [sic], mas também não admiração. Um sentimento nada especial, como algo que pode lhe acontecer a qualquer um. Ao torná-lo completamente visível, a ofensiva da normalização (...) conseguiu retirar da homossexualidade todo mistério, banalizá-lo completamente. (PERLONGHER, 1991, p. 43)

Para finalizar, resta-nos apontar que a identidade homossexual – construída socialmente, imposta de forma heterônima, considerada naturalizada como uma essência, que mantém a heterossexualidade como a norma e como a única normal, que fabrica formas de ser e estar no mundo, que conforma personalidades, que aprisiona pessoas em segredos, mentiras, isolamento, vergonhas e medos, que legitima violências, que reifica a desigualdade de gênero, que humilha e desqualifica, que se baseia em preconceitos e estereótipos, que estigmatiza – está a serviço do poder, do controle social da libido e dos corpos, tornando-os dóceis e manipuláveis. Como diz Guattari,

O casal feminino-passivo/masculino-ativo permanece assim uma referência tornada obrigatória pelo poder, para permitir-lhe situar, localizar, territorializar, controlar as intensidades do desejo. Fora dessa bipolaridade exclusiva, não há salvação: ou então é a caída no absurdo, o recurso à prisão, ao asilo, à psicanálise, etc. O próprio desvio, as diferentes formas de marginalismo são codificadas para funcionar como válvulas de segurança. (GUATTARI, 1987, p. 35)

Articulando o visto no presente capítulo com a questão de gênero que vimos no primeiro capítulo, recorreremos mais uma vez a Guattari:

A oposição homem/mulher serve para fundar a ordem social, antes da oposição de classe, de casta, etc. (...) Parece-me

importante explodir as noções generalizantes e grosseiras como as de mulher, homossexual... As coisas nunca são tão simples assim. Quando reduzimos a categorias branco/preto ou macho/fêmea, é porque estamos com uma idéia de antemão, é porque estamos realizando uma operação redutora-binarizante e para assegurar-nos um poder sobre elas." (GUATTARI, 1987, p. 36)

Mas sem esquecer do que Foucault nos ensina: o poder não é uma substância e não é mais do que um tipo particular de relações entre indivíduos. Um traço distintivo do poder é que algumas pessoas podem, mais ou menos, determinar por completo a conduta de outras pessoas, mas não de maneira exaustiva ou coercitiva. Mas não há poder sem que haja rejeição ou rebelião em potência. (FOUCAULT, 1990)

No próximo capítulo, veremos como está composto o campo religioso brasileiro. Será importante, também, compreender teoricamente o papel desempenhado pelas religiões na vida das pessoas que aderem a ela ou na cultura envolvente. Depois disso, relacionaremos questões que envolvem a moral sexual católica e o *ethos* privado. Apresentaremos questões que envolvem religião e gênero. Discutiremos a religião como modeladora de subjetividades e traremos os sentimentos de culpa e vergonha relacionados à homossexualidade e à religião.

CAPÍTULO 3

RELIGIÃO, SEXUALIDADE E GÊNERO

*A Igreja tem a genitália
no cérebro.
(Nehemias Marien²⁵)*

*O diabo é sexualmente
transmissível.
(Giovani²⁶)*

Neste capítulo, faremos uma breve descrição do campo religioso em nosso país, baseando-nos nos últimos Censos demográficos realizados pelo Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia (IBGE), em 1991 e 2000. Também utilizaremos dados estatísticos sobre o campo religioso brasileiro obtidos por meio de duas pesquisas publicadas em maio de 2007, uma realizada pelo Datafolha e outra, pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), buscando fundamentalmente mostrar a importância da matriz católica na cultura brasileira.

Depois disso, relacionaremos questões que envolvem a moral sexual católica – família, casamento e reprodução e a homossexualidade como antinatural –, buscando articular com a discussão sobre o *ethos* privado. Faremos uma apresentação breve sobre religião e gênero. Discutiremos a religião como modeladora de subjetividades e traremos os sentimentos de culpa e vergonha relacionados à homossexualidade e à religião.

3.1 O campo religioso brasileiro

O Brasil é um país de ampla maioria cristã e, especificamente, de maioria católica. Historicamente, o catolicismo chegou aqui em 1500, mesmo ano do descobrimento do Brasil. Por herança da colonização portuguesa, o catolicismo foi a religião oficial do país desde a sua primeira Constituição, em 1824, até 1890, quando a liberdade religiosa foi instituída por decreto, o que

²⁵ Em GIUMBELLI, 2005, p. 78

²⁶ Em NATIVIDADE, 2005, p. 257

passou a constar nas Constituições brasileiras a partir de 1891²⁷. Depois disso, pelo fato de já ter sido a religião oficial do país, o catolicismo permaneceu sendo a religião mais aceita socialmente e a não adesão a ele trazia obstáculos à ascensão social (BEGUOCI, 2007, p. 9). Atualmente, o Brasil é considerado o maior país católico do mundo em número absoluto de fiéis.

Segundo o Censo 2000, do IBGE, 73,89% dos/as brasileiros/as se declaram católicos. No Censo de 1991, este percentual era de 83,4%, indicando que, em menos de uma década, houve uma redução de quase 10% no número de católicos no Brasil, enquanto houve um crescimento de evangélicos/as (diferença de 6,4%), espíritas (diferença de 0,2%), de outras religiosidades (diferença de 0,4%) e de pessoas sem religião (diferença de 2,7%). Também o número de pessoas que se declaram seguidoras do candomblé e da umbanda diminuiu (diferença de 0,1%). (Cf. Tabela 1)

TABELA 1. Distribuição percentual da população residente, por religião –Brasil – 1991/2000

Religiões	1991 (%)	2000 (%)
Católica apostólica romana	83,4	73,89
Evangélicas	9,0	15,4
Espíritas	1,1	1,3
Umbanda e Candomblé	0,4	0,3
Outras religiosidades	1,4	1,8
Sem religião	4,7	7,4

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1991/2000.

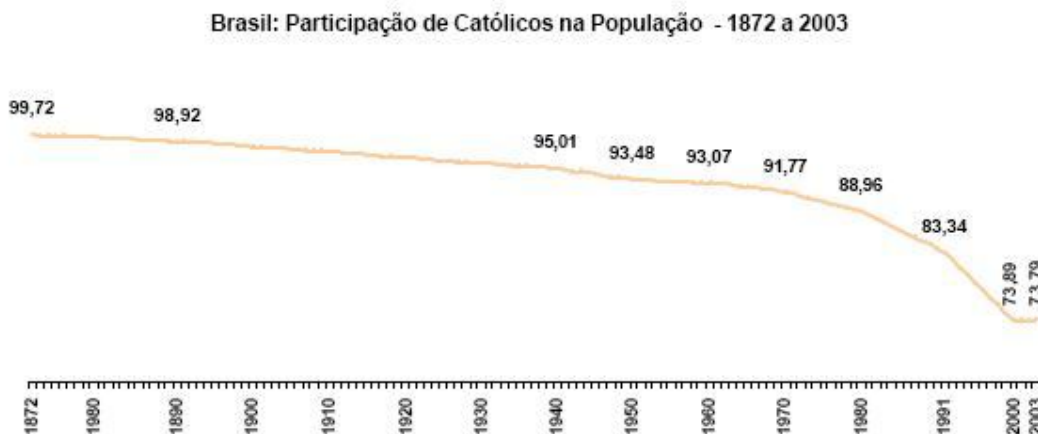
Em maio de 2007, o jornal Folha de São Paulo publicou um caderno especial com os resultados de uma outra pesquisa, realizada em março do mesmo ano pelo Datafolha com 5.700 pessoas. Por essa pesquisa, cerca de 64% da população brasileira com idade acima de 16 anos se declara católica (CARIELLO, 2007, p. 2). O espaço amostral desta pesquisa difere substancialmente do utilizado pelo Censo do IBGE, o que dificulta as

²⁷ Na atual Constituição da República Federativa do Brasil, vigente desde 1988, a liberdade religiosa está garantida no Título II – Dos Direitos e Garantias Fundamentais, Capítulo I – Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos, incisos de VI a VIII. (CONSTITUIÇÃO, 2002, p. 16)

comparações diretas. Ainda assim, podemos estimar, por esses dados, que a população católica no Brasil – ou que se declara católica – provavelmente é igual ou superior a 64%, maioria inconteste.

A Fundação Getúlio Vargas publicou, também em maio de 2007, a pesquisa *A Economia das Religiões*, em que analisa as informações dos Censos e de microdados da Pesquisa de Orçamentos Familiares 2003 (POF 2003) do IBGE. Segundo essa pesquisa, a população católica no Brasil vinha decrescendo numericamente desde 1872 (de quando datam os primeiros registros censitários do país), passando por um acentuado decréscimo na década de 1990. Entretanto,

O trabalho atual demonstra (...) que pela primeira vez em mais de um século, a proporção de católicos no Brasil parou de cair, mantendo-se surpreendentemente estável no primeiro quarto da década de 2000, com 73,79 % em 2003, conforme o gráfico abaixo ilustra. (NERI , 2007, p. 4)



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

Esses dados nos servem para evidenciar a predominância numérica de adeptos do catolicismo no Brasil. Se considerarmos a projeção da população brasileira, conforme indica o site do IBGE²⁸, teríamos hoje no país pouco mais de 187 milhões de habitantes. Se tomarmos os dados do Censo de 2000, são

²⁸ Dados de população brasileira estimada pelo POPCLOCK do site do IBGE, disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em 11 de agosto de 2008.

cerca de 138 milhões de católicos/as brasileiros/as. Se, entretanto, tomarmos como base os dados da pesquisa Datafolha 2007, ainda assim teríamos um número impressionante de católicos/as no Brasil: quase 120 milhões.

Além dessa predominância numérica, as pesquisas citadas trazem informações muito relevantes sobre a religiosidade da população brasileira. O Datafolha indica que se mantém a forte religiosidade dos/as brasileiros/as, independentemente de seu pertencimento a uma determinada religião. Assim, temos que 97% dos brasileiros/as acreditam em Deus, sendo que 2% têm dúvidas e apenas 1% não acredita. A matriz cristã se evidencia ao vermos que 93% dos/as brasileiros/as acreditam que Cristo ressuscitou depois de morrer na cruz, o que contrasta com o total de pessoas que seguem religiões cristãs (89% em 2007, segundo o próprio Datafolha). E 86% dos/as brasileiros/as acreditam que Maria deu à luz a Jesus sendo virgem. (Cf. FOLHA, 2007, p. 9).

Outros dados relevantes: 92% acreditam que o Espírito Santo existe, 87% crêem em milagres, 77% crêem que Jesus voltará a Terra no fim dos tempos e 75% acreditam que o diabo existe. Cerca de 49% das pessoas entrevistadas pelo Datafolha têm um santo católico de devoção, sendo que adeptos de outras religiões, como do espiritismo, umbanda, candomblé e até evangélicos (8%), também são devotos de algum(ns) desses santos. (Cf. FOLHA, 2007, p. 8). Os dados apresentados acima evidenciam que a matriz cristã em geral – e mais especificamente a católica – permeia a cultura brasileira como um todo, influenciando nas crenças até mesmo de quem não se diz cristão/ã e/ou católico/a.

Segundo a pesquisa *Monitor Religioso*, realizada pela fundação alemã Bertelsmann e publicada em dezembro de 2007, o Brasil é considerado o segundo país mais religioso do mundo, perdendo apenas para a Guatemala. Segundo essa pesquisa, 96% da população de ambos os países se declaram religiosos, “(...) mas o país centro-americano foi considerado o ‘mais religioso’ por causa da alta proporção de pessoas que se consideram ‘altamente religiosas’, de 76%, maior do que a do Brasil, de 71%”²⁹. A religiosidade é, como se vê, uma característica marcante da população brasileira.

²⁹ Fonte: O Globo Online. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/mat/2007/12/19/327680355.asp> . Acesso em: 11 ago. 2008.

3.2 A moral sexual católica – um breve histórico

O catolicismo vê a sexualidade como algo intrinsecamente mau, que deve ser tolerada basicamente por ser necessária à procriação. Essa idéia é baseada nas sagradas Escrituras, tanto no Antigo como no Novo Testamento. Como nos mostra Penélope Ryan:

Nosso estudo da Escritura revela que boa parte dela foi escrita contra o pano de fundo de uma cultura patriarcal, que via as mulheres e a sexualidade como perigosas e temíveis, embora necessárias para a continuação da vida. De um modo geral, qualquer coisa ligada ao sexo foi alvo de suspeita por parte do cristianismo; até recentemente, negou-se aos cristãos qualquer idéia de sexo como algo a ser celebrado com alegria. (RYAN, 1999, pp. 110-111)

A visão negativa da sexualidade pela Igreja católica vem de longa data. A noção de sexo como algo a ser evitado veio da combinação de concepções dos estóicos e do gnósticos, entre outros. A herança platônica também colaborou na criação dos dualismos hierarquizados, como, por exemplo, celibato em contraposição ao sexo (o celibato sendo superior ao sexo).

Os estóicos gregos consideravam que a expressão de sentimentos e emoções era uma fraqueza a ser abolida. A atividade sexual era vista como uma parte da fraqueza humana, pois responder ao desejo sexual era encarado como uma forma de ceder às emoções. A filosofia gnóstica considerava o casamento e o sexo como intrinsecamente ruins, pois eram ligados ao mundo material. Para eles, até mesmo a procriação era mal vista, pois significava que os seres humanos continuavam trazendo o mal para a Terra.

A filosofia de Platão, com seu dualismo alma/corpo, trouxe outras distinções: homem é, pela sua mente, ligado à razão; a mulher, que tem capacidade de parir, é ligada ao mundo físico (por isso, irracional). Como o mundo físico e a natureza devem ser subordinados ao controle da razão, a mulher deve ser controlada pelo homem. Os neoplatônicos, com esse dualismo, e a filosofia maniqueísta – que via o mundo em conflito cósmico entre a luz e as trevas, o mal e o bem, o espírito e a matéria – tiveram forte

influência sobre santo Agostinho, talvez o autor cristão mais influente nas questões relacionadas ao sexo e à sexualidade³⁰.

Agostinho escreveu que, depois da Queda, Adão e Eva se cobriram porque tiveram vergonha. Também ensinou que todos os atos sexuais são, em certa medida, pecaminosos porque pelo menos alguma luxúria está virtualmente implicada em cada um deles. Para Agostinho, o pecado de Adão e Eva foi transmitido através das gerações por meio da união sexual. (RYAN, 1999, p. 115-116)

“Agostinho, entre fins do século IV e início do V, associou definitivamente, no imaginário cristão, sexo e pecado original” (LIMA, 1996, p. 38)

Para ele, o amor conjugal era considerado um dever a ser cumprido apenas pela sua finalidade natural: a procriação. Até mesmo nesse caso, pelo pecado original de Adão e Eva, o sexo teria em si uma mancha de pecado. Como o sexo só poderia ser praticado para procriação, nenhuma tentativa de evitar a concepção poderia ser moralmente aceitável.

Entre os séculos VII e XI, surgiram os penitenciais, que eram guias para orientar os padres nas confissões, relacionando o pecado com sua respectiva punição (JURKEWICZ, 2005). Todos os pecados foram relacionados, do mais banal ao mais grave. Esses guias cristalizaram a idéia de que o pecado era um ato individual. Os pecados sexuais possuíam vários itens e punições muito severas. Nesta lista, poderíamos encontrar: sexo fora do casamento, adultério, masturbação, prostituição, coito interrompido, homossexualidade, sexo com mulher grávida e sexo com mulher que já não pode engravidar – todos partiam da mesma fundamentação, pois eram atos de luxúria, já que não tinham finalidade de procriar (RYAN, 1999).

Tomás de Aquino e o pensamento escolástico trouxeram a idéia de pecado contra a natureza, pois toda ação deve se dirigir à sua finalidade natural. Assim, como o fim natural do sexo seria a concepção, impedi-la seria mau e o ato, pecaminoso.

³⁰ É importante destacar que a noção de sexualidade é recente, não sendo utilizada naquela época. Para mais informações a respeito, cf. A História da Sexualidade, de Michel Foucault.

O próprio casamento era considerado como um mal menor para o apóstolo Paulo. Para ele, o maior valor estava no celibato. Como ele tinha a expectativa do retorno de Cristo ainda durante sua vida, considerava que o casamento era um desperdício de energia, a qual deveria ser reservada para se levar a palavra do Senhor a todas as paragens. Entretanto, para quem realmente não suportasse o celibato, seria melhor o casamento. (RYAN, 1999)

Todos esses pensamentos levaram à idéia de que o casamento tinha uma finalidade primária, que era a concepção e, conseqüentemente, a procriação de filhos. Somente séculos depois é que se considerou uma finalidade secundária para o casamento – o bem-estar dos cônjuges e o amor –, mas antigamente ela não era enfatizada nos ensinamentos cristãos. (RYAN, 1999)

“Esse discurso assustador da sexualidade será apropriado mais tarde pela medicina, travestido de ciência” (LIMA, 1996, p. 44), por meio do dispositivo da sexualidade.

Se formalmente a visão católica da sexualidade se fixa na dualidade feminino/masculino e no controle dos corpos, Foucault mostra como, a partir da Contra-Reforma, no século XVI, a prática da confissão – ou seja, pelo discurso – vai buscando instaurar o controle também dos desejos, dos pensamentos, das intenções. A extensão das confissões vai se ampliando, até açambarcar não somente a prática, o ato sexual em si, mas

(...) todas as insinuações da carne: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo, tudo isso deve entrar, agora, e em detalhe, no jogo da confissão e da direção espiritual. (...) Tudo deve ser dito. (...) Uma dupla evolução tende a fazer, da carne, a origem de todos os pecados e a deslocar o momento mais importante do ato em si para a inquietação do desejo, tão difícil de perceber e formular; pois que é um mal que atinge todo o homem e sob as mais secretas formas. (FOUCAULT, 2006, p. 25)

A pastoral cristã, então, colocou em vigência um imperativo – digamos, a pré-condição para a instauração do dispositivo da sexualidade –, que é não

apenas confessar o que contraria a moral, mas fazer de todo e qualquer desejo um discurso, fazendo passar tudo o que diz respeito ao sexo pelo crivo da palavra.

(...) a pastoral cristã procurava produzir efeitos específicos sobre o desejo, pelo simples fato de colocá-lo integral e aplicadamente em discursos: efeito de domínio e de desinteresse, sem dúvida, mas também efeito de reconversão espiritual, de retorno a Deus, efeito físico de dores bem-aventuradas por sentir no seu corpo as ferroadas da tentação e o amor que lhe resiste. O essencial é bem isso: (...) que, a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo; e que se tenha esperado desse discurso, efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação, de reorientação, de modificação sobre o próprio desejo. (FOUCAULT, 2006, p. 29)

Ao invés de uma expressa *censura sobre o sexo*, a pastoral cristã instituiu uma técnica de *produção de discursos sobre o sexo* – “suscetíveis de funcionar e de serem efeito de sua própria economia” (FOUCAULT, 2006, p. 29) –, que extrapolou os limites da espiritualidade cristã para se tornar, ao final do século XVIII e durante todo o século XIX, essencial aos mecanismos de poder, com a implantação do dispositivo da sexualidade.

Até o século XVIII, havia três grandes códigos que regiam as práticas sexuais: o canônico, a pastoral cristã e a lei civil. Todos se centravam nas relações matrimoniais e nas prescrições para o sexo dos cônjuges. Depois da explosão discursiva dos séculos XVIII e XIX, há duas modificações importantes nesse regime discursivo: o casal heterossexual monogâmico – considerado legítimo – adquire direito a uma maior descrição, apesar de incidir sobre ele uma normatização mais rigorosa; e passa-se a interrogar exaustivamente a sexualidade da criança, dos loucos, dos que não se relacionam amorosamente com o outro sexo. “Todas estas figuras, outrora apenas entrevistadas, têm agora de avançar para tomar a palavra e fazer a difícil confissão daquilo que são.” (FOUCAULT, 2006, p. 46) E a sexualidade legítima será interrogada, se o for, a partir dessas sexualidades periféricas. Daí em diante, no âmbito da sexualidade, será sobre as infrações morais ou legais contra o casamento e a

família e contra um funcionamento natural que recairão as principais condenações.

Como vimos no início deste item, o dispositivo da sexualidade se instalou a partir do dispositivo da aliança. Se antes o que estava em jogo era o sexo como suporte de relações, agora passa a ser a problemática da “carne”, os desejos, a concupiscência. E foi a unidade familiar que deu condições para que se desenvolvessem os principais elementos do dispositivo da sexualidade, como a histerização do corpo da mulher, a sexualidade infantil, a regulação da procriação e a tipificação dos perversos como “espécie”. (FOUCAULT, 2006)

Como mostra Foucault, o papel da família é fixar a sexualidade e funcionar como seu suporte permanente. “A família é o permutador da sexualidade com a aliança: transporta a lei e a dimensão do jurídico para o dispositivo da sexualidade; e a economia do prazer e a intensidade das sensações para o regime da aliança”.(FOUCAULT, 2006, p.119)

3.3 Família, *ethos* privado e religião³¹

Como vimos no início deste capítulo, a cultura brasileira é permeada por intensa religiosidade. Duarte (2005) diz que uma sensibilidade ao religioso³² seria uma característica fundante da cultura brasileira, o que, em estreita relação a outras características mais profundas de nossa cultura (tais como a “hierarquia” e a “relacionalidade”), permite-nos “considerar que essa constitua uma hipótese liminarmente plausível para o equacionamento da particular presença do religioso nesta sociedade” (DUARTE, 2005, p. 144).

Normalmente, tendemos a pensar que as denominações religiosas são responsáveis pelo comportamento de seus fiéis, como se tratasse de uma via de mão única. Entretanto, Duarte mostra que a liberdade religiosa instituída pela afirmação de um Estado laico, ainda que esse não seja completamente efetivado na prática, permite não só a convivência entre múltiplas

³¹ A palavra grega *ethos* significa a morada do homem, sua casa, seus hábitos, usos e costumes, mas também o seu caráter, temperamento, índole. O *ethos* é a condição para a existência de uma cultura, de um povo (...) (CARVALHO, 2007)

³² Para Duarte, o religioso deve ser compreendido, nas sociedades modernas, como uma “visão de mundo”, uma cosmologia estruturante, na qual se reconhece que o espaço da ‘religiosidade’ abarca hoje muitos valores e comportamentos oficialmente ‘laicos’ ou, ao menos, ‘não-confessionais’.” (DUARTE, 2006b, p. 16)

denominações, mas também a legitimidade da existência de diversas crenças e diferentes pertencimentos religiosos (2005).

Dessa forma, o pertencimento religioso teria mais a ver com um *ethos* privado não confessional³³, ou seja, a pessoa escolhe continuar pertencendo a uma religião de atribuição (em que foi socializada, normalmente a mesma da família de origem) se encontra nela ressonância para seus próprios valores e forma de conduta. Caso não encontre afinidade com a sua maneira de ser, ela escolhe mudar para uma religião em que essa afinidade seja mais possível. (Duarte, 2005).

Duarte, entretanto, enfatiza que é impossível se fazerem escolhas completamente individuais, pois o pertencimento à família e a uma localidade é também determinante.

Esse entranhamento das identidades pessoais em ordens relacionais mais abrangentes é característica universal da vida social, mas cabe sublinhá-lo neste contexto, dada a possibilidade de confusão da referência a 'opções' e 'escolhas' (...) com o efetivo exercício de uma autonomia absoluta (Duarte, 2005, p. 145).

É importante também destacar que o pertencimento – e o trânsito – religioso implica uma negociação de realidade que cada vez mais se desloca do regime de atribuição (religião da família de origem) para o regime de aquisição (religião de conversão), o que implica um recrudescimento da liberdade transgeracional, ao mesmo tempo em que se mantêm expectativas, das gerações anteriores, de continuidade do pertencimento religioso das gerações sucessoras. (DUARTE, 2005)

Outra observação importante diz respeito à separação entre o mundo privado e a esfera pública. A sexualidade foi expulsa da esfera pública (DUARTE, 2006), devido ao papel que exerce na família (e que a família exerce sobre ela, como vimos no item anterior) e na interioridade das pessoas. “À medida que a adesão religiosa também se define como parte da dimensão privada dos sujeitos modernos, a família, a sexualidade e a religião voltam a se

³³ *Ethos* privado, no sentido que é dado por Duarte, agrega dimensões da existência que dizem respeito à sexualidade, reprodução, moralidade e comportamento familiar. (DUARTE, 2006b, p. 16)

encontrar (...)” (DUARTE, 2006, p. 64). Mesmo na família, a sexualidade tem um lugar bastante próprio e restrito que é relação do casal fundador da neofamília³⁴. O pertencimento familiar concomitante ao pertencimento religioso se dá em permanente tensão com a sexualidade, com interditos e prescrições que tendem a subordiná-la à conjugalidade com fins reprodutivos. (DUARTE, 2006, p. 65)

Segundo Maria das Dores Campos Machado, o modelo católico de família nuclear (pai, mãe e filhos) foi no Brasil, durante todo o século XX, considerado o ideal de família cristã (2006). Segundo essa autora,

Na perspectiva da igreja hegemônica, esse pequeno grupo doméstico está associado basicamente à função reprodutiva tanto física quanto cultural, e por isso temas como contracepção, divórcio, aborto e homossexualismo foram, e ainda são parcialmente, extremamente ameaçadores à instituição católica. (MACHADO, 2006, p. 104)

Se, por um lado, a modernidade favoreceu o individualismo, tanto no nível pessoal, quanto familiar (‘famílias individualizadas’), esse processo não se deu – e ainda não se dá – sem “tensões entre autonomia das pessoas e as identidades coletivas ou a pertença familiar” (MACHADO, 2006, p. 102)

Como afirmam Machado e Duarte, a família é, para diversas tradições religiosas, um *locus* privilegiado de transmissão e/ou socialização de valores e princípios religiosos. Como as religiões não dispõem de mecanismos coercitivos, elas instituem uma aliança com a família – fazendo a apologia desta –, que inculca em seus membros, especialmente nos das gerações sucessoras, os valores morais defendidos pelas religiões. (MACHADO, 2006; DUARTE, 2006). Segundo Duarte, “a Igreja católica, assim, é provavelmente o repositório mais abrangente de reflexão e elaboração pastoral desse tema, possuindo diversos textos doutrinários diretamente concernidos a ele” (DUARTE, 2006, p. 70). Não é à toa que a cosmologia cristã é marcada por um familismo original, inclusive com a simbologia da Sagrada Família como

³⁴ Neofamília é o termo para a família formada, de escolha, em oposição à família de origem, em que nascemos.

mediadora entre o sagrado e o propriamente humano, que reforça a identidade familiar terrena.

Por isso, a principal estratégia utilizada pelo catolicismo para impor seus valores morais para a sociedade pressupõe um forte investimento na família de origem e na manutenção do modelo nuclear de família. Sobre esse investimento, um exemplo recentíssimo: no dia 12 de agosto de 2008, O São Paulo, jornal semanal editado pela Arquidiocese de São Paulo, traz a seguinte manchete: “Igreja alerta sobre lei da família”, com matéria de página inteira. O alerta diz respeito à votação, em breve, pelo Congresso Nacional, do Estatuto da Família, criticado pela Igreja católica:

Além da descaracterização da família como tal, o projeto propõe a completa equiparação entre a família fundada no matrimônio, a união estável, a união homoafetiva e a união parental e mono-parental. Não se fala mais de família e sim de “entidades familiares”; e atribui a todas as entidades familiares a mesma dignidade e igual merecimento de tutela, sem hierarquia entre elas. Além disso, são previstos tempos acelerados para a realização do divórcio, que pode ser conseguido inclusive de modo extrajudicial. (IGREJA, 2008, p. B3)

Tanto Duarte como Machado ressaltam que há autonomia das pessoas em relação às instituições religiosas, mas Machado assinala que “(...) a autodeterminação e a capacidade de discernimento em face das instituições religiosas depende, entre outros fatores, da autoconfiança dos indivíduos e da inclusão em diferentes redes de sociabilidade”. (MACHADO, 2006, p.103). Também Duarte afirma que pode ocorrer interpretação pessoal no interior das igrejas, mas (...) “sempre há um ônus psicológico a enfrentar na contravenção dos dogmas ou preceitos” (DUARTE, 2005, p. 156).

Natividade assinala que tanto a sexualidade, quanto a experiência religiosa são modeladoras da subjetividade das pessoas, levando a formas distintas de se perceber o mundo e de estar nele, de se vivenciar as relações sociais, atualizadas e reelaboradas pelas experiências sociais vividas. “A experiência religiosa é pensada como parte de um processo de construção de si, em conexão com outros domínios da vida social, como: percurso sexual amoroso, história familiar e etapa da vida.” (NATIVIDADE, 2005, p. 248).

Como enfatiza Duarte,

Apesar da alta institucionalização da ideologia individualista característica das sociedades modernas, os sujeitos sociais continuam se construindo na trama das relações sociais e, mais do que isso, instituindo-se no interior desse núcleo denso que é o da família de origem. (DUARTE, 2006, p. 84)

3.4 Religião católica e desigualdade de gênero

Costuma-se dizer que a religiosidade, na sociedade brasileira, é uma característica feminina, intuição normalmente confirmada por dados estatísticos sobre pertencimento religioso. Na verdade, essa religiosidade feminina se dá apenas em relação à prática religiosa. Como diz Maria José Rosado-Nunes,

(...) as religiões são um campo de investimento masculino por excelência. Historicamente, os homens dominam a produção do que é sagrado nas diversas sociedades. Discursos e práticas religiosas têm a marca dessa dominação. Normas, regras, doutrinas são definidas por homens em praticamente todas as religiões conhecidas. (ROSADO-NUNES, 2005, p.363)

A Igreja católica é fundamentalmente patriarcal, pois se baseia na idéia de um Deus-pai, todo poderoso, e um filho-homem carismático que vem salvar a humanidade do pecado original, cometido por obra de “incontinência moral” uma mulher. Como diz Rosado-Nunes, referida por Fernandes (2005), os homens são os responsáveis não somente pela mediação entre o humano e o sagrado, pela via do sacerdócio, mas são os responsáveis pelas narrativas oficiais que naturalizaram os padrões sociais que regulam o que é próprio do masculino e do feminino. (FERNANDES, 2005, p. 426). A seguir, veremos exemplos emblemáticos dessa narrativa misógina.

Na passagem bíblica do Gênesis, que conta como a humanidade foi expulsa do Paraíso, Deus – depois de criar a Terra, os seres vivos e, entre

eles, os seres humanos – ordenou a Adão e Eva que não comessem o fruto da Árvore do Conhecimento. Eva, que havia sido criada por Deus a partir de uma costela de Adão e para fazer companhia a ele, não resiste à tentação da serpente, desobedece à ordem dada por Deus e induz Adão a pecar com ela. A ira de Deus se expressou em maldições para ambos e todos os seus descendentes: a partir de então, a mulher pariria com dor e sofrimento, e seria dominada pelo homem que, por sua vez, teria de trabalhar arduamente para obter o alimento que o sustentaria.

Ao colocar a mulher como responsável pela Queda original e, a partir daí, submetida ao homem, essa passagem demonstra que não há equidade entre os gêneros desde a criação do mundo, define que a submissão da mulher se deu por culpa dela – é, portanto, merecida – e coloca as mulheres como responsáveis por todos os sofrimentos e males da humanidade.

Com isso, também podemos entender alguns dos estereótipos mais fortemente arraigados nas sociedades ocidentais em geral: a mulher não tem disciplina, é impulsiva e cede facilmente às tentações. Além disso, tem o poder de seduzir o homem a ponto de levá-lo à perdição.

Outros trechos bíblicos iriam na mesma direção, mas fundamentalmente a descrição da Queda original e a proibição de falar que teria feito o apóstolo Paulo às mulheres em Corinto, impedindo-as de se pronunciar em público com autoridade, são os textos que deram margem – ou justificativa – à exclusão das mulheres na instituição eclesiástica, somados ao fato alegado de que Jesus escolheu doze apóstolos homens – e nenhuma mulher – para levar sua palavra a todo o mundo. Segundo Adriana Valerio, “a leitura distorcida de tais textos excluiu o sexo feminino da visibilidade institucional, relegando-o tão-somente ao exercício de papéis subordinados.” (VALERIO, 2005, p. 370)

Não se pode afirmar que a inferiorização da mulher e o patriarcado tenham sido criados pela religião. Os autores do texto bíblico certamente estavam expressando algo que já era presente em sua cultura. Ao registrá-la no contexto de um livro sagrado, o que ocorreu foi a reificação e uma legitimação da discriminação das mulheres que já ocorria naquela

sociedade, naquela época e naquele contexto, tornando-a uma expressão da “vontade divina” (ROSADO-NUNES, 2005).

No catolicismo, como assinala Rosado-Nunes, “(...) as leis internas dessa instituição, codificadas no Código de Direito Canônico (...) mantêm uma cláusula que atribui exclusivamente aos homens – e celibatários – o acesso ao ministério sacerdotal.” (ROSADO-NUNES, 1998, p. 141). Essas restrições à participação das mulheres no cotidiano da Igreja mostram que, ainda hoje, a hierarquia mantém viva a idéia de desigualdade entre mulheres e homens: mulheres não podem ser ordenadas e, portanto, não podem celebrar missa, nem participar das instâncias de poder e decisão, sendo a excomunhão a ameaça para quem desafiar essa norma. (RYAN, 1999)

Além do que já foi exposto, cabe lembrarmos que, se a religião é uma modeladora de subjetividades, o modelo feminino apresentado como exemplar, como a virgem Maria, reporta à submissão, à fragilidade, à maternidade como destino, ao servir, à dessexualização e à desvitalização das mulheres como um ideal a ser perseguido. Já o modelo a ser negado e recusado por ser causador das desgraças da humanidade – Eva – reporta à liberdade de escolha, à sexualidade com liberdade, à tomada de iniciativa, à curiosidade, à vontade de saber. Esses modelos são antagônicos e funcionam de forma importante para o controle dos corpos e da vida das mulheres.

Por fim, é importante lembrar que as rígidas posições da hierarquia católica – que determinam para seus fiéis que o sexo deve ser praticado dentro do casamento, com finalidade de reprodução e, portanto, sem o uso de preservativos – incidem mais direta e fortemente sobre as mulheres, sendo um poderoso meio de controlar seus desejos e comportamentos.

3.5 Religião católica e homossexualidade

De forma muito geral, podemos afirmar que as grandes religiões monoteístas são as que mais dificuldades impõem para a aceitação da diversidade sexual, mas em maior ou menor grau, todas as religiões tradicionais do mundo demonstram algum nível de rejeição ou preconceito,

mesmo quando apresentam um discurso aparentemente não excludente (SWIDLER, 1993).

No Brasil, como vimos, é a tradição cristã – representada majoritariamente pelo Catolicismo e, mais recentemente, pelo crescimento de igrejas evangélicas – que ajuda a conformar a mentalidade da população, define valores morais e tenta impor o que é aceitável em termos de sexualidade, pois permeia todas as relações e modela subjetividades até mesmo de quem não segue o cristianismo.

O nosso conceito de família – que só pode ser formada por homem, mulher e filhos – vem desse ideário. A função da sexualidade como exclusivamente reprodutora também é um fator gerador de problemas, pois o sexo realizado somente por prazer não é moralmente bem visto. Mesmo que os/as brasileiros/as tenham práticas e comportamentos bastante diferentes dos pregados pelas religiões cristãs, essas concepções ajudam fortemente a amalgamar e a legitimar o preconceito contra gays e lésbicas, reforçando as idéias correntes de que essas pessoas vivem em perversão, são anormais e desviantes.

Tomemos como exemplo o catecismo católico. Encontramos (os grifos são meus):

2357. A homossexualidade designa as relações entre homens e mulheres que sentem atração sexual, exclusiva ou predominante, por pessoas do mesmo sexo. A homossexualidade se reveste de formas muito variáveis ao longo dos séculos e das culturas. A sua gênese psíquica continua amplamente inexplicada. **Apoiando-se na Sagrada Escritura, que os apresenta como depravações graves, a Tradição sempre declarou que 'os atos de homossexualidade são intrinsecamente desordenados'.** São contrários à lei natural. Fecham o ato sexual ao dom da vida. Não procedem de uma complementaridade afetiva e sexual verdadeira. Em caso algum podem ser aprovados. (CNBB, 2000, p. 610)

2358. Um número não negligenciável de homens e mulheres apresenta tendências homossexuais inatas. Não são eles que escolhem sua condição homossexual; para a maioria, pois, esta constitui uma provação. Devem ser acolhidos com respeito, compaixão e delicadeza. Evitar-se-á para com eles

todo sinal de discriminação injusta. **Estas pessoas são chamadas a realizar a vontade de Deus na sua vida e, se forem cristãs, a unir ao sacrifício da cruz do Senhor as dificuldades que podem encontrar por causa da sua condição.** (CNBB, 2000, p. 610-611)

2359. As pessoas homossexuais são chamadas à castidade. Pelas virtudes de autodomínio, educadoras da liberdade interior, às vezes pelo apoio de uma amizade desinteressada, pela oração e pela graça sacramental, **podem e devem se aproximar, gradual e resolutamente, da perfeição cristã.**" (CNBB, 2000, p. 611)

Há algumas poucas passagens bíblicas que, supostamente, tratariam da homossexualidade³⁵, condenando-a. Algumas estariam no Antigo Testamento: uma estaria no Gênesis (19), no conhecido episódio de destruição de Sodoma e Gomorra, outra em Juízes (19) – em ambas se trataria da questão do abuso sexual de hóspedes por habitantes da cidade –, e duas estariam em Levítico (18.22 e 20.13) e tratariam o ato sexual entre dois homens como uma abominação. No Novo Testamento, teríamos três referências de Paulo à homossexualidade (Rm 1, 1 Co 6.9 – 11 e 1 Tm 1.8 – 11). (GERSTENBERGER, 1999 e HELMINIAK, 1998).

Jurkewicz afirma que a passagem de Gênesis 2.24³⁶ é interpretada por certos teólogos como uma prescrição de Deus no sentido da heterossexualidade monogâmica (2005). E a autora vai além:

[Alguns teólogos] Afirmam que esse modelo é parte da ordem criada e não está sujeito a mudanças culturais ou históricas. É a chamada visão *criacionista* que entende o sexo como motivo do companheirismo e da reprodução, existindo somente em virtude de certa complementaridade entre o homem e a mulher. Sustentam que nenhum outro modelo de vivência

³⁵ As palavras “homossexualidade” e “homossexual” não aparecem na Bíblia, já que o termo homossexual foi criado apenas em 1868, com significado de “invertido sexual”. Curiosamente, o termo “heterossexual” foi criado depois do termo homossexual, por volta de 1892, e significava, em sua origem, o amor patológico e doentio por pessoa de sexo oposto. Até o início do século XX, portanto, o termo heterossexual designava um ser “depravado”. Foi gradualmente que ele adquiriu o significado de “sexualidade ideal” que tem hoje. (KATZ, 1996)

³⁶ “(...) por isso, um homem deixa seu pai e sua mãe, e se une à sua mulher, e eles dois se tornam uma só carne” (JURKEWICZ, 2005)

sexual pode ser *natural* ou moralmente aceitável (grifos da autora).(JURKEWICZ, 2005, p. 47)

Não vamos entrar no mérito teológico dessas interpretações, pois não é nosso objetivo neste trabalho³⁷. Interessa-nos, sobretudo, apontar três fatos que julgamos relevantes: 1) a suposta condenação bíblica à homossexualidade se dá pela aproximação de homens com o papel reservado a mulheres. Então, as abominações, nesse caso, são o “ser efeminado”, ou ainda, no caso dos chamados sodomitas, de fazer o “papel sexual passivo”, apropriado ou determinado apenas para as mulheres; 2) a homossexualidade feminina não aparece na Bíblia, sendo que há alguma insinuação a respeito da passagem de Rute e Naomi (Rt 1.16-17) e em Paulo (Rm 1.26)³⁸, mas não ultrapassa o campo da insinuação velada; e 3) Há passagens tanto do Antigo como do Novo Testamento que já não são aceitas socialmente, pois se trataria de costumes e hábitos de uma cultura historicamente determinada, como a condenação do corte de cabelo para homens (Levítico 19: 27), a proibição de se tocar a pele de porco morto (Levítico 11: 6-8), a possibilidade de vender uma filha como serva (Êxodo, 21: 7), a de possuir escravos desde que sejam de países vizinhos (Levítico 25: 44), a pena de morte para quem trabalhar aos sábados (Êxodo 35: 2).

Desses fatos, emerge uma discussão que nos parece bastante interessante e importante. Em primeiro lugar, vemos que, pelo menos em termos religiosos, ou melhor, cristãos, a condenação atual da homossexualidade está fundamentada na leitura e interpretação de determinadas passagens bíblicas. Essa condenação se baseia no fato de um homem aproximar-se do feminino, de se tornar parecido com uma mulher (efeminado) ou se comportar sexualmente como uma mulher (passivo). Está, portanto, alicerçada na questão da desigualdade de gênero fundante do

³⁷ Para uma discussão aprofundada sobre as passagens bíblicas que supostamente condenam a homossexualidade, cf. a que Daniel Helminiak faz em seu livro *O Que a Bíblia Realmente Diz Sobre a Homossexualidade* (São Paulo: Summus/GLS, 1998)

³⁸ Quanto à passagem acima referida “(...) suas mulheres mudaram as relações naturais por relações contra a natureza” (GERSTENBERGER, 1999), há quem afirme que ela não se refere necessariamente à homossexualidade, mas a práticas sexuais que não visam procriação, como o coito anal.

cristianismo. Isso é reforçado pela invisibilidade da sexualidade lésbica³⁹ na própria Bíblia, o que nos remete a duas aproximações diferentes: tanto à posição falocêntrica ocidental (sem pênis não há penetração, sem penetração não há ato sexual), quanto à condenação cultural da sexualidade (aproximar-se de um altar para cultos em estado de impureza) não atingir a mulheres, porque elas já estavam apartadas do poder ritual desde sempre. (GERSTENBERGER, 1999, p.15)

E há, evidentemente, a questão da interpretação de passagens bíblicas. A questão que se coloca é: por que algumas passagens foram simplesmente deixadas de lado, enquanto outras, ainda que também possam ser consideradas histórica e culturalmente datadas, permanecem sendo amplamente utilizadas, como as que dizem respeito à homossexualidade? A resposta nos parece residir no que já apontamos anteriormente: a questão do exercício do poder.

Esse exercício de poder nos remete novamente a Foucault. Em suas várias discussões sobre o tema, Foucault propõe que o poder é polímorfo e que está presente em todas as relações humanas e em todas as esferas, tanto públicas quanto privadas. Além disso, a centralidade e a importância do discurso no exercício do poder nos darão elementos para aprofundar essa discussão:

(...) estamos submetidos à verdade também no sentido de que ela é lei e produz o discurso verdadeiro que decide, transmite e reproduz, ao menos em parte, efeitos de poder. Afinal, somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer em função dos discursos verdadeiros que trazem consigo efeitos específicos de poder.(...) (FOUCAULT, 2007, p. 180)

O discurso das instituições religiosas sobre a homossexualidade e, mais especificamente, o da Igreja católica, tem esse caráter poderoso, que serve a múltiplas razões: perpetuar a desigualdade entre homens e mulheres e entre o

³⁹ Curioso que a invisibilidade lésbica remonte a tempos bíblicos, pois ainda hoje é uma questão para o movimento lésbico organizado que, no Brasil, instituiu o dia 29 de agosto como o “dia da visibilidade lésbica”. Há quem diga que a homossexualidade feminina é invisível por uma questão de gênero, pois a sexualidade da mulher é interdita, enquanto a dos homens é valorizada, e porque a ocupação do espaço público ainda é uma prerrogativa masculina.

masculino e o feminino; criar e manter a fronteira entre o “nós” – determinando o que é normal, portanto aceito ou valorizado – e os outros, os que fogem à normalização e devem ser rejeitados; criar condições de controle das sexualidades e dos corpos, e, portanto, de comportamentos e pensamentos; oferecer alternativas sagradas, dentro de um vasto mercado religioso, de redenção dos pecados e salvação. No caso do catolicismo,

(...) a legitimidade da concentração de poder no papado é dada pelo caráter carismático da figura do papa, por um lado, e pelo cultivo da piedade popular tradicional, que permite a organização da religiosidade das massas, por outro. (ROSADO-NUNES, 1998, p. 137)

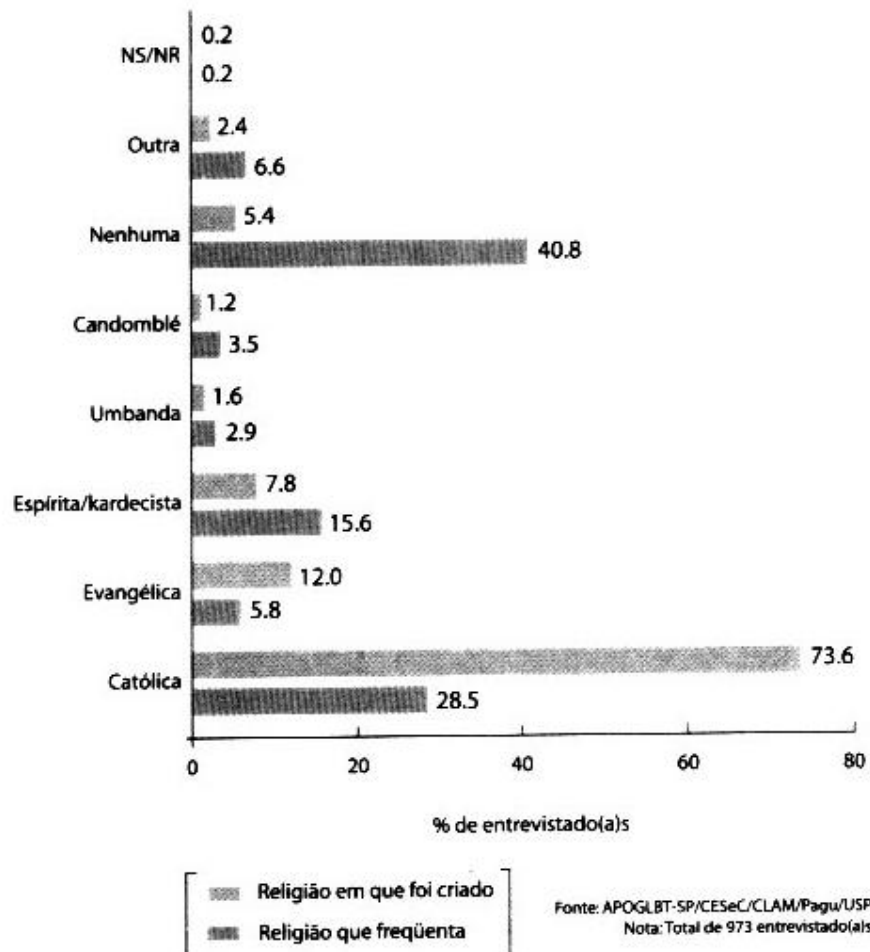
Ainda há que se pesar a forte ingerência política da Igreja católica sobre as políticas públicas no que diz respeito à garantia de direitos a pessoas homossexuais. Como vimos na Introdução, a hierarquia católica vem sistematicamente exortando políticos de todo o mundo a não aprovarem leis que garantam, por exemplo, o direito à união civil estável, o chamado “casamento gay. Assim, evidencia-se que há um investimento da Igreja católica para obter/exercer/manter o poder em diversas esferas: simbólico-discursiva, pastoral, privada, pública etc.

Como efeito de verdade, como controle social de corações e mentes, o resultado do exercício massivo deste poder é a vivência, por parte de homossexuais, de sentimentos de intensa culpa e vergonha, com reiteradas expressões de “(...) *tentativas de parar* e o desejo de *levar uma vida normal* (NATIVIDADE, 2005, pp. 254), já que “as práticas homossexuais são relevantes na percepção de si” (Idem, pp. 254), e, como Natividade aponta, acaba sendo uma percepção negativa de si (2005). Por isso, as identidades religiosa e homossexual coexistem “por meio do cultivo do segredo, do ocultamento de informações relativas ao exercício da homossexualidade no ambiente religioso.” (Idem, pp. 265).

Por fim, é importante assinalar que, possivelmente, uma outra saída encontrada por homossexuais para esses conflitos entre as identidades religiosa e sexual, além da manutenção do segredo, é o trânsito religioso ou o

afastamento da religião. Observemos o gráfico a seguir, constante no livro *Política, Direitos, Violência e Homossexualidade – Pesquisa 9ª Parada de Orgulho GLBT – São Paulo 2005*:

**Religião em que foi criado(a) e a que freqüenta (múltiplas respostas)
Parada São Paulo 2005**



Por meio dessa pesquisa, Carrara *et al.* mostram que:

Em marcado contraste com os dados do Censo 200, segundo os quais apenas 7,4% dos brasileiro(s) não freqüentam nenhum tipo de culto religioso, destacamos o significativo

número do(a)s que, em nossa amostra⁴⁰, declaram não ter qualquer religião (40,8%). Note-se também que, ao comparar a religião em que o(a) respondente foi criado(a) com aquela que frequenta atualmente, o número de católicos e evangélicos cai drasticamente, enquanto o número de adeptos de cultos afro-brasileiros e do espiritismo kardecista cresce. Muito provavelmente, a condenação moral à homossexualidade, que caracteriza as religiões cristãs de modo geral, tem peso importante para essas trajetórias contrastantes. Não por acaso, verificamos que 22,7% de todo(a)s entrevistado(a)s declararam já ter sido vítima de marginalização ou exclusão em ambiente religioso. (CARRARA, 2006, p. 24)

No próximo capítulo, mostraremos como foi o processo de coleta dos dados que compuseram o material empírico que será analisado no capítulo 5. Daremos as razões de nos filarmos a uma abordagem qualitativa, apresentaremos brevemente o construcionismo, a técnica do grupo focal, uma síntese da composição dos próprios grupos e a maneira pela qual optamos para organizar os dados para fazer a análise dos dados.

⁴⁰ É importante ressaltar que a amostra da pesquisa citada não é composta somente por homossexuais. Gays e lésbicas representam 56,5% das pessoas entrevistadas. (Cf. CARRARA, 2006, p. 25) Assim, não se pode fazer generalizações a partir desses dados, mas eles certamente dão indícios de como se dá o pertencimento e o trânsito religiosos ou o afastamento da religião para essas pessoas.

CAPÍTULO 4

SOBRE O PROCESSO DA PESQUISA

4.1 A abordagem qualitativa, o construcionismo e a perspectiva foucaultiana

Em primeiro lugar, cabe explicitar que o presente trabalho se constrói a partir de uma abordagem qualitativa. Se em alguns momentos utilizamos números, trata-se não de um desvio de rota rumo à pesquisa quantitativa, mas de um recurso para iluminar um contexto específico, sobre o qual os dados numéricos falam de forma eloqüente.

A escolha da pesquisa qualitativa se dá, em primeiro lugar, porque “(...) permite compreender o ser humano na fluidez das relações sociais.” (SPINK e MENEGON, 2004, p. 84), e pela crença de que não existe uma Verdade a ser encontrada e revelada pela pesquisa, nem mesmo uma realidade dada, já pronta, a que se possa aceder com a neutralidade do/a pesquisador/a, pelo rigor científico e procedimentos metodológicos controlados.

Do ponto de vista da pesquisa quantitativa, “(...) a mensuração, a quantificação, a busca da causalidade, do controle estatístico e de variáveis tornam-se o meio para gerar conhecimento válido e universal.” (GONDIM, 2003, p. 150). Por essa abordagem, o caráter científico de uma pesquisa se dá por sua suposta objetividade, pela possibilidade de ser replicada e pela generalização de seus resultados (GONDIM, 2003). Há, então, uma crença na total separação entre sujeito (investigador) e objeto (alvo da investigação) da pesquisa. E na capacidade que a linguagem científica teria para representar um fenômeno, um fato, uma realidade, que existiriam independentemente da ação do pesquisador-cientista.

Do ponto de vista da pesquisa qualitativa, entretanto, “(...) o que é investigado não é independente do processo de investigação e, sendo assim, o conhecimento produzido é valorativo e ideológico.” (GONDIM, 2003, p. 150). Por isso, para quem compartilha dessa forma de compreender a produção científica, esta só tem sentido se servir como “(...) um instrumento para a autoconscientização e ação humana. (...) bem como um aumento da exigência do comprometimento do pesquisador com a transformação social.” (GONDIM, 2003, p. 150).

Para diversas abordagens qualitativas, a linguagem não somente representa o mundo, mas também o constrói. “A linguagem não só nos diz como é o mundo, ela também o institui; e não se limita a refletir as coisas do mundo, também atua sobre elas, participando de sua construção”. (IBAÑEZ, 2005, p. 39). Esse caráter performativo da linguagem impede qualquer possibilidade de existir um distanciamento entre sujeito e objeto, qualquer possibilidade de haver, enfim, uma neutralidade científica, pois, na medida em que falamos ou escrevemos sobre um suposto “objeto”, também o estamos constituindo.

De forma muito clara, Thomas Laqueur (2001) mostra como isso é possível. Ele mostra, entre outras coisas, que o discurso vitoriano sobre a sexualidade das mulheres era uma construção nova, recente à época, já que até o final do século XVII o orgasmo, tanto de homens como de mulheres, era considerado essencial para a reprodução e um fato corriqueiro na vida. E a sensualidade era associada às mulheres, não aos homens.

O lugar-comum da psicologia contemporânea – de que o homem deseja o sexo e a mulher deseja o relacionamento – é a exata inversão das noções do pré-iluminismo que, desde a Antiguidade, ligava a amizade aos homens e a sensualidade às mulheres. (LAQUEUR, 2001, p. 15).

Na medida em que a ciência “descobriu” que a reprodução poderia se dar independentemente do prazer sexual feminino, esse passou ao segundo plano, abrindo-se ainda a possibilidade de se discutir a sexualidade feminina, esquadrihá-la, classificá-la, debatê-la, até simplesmente negá-la.

As mulheres, cujos desejos não conheciam fronteiras no antigo esquema e cuja razão oferecia pouca resistência à paixão, tornaram-se, em alguns relatos, criaturas com uma vida reprodutiva anestesiada dos prazeres carnavais. Quando, no final do século XVIII, passou-se a pensar que a ‘a maioria das mulheres não se preocupava com sentimentos sexuais’, a presença ou ausência do orgasmo tornou-se um marco biológico da diferença sexual. (LAQUEUR, 2001, pp. 15-16)

Por isso, as gerações posteriores – e sua forma de entender e viver a sexualidade – foram conformadas por esse discurso. Até os anos 1970, quando o feminismo começa a produzir de forma mais sistemática um contra-discurso

para se desfamiliarizar/desconstruir essa “realidade”, acreditava-se piamente que o sexo era, para o homem, uma necessidade biológica, mas o mesmo não era válido para a mulher. Os rapazes que queriam ter um relacionamento sexual com suas namoradas freqüentemente usavam esse argumento de que o sexo era uma “necessidade biológica” masculina, quando elas se negavam a “ceder” (e era esse o esperado: que elas resistissem bravamente), o que funcionava, ao mesmo tempo, tanto como uma pressão para vencer as resistências delas, quanto uma justificativa para uma eventual traição deles, uma “escapada” com outra garota que fosse mais permissiva, mais “compreensiva”. A literatura de Nélson Rodrigues, produzida na segunda metade do século XX, nos fornece uma miríade de exemplos de como essa produção discursiva conformou o *ethos* e as práticas sexuais dos/as brasileiros/as.

Pela função central que dá à linguagem – principalmente por seu poder performativo – e pela compreensão de que o próprio indivíduo é uma construção social, aproximamo-nos da perspectiva foucaultiana e do construcionismo para problematizar e, se possível, lançar outras luzes ao tema do presente trabalho.

O construcionismo se apresenta, segundo Ibáñez, como uma postura “desreificante, desnaturalizante e desessencializante, que radicaliza ao máximo tanto a natureza social do nosso mundo, como a historicidade de nossas práticas e de nossa existência” (1994, p. 43). Além de o construcionismo afirmar que todo o conhecimento é uma construção, também se opõe a quatro crenças que se configuram como obstáculos à adoção de uma postura construcionista (IBÁÑEZ, 1994).

A três delas já nos referimos acima: a existência da dicotomia sujeito-objeto; a concepção representacionista do conhecimento; e a crença na verdade. Sobre esta última, cabe ressaltar que se trata de uma crítica à noção de verdade como equivalente a ‘conhecimento absoluto’. Ibáñez não nega a existência de verdades no mundo, mas afirma que elas são específicas e construídas a partir de convenções e da adequação a finalidades tidas coletivamente como relevantes. “O que a postura construcionista reivindica é a necessidade de remeter a verdade à esfera da ética; pontuar sua importância

não como verdade em si, mas como relativa a nós mesmos”. (SPINK e FREZZA, 2004, p. 30)

A quarta crença-obstáculo seria que o cérebro produz conhecimento e é a sede do pensamento. É claro que não se pode pensar sem um determinado tipo de cérebro e que lesões cerebrais podem atrapalhar ou impedir o pensamento, mas “(...) o pensamento não se constitui uma propriedade de nosso cérebro” (IBÁÑEZ, 1994, p. 46). Para esse autor, colocar o cérebro como sede do pensamento serviu apenas para menosprezar o papel que as práticas e as produções sociais têm na conformação do pensamento e também do conhecimento. Para ele, os processos cognitivos se modificam conforme se modificam as práticas sociais, e a própria forma como pensamos – e não somente o conteúdo dos pensamentos – dependem tanto dos nossos neurônios, quanto das produções sociais. Ele conclui, afirmando: “(...) se em algum lugar se encontra o pensamento, é na interação cérebro/sociedade, *não em uma substância, mas em um processo.*” (grifo do autor) (IBÁÑEZ, 1994, p. 47). Por isso, segundo ele, é no âmbito das Ciências Sociais que se pode explicar o pensamento.

O construcionismo como abordagem teórica bebe de várias fontes, tanto da Filosofia, como da Sociologia do Conhecimento, quanto da Política (SPINK, 2004). Também é devedor da produção teórica de Michel Foucault, uma das mais ricas e influentes do século XX. Para Foucault, o discurso é uma prática social, que tem um contexto de produção. Esse contexto seria a formação discursiva, um conjunto de relações que articulam um discurso, permitindo, segundo certas estratégias, que alguns enunciados circulem em detrimento de outros. (IÑIGUEZ, 2005). As práticas discursivas, então, seriam

(...)as regras anônimas, constituídas no processo histórico, ou seja, determinadas no tempo e delimitadas no espaço, que, em uma época concreta e em grupos ou comunidades específicas e concretas, vão definindo as condições que possibilitam qualquer enunciação. (IÑIGUEZ, 2005, p.92)

Assim, na perspectiva foucaultiana, os discursos seriam práticas que, de forma sistemática, formam os objetos sobre os quais falam.

Após essa breve introdução, esperamos ter justificado a nossa opção pela abordagem qualitativa e a escolha de grupos focais como forma de investigação qualitativa para o âmbito desta pesquisa.

Após uma breve explanação sobre a técnica do grupo focal, descreveremos os procedimentos metodológicos utilizados para realizar os grupos focais para essa pesquisa. Depois apresentaremos brevemente a composição de cada grupo e, em seguida, a forma de tratar os dados pela qual optamos.

4.2 O que é Grupo Focal?

O grupo focal é uma forma de investigação qualitativa que consiste na apresentação de um tema para um grupo previamente escolhido de pessoas discutirem. Durante essa discussão em grupo, é possível perceber como as pessoas pensam a respeito de um assunto e como as percepções sobre o tema em questão se formam. Como observa GATTI (2006), a utilização da técnica do grupo focal deve estar vinculada aos objetivos da pesquisa, às teorizações preexistentes e às pretendidas.

O uso do grupo focal

(...) permite conhecer processos de construção de realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma importante técnica para o conhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagem, simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado. (GATTI, 2005, p. 11)

Não se trata de uma entrevista coletiva, pois durante o período em que os/as participantes irão debater, não será ao/à pesquisador/a que as opiniões serão reveladas, mas sim ao próprio grupo. Dessa forma, é bom ressaltar que não devem ser feitas perguntas para serem respondidas individualmente. O que o/a pesquisador/a faz é apresentar um ou mais tópicos para serem discutidos pelo grupo e observar como a discussão ocorre. É do fato de as

discussões do grupo girarem em torno de um tema específico, ou seja, serem *focadas*, que vem o nome grupo focal.

Durante a interação grupal não existe a obrigatoriedade de se chegar a um consenso, não existe nenhuma expectativa prévia a respeito do que seja "certo" ou "errado" como resposta. O que interessa ao/a pesquisador/a é exatamente a forma como se desenrola o processo de discussão, o que emerge como resultado do confronto de idéias e a observação da dinâmica de funcionamento do grupo em si.

Trata-se de uma técnica que pode produzir uma grande quantidade de informações em muito pouco tempo, sendo, por isso, cada vez mais utilizada em pesquisa na área de ciências humanas e da saúde. Entretanto, é importante ter clareza de que "grupo focal não é, em geral, considerado adequado para estudar a frequência com que determinados comportamentos ou opiniões ocorrem" (CARLINI-COTRIM, 1996, p. 286).

O papel do/a moderador/a do grupo é fundamental para que ele seja produtivo no âmbito da pesquisa. Quanto menos diretivo for o/a moderador/a, maior riqueza pode surgir do processo de discussão. Assim, conforme ensina GATTI, esse papel implica um cuidado para "que o grupo desenvolva a comunicação sem ingerências indevidas da parte dele, como intervenções afirmativas ou negativas, a emissão de opiniões particulares, conclusões ou outras formas de intervenção direta". (2006, p. 8) O/a moderador/a deve favorecer a discussão livre entre os/as participantes do grupo, agindo apenas para garantir que ela flua e que todos/as tenham oportunidade de se expressar, de emitir sua própria opinião.

Cabe assinalar que a técnica do grupo focal é uma poderosa ferramenta para se pesquisar sobre *como* as pessoas pensam em relação a determinados assuntos, mas também *por que motivo* elas pensam assim. É importante para auxiliar na compreensão de hábitos, práticas, preconceitos, representações, linguagens, valores, princípios, experiências vividas, comportamentos e emoções. Enfim, uma gama variada de possibilidades de compreensão se abre pela observação da interação focada entre pessoas de um grupo. Muitas vezes, na discussão em grupo emergem opiniões, sentimentos e sensações que permaneceriam encobertas numa entrevista, porque é no contato com as

opiniões de outras pessoas e no confronto de idéias que posicionamentos se constroem e podem emergir mais livremente.

As pessoas que são escolhidas para compor o grupo devem ter relação com o objeto de pesquisa, evidentemente, mas há outros critérios importantes que devem ser levados em conta para selecioná-las. Para garantir que haja possibilidade de conversa entre os/as integrantes de um grupo, eles/as devem guardar entre si alguma afinidade ou característica semelhante. Entretanto, não se pode compor um grupo muito homogêneo, porque se não houver diferenças de opinião, muito da riqueza da técnica do grupo focal irá se perder. Assim, é importante compor cuidadosamente o grupo para que as afinidades sejam suficientes para propiciar diálogo e as diferenças sejam possíveis para que exista discussão (GONDIM, 2003).

Um grupo composto por pessoas que pensam de maneira uniforme não apresentará vantagem sobre entrevistas individuais, pois não haverá possibilidade de confronto de opiniões. Por outro lado, um grupo que seja composto por pessoas com diferenças irreconciliáveis poderá se tornar muito polarizado, o que não favorecerá a dialogicidade no processo de produção de sentidos, podendo causar apenas um acirramento de posições pessoais. Dessa forma, critérios como religião, gênero, idade, cultura, classe social, origem e etnia devem ser levados em conta, dentro dos objetivos da pesquisa, para se compor um grupo focal mais ou menos heterogêneo, que favoreça a fluidez da discussão.

Por fim, como parte de uma pesquisa, o grupo focal demanda planejamento prévio cuidadoso, porque a forma como é realizado é essencial para seu sucesso, ou seja, para que gere uma quantidade importante de informações confiáveis. Para a produção desse *corpus*, seguimos uma metodologia específica, conforme descreveremos a seguir.

4.3 Procedimentos metodológicos

4.3.1 Da composição, número e duração dos grupos focais

É aconselhável que sejam realizados, pelo menos, dois grupos focais, mas há casos em que apenas um grupo focal é suficiente para cobrir o tema

de relevo da pesquisa. O que não deve ser feito é um número excessivo de grupos, pois a quantidade de material a ser analisado é muito grande e as novidades se esgotam em poucos grupos. Assim, escolhemos trabalhar com dois grupos focais, um com homens que se declaram gays e outro com mulheres que se declaram lésbicas. Essa escolha se deu para haver mais possibilidade de se trabalhar comparativamente a questão de gênero envolvida, ou seja, se há diferença de percepção e negociação de sentidos para homens e mulheres homossexuais sobre o tema debatido.

Definimos o número de participantes entre 6 e 8 pessoas, devido ao tema. Por se tratar de assunto tido como polêmico, uma discussão em um grupo grande poderia não ser produtiva, pois não haveria tempo para aprofundar a discussão ou tópicos importantes poderiam ficar ausentes. Como a participação deve ser voluntária, quando houve possibilidade (no grupo dos homens), convoquei mais pessoas, contando com as desistências de última hora, comuns nesse tipo de trabalho. Os grupos tiveram pouco menos de três horas de duração cada.

O primeiro passo foi a escolha dos/as participantes, seguindo alguns critérios para garantir afinidades necessárias e as diferenças produtivas. As afinidades, então, recaíram sobre a orientação sexual, o gênero/sexo, o fato de as pessoas morarem na Grande de São Paulo e terem disponibilidade para conversar sobre religião e homossexualidade. A heterogeneidade dos grupos ficou por conta da idade (pessoas com mais de 18 anos), da classe social, escolaridade, da raça/etnia, origem geográfica (local de nascimento) e religião.

Sobre a orientação sexual, um grupo foi criado para “homens que se declaram gays” e o outro, para “mulheres que se declaram lésbicas”, para que apenas as pessoas que se reconhecessem como tal fossem convidadas, numa tentativa de evitar constrangimentos para quem pudesse receber os convites de terceiros. Não havia a necessidade de serem pessoas assumidas publicamente, mas deveriam pelo menos se reconhecer como gay ou lésbica.

Limitamos a idade para acima de dezoito anos por considerarmos que, ainda que a diferença geracional fosse um fator importante na seleção, talvez não ocorresse uma conversa fluida se misturássemos adolescentes com jovens

e adultos, devido à possibilidade de interesses e vivências de cada faixa etária serem muito díspares.

Um outro limite colocado por nós foi no sentido de que as/os possíveis participantes preferencialmente não fossem militantes do movimento LGBTTI. Esse critério se deveu ao risco de, em se admitindo militantes – ou seja, pessoas que participam ativamente do movimento LGTTBI –, que tivéssemos dois grupos formados somente, ou majoritariamente, por militantes. Isso não era desejável por alguns motivos. Primeiro, porque as pessoas militantes são, normalmente, mais politizadas e, de alguma forma, já compartilham um repertório, avançando para uma certa compreensão sobre as questões político-ideológicas que envolvem religião e identidade homossexual. Por serem mais ativas e participantes quanto às questões do movimento LGTTBI, havia uma grande chance de serem as pessoas mais dispostas a participar. Corríamos o risco de ter um discurso único, o que não favoreceria uma discussão mais ampla nos grupos focais. Depois, porque nos interessavam mais, para essa pesquisa, as pessoas que não participassem de grupos de militância e convivência, ou seja, que estivessem talvez mais solitárias e que talvez ainda não tivessem passado para a posição de “opositores ultrajados” (KATZ, 1995, p.16), vendo-se como sujeitos de direitos violados. Assim, a solução encontrada foi formar grupos com maioria não militante e admitir uma ou duas pessoas ativistas, ou seja, formamos grupos mistos. Dessa forma, o posicionamento militante ajudaria a problematizar politicamente a discussão, sem contudo se manter na superfície de um discurso já pronto.

O fato de escolhermos pessoas residentes da Região Metropolitana de São Paulo⁴¹ se deveu apenas à facilidade de acesso ao local em que os grupos se realizariam. Quanto à religião, não colocamos como critério a pertença ao catolicismo por dois fatores: primeiro, por considerarmos que a cultura brasileira, de ampla maioria católica, está permeada por concepções advindas dessa religião, afetando/ conformando até mesmo quem não a segue; em

⁴¹ Segundo a Wikipédia, enciclopédia livre da Internet: “A Região Metropolitana de São Paulo, também conhecida como Grande São Paulo, reúne 39 municípios do estado de São Paulo em intenso processo de conurbação. O termo refere-se à extensão da capital paulista, formando com seus municípios limítrofes uma mancha urbana contínua. É o maior centro urbano do Brasil e da América do Sul, e a sexta maior área urbana do mundo”. Em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_S%C3%A3o_Paulo. Acesso em 23 de julho de 2008.

segundo lugar, por um típico trânsito religioso que pessoas lésbicas e gays fazem (assim como transexuais, travestis e bissexuais), no sentido de abandono do catolicismo⁴².

Para encontrar os/as participantes, utilizamos o mesmo procedimento para formar os dois grupos: enviamos e-mails para todos os nossos contatos que pudessem conhecer pessoas com o perfil procurado. No e-mail, explicávamos os objetivos da pesquisa e explicitávamos o perfil procurado. Na mesma mensagem, havia uma forte recomendação de que o e-mail não fosse encaminhado nem para listas de discussão, nem para as/os possíveis participantes dos grupos. No anexo do e-mail, seguia um convite formal para ser enviado às pessoas que pudessem se interessar, no qual também havia uma ficha a ser preenchida e enviada para um endereço eletrônico que criamos somente para essa finalidade⁴³.

Escolhemos essa forma de contato indireto – a apresentação do convite por meio de amigos/as ou conhecidos/as – pela conhecida dificuldade em se assumir publicamente uma orientação sexual não-heterossexual, pelo preconceito e o estigma que as pessoas nessa condição sofrem/carregam. Também pesou o fato de o tema de discussão envolver religião, sabidamente uma das fontes de conflito para a maioria de gays e lésbicas, o que poderia gerar desconfiança sobre os objetivos da pesquisa. Mesmo com esses cuidados, a desconfiança surgiu e impediu a participação de uma pessoa no grupo dos homens que se declaram gays, o que relataremos mais adiante.

Entretanto, é importante ressaltar que, ao utilizar esse procedimento, acabamos por fazer um recorte involuntário de classe social, haja vista que a maioria da população brasileira ainda não tem acesso à Internet⁴⁴.

⁴² Isso foi discutido no capítulo 3

⁴³ Veja modelo dos e-mails e dos convites enviados no Anexo IV

⁴⁴ Segundo a pesquisa *Acesso à Internet e posse de telefone móvel celular para uso pessoal* do IBGE, de 2005, apenas 26,3% dos habitantes da região Sudeste do Brasil havia acessado a Internet nos 3 meses que antecederam à coleta de dados, índice mais elevado do país. Segundo a pesquisa, essa parcela da população também possui maior escolaridade e renda *per capita* do que a média da população. Mesmo que essa porcentagem seja maior agora, a relação entre exclusão digital e baixa renda/escolaridade certamente se mantém. Fonte: site do IBGE, em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/acessointernet/default.shtm>. Acessado em: 23 de julho de 2008.

4.3.2 Do local

Os dois grupos foram realizados dentro das dependências da PUC/SP, na sala 500 B. Essa sala foi escolhida por ser ampla, arejada, com boa luminosidade e com poucos ruídos ou interferências externas. As cadeiras são confortáveis e estão colocadas em torno de uma grande mesa, o que permitiu que as pessoas pudessem escrever, se quisessem. Para isso, havia caneta e papel disponíveis para cada pessoa do grupo.

Outra razão para utilizarmos essa sala é que nela há um sistema de gravação profissional, com microfones individuais para cada participante, caixas de som, amplificador e gravador em sistema de fita K7.

Havia à disposição dos/as integrantes do grupo café, água, suco e salgados e doces para comer, como pães de queijo, biscoitos, salgadinhos, bolo e chocolate.

4.3.3 Da ética, do registro e do sigilo

Antes de realizar os grupos focais, submeti o plano da pesquisa ao Comitê de Ética da PUC/SP, haja vista que a pesquisa envolvia seres humanos. Realizamos todos os procedimentos exigidos para tal, em conformidade com as exigências da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) do Conselho Nacional de Saúde, que é subordinado ao Ministério da Saúde, e obtivemos a autorização para prosseguir com a pesquisa⁴⁵.

Antes do início de cada grupo focal, solicitamos às/aos participantes que preenchessem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), cujo modelo se encontra disponível no Anexo I.

As sessões de cada grupo focal foram gravadas integralmente. Utilizamos, além do sistema de gravação em K7 da própria sala, mais dois gravadores digitais, que ficaram na mesa em torno da qual se sentaram os/as participantes. Antes de iniciar a gravação, explicamos a cada grupo a importância do registro gravado e solicitamos autorização para tal, obtendo anuência de todos/as.

⁴⁵ Veja o documento de autorização no Anexo VII

Para não se perderem as nuances, silêncios, pausas, gestos, expressões corporais e faciais, recomenda-se que, além do/a moderador/a, haja a presença de um/a observador/a, que anote todas essas ocorrências durante a sessão. Para evitar um viés devido ao nosso envolvimento pessoal com o tema, a pesquisadora Angela Maria Lucas Quintiliano foi a moderadora dos dois grupos, sendo que nos mantivemos na função de observadora.

Outro cuidado que tivemos foi garantir às/aos participantes dos grupos que manteríamos os dados em sigilo, ou seja, avisamos que as informações seriam usadas, mas as indicações que pudessem identificar quaisquer das pessoas presentes não seriam publicadas. Assim, nas transcrições, os nomes de pessoas e de locais (cidade, estado, país, escola, bairro, igreja etc) foram trocados ou suprimidos.

Por fim, assumimos o compromisso de compartilhar com as/os participantes informações e resultados da pesquisa, como contrapartida à generosa participação deles/as. Dessa forma, ao final de cada grupo, quando a fase de coleta estava encerrada, explicamos a todas/os quais eram os objetivos da pesquisa e tiramos as dúvidas que ainda restavam. Enviamos a elas/eles a transcrição integral das sessões e faremos o mesmo com a dissertação finalizada. Também nos comprometemos a avisá-las/os sobre a data da defesa, já que várias/os afirmaram ter muito interesse em estar presentes.

4.3.4 Das regras de funcionamento e do roteiro

No início, a moderadora explicitou o modo como o grupo iria funcionar. Isso ocorreu de modo sintético e rápido, para que não se criasse no grupo a expectativa de que a moderadora iria dizer o tempo todo o que se deveria fazer. A moderadora procurou criar um ambiente confortável e deixar os/as participantes à vontade; explicitou os objetivos do grupo e a forma como os/as integrantes foram selecionados; explicou que não existia certo ou errado, que ninguém seria julgado/a e que todas as opiniões eram igualmente importantes. Nesse momento, a moderadora frisou que os/as integrantes do grupo não deveriam se dirigir a ela, mas sim que a conversa deveria acontecer

entre eles/as; Em seguida, ela procurou esclarecer seu papel: garantir que todos/as tenham oportunidade de falar, manter o tema em foco e observar.

Depois de esclarecer essa forma de funcionar do grupo, a moderadora se apresentou brevemente e pediu que as pessoas se apresentassem. Em seguida, ela introduziu uma dinâmica que funcionou como um "começo de conversa" entre as pessoas do grupo. A partir do que emergiu nas falas, a moderadora foi introduzindo temas/tópicos da discussão que interessavam à pesquisa.

Para a condução apropriada da discussão, sem correr o risco de se perderem informações importantes, fizemos um roteiro prévio para orientar a moderadora durante a sessão. Não se tratou de fazer um questionário a ser respondido pelo grupo, nem de elaborar um rígido manual de conduta para a moderadora, mas sim de elencar tópicos que não poderiam ser esquecidos. Os modelos de roteiro utilizados estão nos Anexos V e VI.

O papel da moderadora foi semi-diretivo, pois os temas para a discussão, introduzidos com ajuda do roteiro, eram ora mais gerais, ora mais específicos. Essa condução permitiu que tivéssemos uma discussão bem livre, mas que se mantivesse dentro dos objetivos que os grupos tinham para a pesquisa.

4.3.5 Conhecendo os grupos

Os dois grupos foram realizados em 2007, sendo um em 19 de maio – o de homens que se declaram gays, que daqui em diante chamaremos de ‘grupo dos homens’ ou ‘grupo dos gays’ – e em 10 de novembro – o de mulheres que se declaram lésbicas, que passarei a chamar de ‘grupo das mulheres’ ou ‘grupo das lésbicas’. O dia da semana escolhido foi sábado pela manhã, porque supomos ser um dia mais fácil para as pessoas participarem, já que a maioria trabalha ou estuda durante a semana, mas geralmente tem folga nos finais de semana. Esse foi um fator que acabou excluindo um cabeleireiro que estava interessado em participar do grupo dos gays, mas ele só poderia participar se o grupo fosse realizado em uma segunda-feira.

4.3.5.1 O grupo focal de homens que se declaram gays

Seguindo o procedimento já descrito, recebemos 22 adesões⁴⁶, mas alguns não se dispunham a participar do grupo, apenas aceitavam conceder entrevista ou responder questionário, opções que deixei no convite para o caso de haver necessidade de complementação de dados, o que não ocorreu. Outros se interessaram pelo grupo, mas não poderiam participar pela data etc.

Um fato interessante mostra que o tema da pesquisa gerou desconfiança, mesmo com os cuidados tomados. Uma das pessoas que se dispunha a participar do grupo dos gays, antes nos fez sete perguntas por e-mail, questionando sobretudo qual era o nosso interesse pela pesquisa, haja vista que a pesquisa era para o mestrado em Ciências da Religião e ainda numa universidade católica, ligada justamente à religião que condena a homossexualidade. Fez considerações, ainda, sobre o tema ser polêmico e as respostas poderem não somente ser mal entendidas, mas até distorcidas. Perguntava qual era a nossa linha como psicóloga e a postura desta linha em relação à homossexualidade. Qual a profissão e formação do orientador. E também qual era a nossa postura pessoal em relação à homossexualidade, entre outras questões.

Como não queríamos ‘contaminar’ os participantes do grupo, respondemos às questões de forma um tanto evasiva: explicamos que a orientadora da pesquisa era cientista social e feminista, dissemos que nos interessava sobretudo a condenação cristã da homossexualidade e como ela interferia na construção da auto-imagem de gays e lésbicas, dissemos que não atuávamos como psicóloga, mas que nosso código de ética não permitia reverter a homossexualidade, nem tentar curá-la, pois era sabido que não se tratava de doença. Não revelamos nossa orientação sexual, mas dissemos que ele poderia fazer uma pesquisa no Google com nosso nome e que teria as informações desejadas. Nossas respostas não ajudaram a diminuir a desconfiança; ao contrário, aumentou-a, fazendo-o desistir de participar. Depois da desistência, resolvemos esclarecer todas as perguntas, inclusive sobre a orientação sexual e somente depois disso é que as desconfianças

⁴⁶ Pelo fato de os convites terem sido feitos de forma indireta, por pessoas conhecidas para quem mandei e-mails, não é possível determinar o número de pessoas que os receberam.

acabaram. Então ele relatou que a única coisa que restava era uma “alergia” pelo “católica” presente no nome da universidade, porque ele tinha sido católico até os 21 anos, o que lhe tinha feito muito mal, gerado muita culpa e baixa auto-estima, o que lhe tinha rendido anos de terapia. Desejou-nos sorte e disse que gostaria de ter acesso ao trabalho, quando concluído⁴⁷.

Do total de adesões, doze aceitaram participar do grupo focal, mas três desistiram por problemas de última hora. Dos convocados, nove confirmaram a presença. No dia, duas pessoas não compareceram, e o grupo se constituiu com sete pessoas. O grupo assim formado tinha os seguintes participantes:

Tabela 2. Composição do Grupo Focal de Homens que se declaram gays

Pseudônimo	Idade	Renda familiar (R\$)	Raça/etnia	Profissão	Religião	Militante
Márcio	24	Entre 4550,00 e 5000,00	mestiça	publicitário	Espírita/hinduísta	Não
Élio	25	4500,00	Afro-descendente (negro)	Professor	Ateu	Não
Pedro	27	Entre 3000,00 e 4000,00	pardo	Tradutor	Católico não praticante, visita às vezes o candomblé	Não
Tom	40	1800,00	branco	Tradutor	Igreja Episcopal Anglicana do Brasil	Sim
Nico	40	2500,00	branco	Professor de Inglês	Budista Theravadin	Não
Charles	47	10 salários mínimos	branco	Assistente comercial	Católico	Não
Eulálio	55*	1500,00	branca	Vendedor/decorador	Católico	Não

* Durante o debate, afirmou ter 56 anos.

** Durante o debate, afirmou ser de formação católica, mas atualmente se identifica com o xamanismo.

⁴⁷ Relatamos esse episódio com anuência da pessoa envolvida.

Não foi coletada a informação sobre a escolaridade dos integrantes deste grupo, mas pela discussão, sabemos que todos têm pelo menos o segundo grau completo, sendo que alguns têm curso superior completo ou incompleto.

O grupo começou com atraso, pois no horário marcado apenas dois estavam presentes. Quando tínhamos 5 pessoas, começamos a sessão, com cerca de 30 minutos de atraso. Poucos minutos depois, Márcio e Élio chegaram e se juntaram ao grupo.

Um dos participantes, o Tom, já conhecia pesquisadora de atividades da militância no movimento LGBTTI.

É importante ressaltar que esse grupo ocorreu poucos dias após a visita do Papa Bento XVI ao Brasil, o que se refletiu muito intensamente na discussão.

4.3.5.2 O grupo focal de mulheres que se declaram lésbicas

Seguindo o mesmo procedimento para a convocação, recebemos 21 adesões, mas apenas 11 mulheres se dispunham a participar do grupo focal. Das 11, apenas sete confirmaram até a véspera, sendo que 6 mulheres compareceram no sábado. A tabela do grupo focal das mulheres se encontra na página seguinte.

Tabela 3. Composição do grupo focal de mulheres que se declaram lésbicas

Pseu- donimo	Idade	Renda familiar (R\$)	Raça/ etnia	Profissão	Escolaridade	Religião	Mili- tante
Vilma	27	3000,00	Parda	Bailarina	Superior incompleto (cursando graduação)	Messiânica	NÃO
Joana	29	3500,00	Parda	psicóloga	Superior completo, com especiali- zação	Ex-católica	SIM
Mariana	29	1394,00	Negra	Pesquisadora	Doutaranda em geofísica	Não tem	NÃO
Sônia	42	+ ou – 8 salários mínimos	Negra	Pesquisadora de mercado	Superior completo	Não tem	NÃO
Priscila	49	Variável (free- lancer)	Branca	Jornalista	Superior completo	Estudou em colégio católico, mas é espírita praticante	NÃO
Carla	62*	2000,00	Branca	Terapeuta ocupacional	Pós- graduação (mestrado)	Católica	SIM

* Durante o debate, afirmou ter 73 anos.

No dia em que este grupo ocorreu, havia um tumulto nos arredores da universidade, devido a uma greve ou manifestação política. As mulheres tiveram alguma dificuldade para chegar, houve atrasos, mas todas chegaram. A pessoa que não chegou, avisou-nos depois por e-mail que tinha perdido a hora.

Duas das participantes já conheciam a autora do presente trabalho: a Carla e a Sônia. A Carla fazia parte do grupo de militância e convivência de

lésbicas que havíamos coordenado. Dentre todas/os, era a pessoa com quem tivemos contato anterior mais próximo e pessoal. A Sônia nos conhecia de alguns eventos promovidos pelo grupo citado, mas não tinha relação pessoal conosco.

4.3.6 Do tratamento dos dados

As gravações dos dois grupos focais foram transcritas integralmente. Depois de ouvir as gravações e ler as transcrições algumas vezes, montamos uma tabela para cada grupo com os tópicos mais relevantes. Como as sessões tinham sido orientadas por um roteiro, os temas não se afastaram muito do que foi proposto pela moderadora dos grupos. As categorias foram as mesmas para os dois grupos: 1) Como a Sociedade vê, 2) Como a Igreja/Bíblia vê, 3) Como a família vê, 4) Importância da religião / Igreja/ Líderes religiosos, 5) Como eles/elas se vêem/sentem, 6) Diferença geracional, 7) Gênero, 8) Militância / Direitos / Parada GLBT e 9) Outros. Depois de criada a tabela, a transcrição de cada grupo foi transferida quase integralmente para as colunas. (Veja modelos das tabelas no Anexo II).

Como o material coletado foi muito extenso, as colunas foram destacadas com cores diferentes, para facilitar o processo de análise.

Alguns trechos não foram para as colunas, pois eram narrativas e não idéias sobre um tema, algumas muito longas, inclusive. Assim, esses trechos foram indicados nas tabelas com N0, N1, N2 etc. e foram criadas, à parte, linhas narrativas correspondentes. Isso nos permitiu ter uma ordenação das falas e, ao mesmo tempo, perceber algumas contradições presentes nas narrativas. (Veja modelos das linhas narrativas no Anexo III)

De posse desse material, foi feita a análise dos grupos e, depois, uma comparação entre eles, conforme se verá no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 5

HOMOSSEXUALIDADE, RELIGIÃO E GÊNERO

*Quando esqueço a hora de dormir
E de repente chega o amanhecer
Sinto u'a culpa que eu não sei de quê.
Pergunto o que é que eu fiz?
Meu coração não diz e eu...
Eu sinto medo!
Eu sinto medo!
(...)Tinha tanto medo de sair da cama à noite pro
banheiro
Medo de saber que eu não estava ali sozinho porque
sempre, sempre, sempre
Eu estava com Deus!
Eu estava com Deus!
Eu estava com Deus!
Eu 'tava sempre com Deus!
Minha mãe me disse a um tempo atrás
"Onde você for Deus vai atrás,
Deus vê sempre tudo que 'cê faz"
Mas eu não via Deus, achava assombração
Mas eu tinha medo, eu tinha medo!
Vacilava sempre a ficar nu lá no chuveiro com
vergonha
Com vergonha de saber que tinha alguém ali comigo
Vendo fazer tudo que se faz dentro do banheiro (...)*

(Raul Seixas, trecho da música Paranóia)

No presente capítulo, faremos a análise do *corpus* empírico obtido por meio das discussões nos grupos focais de gays e de lésbicas. Buscaremos fazer a relação entre a discussão teórica realizada nos capítulos anteriores com o que foi trazido pelos/as participantes dos grupos, os/as colaboradores/as desta pesquisa. Assim, tentaremos iluminar a teoria com a prática e vice-versa, sempre tendo em mente que nosso objetivo, no presente trabalho, é verificar como se dá a influência do ideário católico (da Igreja católica, portanto) na formação da auto-imagem de gays e lésbicas e se isso ocorre de maneira diferenciada para homens e mulheres homossexuais.

A questão da auto-imagem de gays e lésbicas envolve, como já apontamos anteriormente, a problemática da identidade homossexual. Entendemos auto-imagem, neste contexto e de forma simples e genérica, como a imagem que as pessoas fazem de si mesmas. É importante, então, lembrarmos, como nos mostram Laplantine e Trindade, que "Imagens não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar. Assim a

imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo” (LAPLANTINE e TRINDADE, 2003, p.10). Esses autores ainda nos explicam como a imagem que formamos de uma pessoa se constitui:

(...) é uma imagem marcada pelos sentimentos e experiências que tivemos em relação a ela. Atribuímos a essa pessoa qualidades físicas ou morais que, embora ela possa em parte possuir, são aumentadas ou denegridas⁴⁸, mutáveis, transformadas e plena de significados que lhe fornecemos no percurso de nossas experiências e lembranças vividas e concebidas nos encontros e desencontros que com ela estabelecemos. (LAPLANTINE e TRINDADE, 2003, p.11).

A imagem que gays e lésbicas fazem de si está atravessada pela questão da homossexualidade, pois, como vimos com Foucault, desde o final do século XVIII, por meio do dispositivo da sexualidade, o sexo passou a ocupar um lugar central na vida das pessoas. A homossexualidade, a partir de então, não se referirá mais apenas às práticas sexuais ou às relações interpessoais, mas determinará a própria identidade, como uma “essência” pessoal dada pela natureza, e que se revela.

No caso de pessoas homossexuais, como vimos, a identidade é deteriorada (GOFFMAN, 1988), pois, nas sociedades ocidentais, ela não é apenas marcada por uma diferença em relação ao padrão de sexualidade imposto, mas demarca fundamentalmente uma desigualdade. A homossexualidade é um estigma que desqualifica quem o possui, mas sobretudo se torna o atributo mais relevante entre todos os outros que a pessoa possua. Isso fica bem marcado na discussão feita no grupo dos gays:

Tom – (...) Acho que a sociedade nos vê com um incômodo, em geral, e aí tem várias reações, mas ... ah... não é tranqüila essa relação, de como a sociedade nos vê.

Pedro – Tem uma frase que eu já ouvi: “nossa, tão inteligente, tão esforçado, **mas** é gay”. Algum elogio... “**mas** é gay”.

⁴⁸ Sabemos que palavra “denegrada” é considerada pejorativa pelo movimento negro e não a utilizamos normalmente, mas, nesse caso, como se trata de uma citação, reproduzimos exatamente a forma com que o autor e a autora escreveram.

Márcio – Isso também depende muito do nicho em que você está inserido.

[**Alguém** concorda] – nossa é tão esforçado, bonito, **mas**...

Pedro – Se você está no meio de gays, isso não acontece, lógico, mas fora isso, a maioria das pessoas ainda faz um elogio e [completa com um] **mas** é gay...

Pedro – “É bonito, interessante, inteligente, **mas** é gay”.

Além do atributo “gay” ser desqualificador, ele se sobrepõe aos outros, por mais positivos que estes sejam (bonito, inteligente, esforçado, interessante). Isso também nos remete ao que Heller (2004) comenta sobre o afeto do preconceito ser a fé, que é “imune” a argumentos, à razão.

O repertório circulante relativo à homossexualidade trazido pelos grupos demonstra que os/as participantes não têm nenhuma ilusão sobre a forma como são vistos/as pela sociedade. Respondendo à questão “como a sociedade vê a homossexualidade e o/a homossexual”, as mulheres falaram:

Passagem 1:

Vilma – Preconceito

Priscila – invisibilidade

Mariana – rejeição

Priscila – ignorância.

Mariana – medo

Vilma – desvio

Mariana – doença, pecado.

Passagem 2

Priscila – modismo

Carla – patologia

Mariana – demônio

Vilma – indefinição

Passagem 3

Sônia – passatempo

Priscila – dúvida

Mariana – pessoas sujas

E os homens trouxeram:

Passagem 1

Pedro – Libertino...

Tom – promíscuo...

Passagem 2

Charles – Eu acredito que, quando percebem que você é gay, é uma coisa não inteligível, tem que ser decodificado, para estar te ouvindo, te entendendo.

Passagem 3

Nico – Mas é óbvio que o comportamento desviante é ser gay.

Passagem 4

Márcio – (...) esse estereótipo negativo de aidético = homossexual (...)

Charles – Então, o homossexual é doente.

Eulálio – se você fizer um esforço para emagrecer, vão dizer que você está com aids. Com certeza.

Passagem 5

Tom – Isso precisa ser desdobrado. Tem a questão da aids e tem a questão da homossexualidade como doença.

Élio – Perversão...

Tom – a Organização Mundial de Saúde não considera mais...

Márcio – Eu não acho mais que existe esse vínculo.

Élio – as pessoas não pensam mais isso.

Tom – Pode não ser a maioria, mas ainda tem essa visão.

Pedro – Todo mundo acha que você tem ou teve algum problema, para virar gay.

Márcio – Psicológico, talvez

Tom – aí é que está: uma questão patológica.

Eulálio – Doença. (...)

Nessa parte, cabem algumas discussões. Primeiro, que os estereótipos negativos giram em torno da sexualidade “inadequada” (libertino, promíscuo), da doença (perversão, desvio, aids) e da religião (pecado, demônio).

Pensando na socialização de gênero, podemos ver que as marcas para homens e mulheres são diferenciadas. Quanto aos homens do grupo, há um incômodo apontado por Tom, Pedro e Charles sobre não se reconhecer a possibilidade de existir afeto entre homens, mas apenas sexo:

Tom – Tem uma outra coisa, de o gay não levar compromisso a sério, como se fosse tipo uma borboleta de... nessa questão dos relacionamentos, como se fosse impossível dois gays manterem um compromisso.

Nico – eu tenho amigos muçulmanos na Índia que eles falam isso...

Charles – Gay não tem amor; não existe amor entre homens.

Pedro – Homem é tesão, ponto.

Por outro lado, para as mulheres, aparece uma ambigüidade que nos remete aos modelos antagônicos de mulher existentes no cristianismo (Maria e Eva), como vimos no capítulo 3: ou as mulheres são vistas pela ótica do sexo imoral (safadeza), o que apareceu menos, ou pela falta de sexo e a falta de homem, como apontam Sônia, Joana, Mariana e Priscila:

Passagem 1

Sônia – como diria na minha terra, safadeza.

Passagem 2

Priscila – falta de homem. Eu já ouvi muito.

Passagem 3

Joana – sem sexo.

Mariana – mistério... do sexo lésbico.

A expressão “mistério... do sexo lésbico” está ligada à idéia falocêntrica de que sem pênis não há possibilidade de haver relação sexual, como já apontamos anteriormente, e o mesmo se pode dizer sobre a expressão “falta de homem”. Parece ainda que os estereótipos relativos aos gays implicam mais atividade (libertino, promíscuo) e os das mulheres, mais passividade (mistério do sexo lésbico, falta de sexo).

Outra questão que aparece de forma bastante forte entre os homens é a questão de o homem gay “querer ser mulher”, de querer “dar” para todo mundo e ser passivo:

Tom – Outra idéia é a do gay ser passivo.

Nico – Mas tem gay ativo, alguém tem que comer!

Eulálio – Eu não suporto essa expressão ativo e passivo, eu não aceito.

Tom – Na visão da sociedade, eu acho que ainda é muito comum essa idéia de que o gay quer dar, e de preferência pra todo mundo.

Pedro – Porque está disponível...

Nico – Eles supõem que o cara ativo é hétero, e não é verdade.

Pedro – Exatamente, mas esse é o pensamento.

Esse foi um ponto de forte concordância entre os homens, mas praticamente não apareceu entre as mulheres, exceto algumas poucas referências à masculinidade ser um estereótipo padrão para a lésbica, mas no qual algumas não se encaixam, como Joana:

Joana – (...) Porque uma lésbica geralmente é um pouco mais masculinizada... quando você fala (voltando-se para Mariana), “ah, eu era diferente”... você é super feminina! Talvez você não seja a *barbie*, a *pati*... Eu olhava para aquilo e não me encaixava naquele padrão de masculinidade e muito menos me atraía mulheres daquele tipo.

Nesse ponto, a questão de gênero também está bastante marcada. Lembramos aqui o que vimos no capítulo 3: na Bíblia, a suposta condenação dos homossexuais se dá pelo fato de se parecerem com mulheres (efeminados) ou assumirem o lugar sexual das mulheres (passivos). Para as mulheres, entretanto, essa não é uma questão tão forte quanto a invisibilidade do sexo lésbico.

Voltando à discussão sobre doença, também vemos marcas distintas recaindo sobre homens e mulheres nos grupos. Para eles, a discussão gira não somente em torno de a homossexualidade ser ou não vista como doença (tema que gerou intensa negociação de sentidos), mas também – e com bastante força – pela associação de gay com a aids, o que não aparece na fala das mulheres. Isso, como vimos, está ligado ao fato de que, no início da epidemia da aids no Brasil, serem os gays masculinos os mais afetados pela doença. Ainda que essa realidade já tenha se modificado sensivelmente⁴⁹, os gays continuam associados à aids, enquanto não há a mesma percepção em relação às lésbicas. Nesse ponto, lembramos mais uma vez de Agnes Heller (2004) e do afeto que anima o preconceito.

Como aponta Foucault, os mecanismos e estratégias do dispositivo da sexualidade envolvem as disciplinas e a produção de um saber-poder, de um discurso “legítimo” sobre a sexualidade e, portanto, sobre a homossexualidade. Nesse caso, é interessante notar como, na percepção dos participantes do

⁴⁹ “No Brasil, a aids tem se configurado como sub-epidemia, tendo atingido, de forma bastante intensa, os usuários de drogas injetáveis (UDI) e gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH) e, no início da década de 80, os indivíduos que receberam transfusão de sangue e hemoderivados (hemácias, plasma, plaquetas, etc). Mais recentemente, a taxa de incidência de aids mantém-se, ainda, em patamares elevados – em 19,5 casos por 100 mil habitantes – **basicamente devido à persistência da tendência de crescimento entre as mulheres**. Apresentou declínio em menores de 5 anos e no sexo masculino, com redução das taxas de incidência nas faixas etárias de 13 a 29 anos e crescimento nas faixas posteriores, principalmente a partir de 40 anos. **Observou-se, também, para o sexo masculino, estabilidade na proporção de casos devido à transmissão homo/bissexual, aumento proporcional da heterossexual** e redução importante e persistente dos casos em usuários de drogas injetáveis. **Entre as mulheres, observa-se, após 1998, a tendência à estabilidade entre aquelas na faixa de 13 a 24 anos, com crescimento persistente em praticamente todas as outras faixas etárias.**” (GRIFOS NOSSOS). Fonte: Ministério da Saúde. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/data/Pages/LUMISD3352823PTBRIE.htm> . Acesso em: 15 de agosto de 2008.

grupo dos gays, as autoridades legitimadas socialmente chamadas a opinar sobre a homossexualidade envolvem a área da saúde e a religião e a idéia de curar:

Pedro – E se o médico disser que ele não tem nada, ela vai mandar para o pastor.

Márcio – Ou para o psicólogo.

Tom – Isso ainda é muito comum, a questão do problema psicológico. (...)

E a intenção, como concordam Charles, Pedro e Eulálio, é “curar”:

Charles – Curar, né?

Pedro – Para curar.

Eulálio – Pra curar

Também as mulheres trazem, em alguns poucos momentos, essa mesma idéia, presente na sociedade, de cura da homossexualidade.

Mariana – (...) Eu tive uma fase em que eu comecei a me questionar. Primeiro, eu fui casada com um homem por quatro anos. Desde que eu nasci, eu sabia, e sei até hoje, que eu sou lésbica, mas eu me casei, pra tentar sucumbir isso...

Sônia – Pra tentar curar a doença.

Uma discussão interessante sobre estereótipos supostamente positivos também apareceu. A idéia de os gays serem alegres é sentida, pelos homens, como uma obrigação de “fornecer entretenimento” para as demais pessoas, de ser engraçado; pelas mulheres, essa demanda é vista como mais uma forma de desqualificação dos homens gays, como se estivessem colocados no lugar de “bobo-da-corte”.

Passagem 1

Élio – (...) Eu sei que as pessoas me olham assim: que o gay (...) é muito *fashion*, tem aquela idéia da alegria pulsante, que

eu acordo às sete horas da manhã como uma borboleta, flutuando. Que são muito alegres.

Passagem 2

Tom – Essa coisa de o gay ser alegre, eu acho legal você ter colocado, porque aí parece que às vezes a gente tem a obrigação de fornecer entretenimento para todo mundo.

Élio – “Eu tenho um amigo que é gay e ele é ótimo”; você chega no bar, senta, e todo mundo pergunta: “cadê o gay?”. Esperam que tenha purpurina caindo... é terrível.

O mesmo assinala Vilma, no grupo de mulheres:

Vilma – Eu acho que o homem é mais aceito pela sociedade, porque ficou aquela coisa da bicha, é o engraçado; é... onde chegam, as pessoas riem, e tem uma aceitação aparentemente melhor, mas eu acho que no fundo o preconceito é igual. São pessoas que são aceitas muitas vezes como o bobo-da-corte, mas o bobo-da-corte está sendo de alguma forma discriminado também, ele é o que não é levado a sério, é o engraçado, o segundo plano. Eu acho que também é um preconceito muito duro.

Assim, até mesmo a aparente aceitação dos gays é problematizada como mais uma forma de discriminação. Curioso como não se fala desse lugar de engraçada ou alegre para as lésbicas, aparecendo aí talvez mais uma distinção de gênero.

Nessa chave ainda, Nico aponta a visão de que, por supostamente não terem filhos, gays são vistos como menos responsáveis no trabalho:

Nico – (...) tem um professor lá na escola, evangélico, e eu pulei no pescoço dele, porque ele falou: “eu acho muito certo que os bancos não promovem gays porque os gays não têm filhos e não levam o emprego a sério”.

E a questão da homossexualidade no trabalho surge como um fator de risco de se perder o emprego, apontado de forma semelhante por homens e mulheres (um pouco mais freqüente no grupo delas). Nos dois grupos houve pontuações sobre essa preocupação em diferentes momentos da discussão:

Passagem 1:

Priscila – tem uma coisa muito séria que é a perseguição no trabalho; se você dá a letra você está ferrada. Você pode até

ser perseguida por ser lésbica. Você não pode falar muito sobre, em certos lugares.

Mariana – É um preconceito.

Carla – Tem que ser dissimulado.

Sônia – A perseguição e o preconceito seriam a discriminação.

Patrícia – (...) Eu vi muitos problemas com amigos meus, de sofrerem uma série de probleminhas de perseguição. Teve gente que perdeu até o emprego porque era gay, mas eu nunca tive. (...)

Passagem 2:

Mariana (...) coisa ruim porque não consegue trabalho, que se se assumir gay não vai conseguir emprego... A pessoa que é menos esclarecida, num lugar geograficamente desprivilegiado, tudo são fatores que contribuem...

Passagem 3:

Sônia – (...) de encarar problemas no trabalho.

Passagem 4:

Vilma – Os próprios atores da Globo, quando assumem a homossexualidade, levam um gelo, quando não são demitidos. Transfere pra própria vida pessoal do cara, se ele sai muito, se é visto em boates, vai pra 'geladeira' e fica lá. Se o cara for muito bom. Se o cara for mais ou menos, é demissão... Vai pra Record, vai pro SBT, pra qualquer outro lugar.

O que falaram os homens:

Passagem 1:

Tom – Só que esse discurso, ele me incomoda profundamente, porque há muitos homossexuais que não têm dinheiro, há muitos que estão excluídos do mercado de trabalho por ser gay. Tem situações de miséria; se cria essa imagem do gay privilegiado e não é verdade.

Passagem 2:

Pedro – Essa coisa de *armário*, a gente tem de ter cuidado. De novo, a gente é privilegiado, tem relação com pessoas que... mas daí o cara que é gay, torneiro mecânico e precisa do emprego, ele não vai chegar e dizer: "Gente, eu sou gay, mas..." Não vai! Então a gente também não vai ser hipócrita com o inverso.

E aí aparece também a questão do *contar* vs. *não contar*, *dissimular* vs. *explicitar*, *levantar bandeira*⁵⁰ vs. *ficar no armário*⁵¹. Essa tensão pontuou toda a discussão nos dois grupos: por que/ para que/ para quem contar? Retomamos aqui a idéia de Marito Pecheny (2005) sobre o *segredo* ser fundante da identidade de gays e lésbicas e sobre a tensão permanente em que vivem, por terem, justamente, que tomar tais decisões com muita frequência em seu cotidiano. Essa foi a questão que, nos dois grupos, suscitou a maior e mais intensa negociação de sentidos. Vejamos algumas passagens do grupo das lésbicas:

Passagem 1:

Carla – Quanto à família, a minha apresentação eu já falei, foi simples, mas eu tenho mais de dez irmãos. Então, é meio complicado você se manifestar, claramente, que você é lésbica. Mas no comportamento, eu fiquei independente, por essa causa, e eles percebem naturalmente.

Passagem 2:

Vilma – Vocês falam de lugares gays que eu não sei, eu nunca nem fui. Não por não querer ir, pelo contrário, é porque eu vou para os lugares que eu gosto, que eu conheço, eu não conheço muita coisa, saio com as pessoas do trabalho. Eu fiz meio esse caminho inverso. Não que eu esconda, de maneira alguma, mas eu também não levanto bandeira, eu não frequento só os lugares gays, eu não saio só com as pessoas gays. Eu estou em busca dessa liberdade.

(...)

Joana – Você estava falando de levantar bandeira, eu acho que levanta bandeira sim, na sua vida. Levantar bandeira não é viver em gueto. Eu acho que eu levanto a bandeira; eu não conheço os lugares, os meus amigos na maioria são heterossexuais, porque no planeta a maioria das pessoas se identifica como heterossexual. Mas nas pequenas atitudes, de querer ser igual aos outros...

⁵⁰ Normalmente, *dar bandeira* é uma gíria de senso comum e significa deixar algo que era oculto transparecer. *Levantar bandeira*, neste contexto, segue essa mesma idéia, mas em alguns momentos das discussões significou não apenas deixar a homossexualidade transparecer, mas reivindicar direitos, especialmente o de poder se comportar como as pessoas heterossexuais.

⁵¹ *Sair do armário* é uma gíria da cultura homossexual. De origem norte-americana, se espalhou por todo o mundo, e significa assumir-se publicamente, deixar de esconder sua homossexualidade.

Passagem 3:

Vilma – (...) Eu estou vivendo uma situação única na minha vida, agora, que eu estou fazendo graduação, e pela primeira vez eu estou convivendo com um grupo que ninguém sabe de mim. E eu estou fazendo essa experiência mesmo, não fiz questão de contar. Eu fiquei neutra, e como eu tenho contato com eles só no horário da faculdade mesmo, então eu estabeleci essa relação com eles até agora. Está sendo muito interessante pra mim, vivenciar isso.

Priscila – Mas por quê você optou por isso?

Vilma – Sou estrangeira, primeiro; tenho uma vida corrida, preciso trabalhar para me manter aqui, pra poder pagar a faculdade, então eu não tenho muito tempo para estar com eles fora desse lugar. Minha relação é chegar, assistir aula, fazer os trabalhos na própria faculdade, e depois eu tenho que ir embora. Eles nunca me perguntaram, eu também achei que eu não precisava contar, então foi se estabelecendo essa relação extremamente profissional, formal. É dentro da universidade, é artística a conversa da gente, a gente chega, se resolve, assina o que tem que fazer, o trabalho que tem que montar, acabou, eu vou embora. Essa semana, uma amiga minha passou mal, e ficou num hospital muito próximo a minha casa. Eu falei pro namorado dela, “qualquer coisa, vai lá”. Eu moro com a minha namorada, apartamento de um quarto, e eles foram, e eu também não contei. Ela chegou, eu abracei, beijei, falei “olha, essa aqui é a [nome da companheira]”...

Mariana – E você apresentou ela como?

Vilma – [nome da companheira]. “Essa aqui é a [nome da companheira], eu moro com ela; e esse aqui é o [nome do amigo], a [nome da amiga]”. Conversamos e eu fiquei...

Priscila – Eu acho que não precisa também...

Vilma – É, eu fiquei quieta, assim... pra um bom entendedor, [Priscila fala junto o final do ditado:] *meias palavras bastam*, e eu achei que foi legal, isso, assim.

Passagem 4:

Sônia – E onde eu passo, onde eu trabalho, eu acho que eu adquiero muito mais respeito falando, me assumindo, porque a partir do momento que eu falo, não ficam os comentários. Eu sou assumida, todo mundo sabe pela minha boca. Então não ficam os comentários, “é... não é...” Dar a cara à tapa porque alguém tem que dar a cara à tapa, alguém tem que tomar a iniciativa, não ostentar a bandeira. Se a Vilma acha que não é necessário falar na sala de aula, mas também não está negando, se alguém perguntar você não vai negar, ou vai?

Passagem 5:

Carla – Acho que nós encaramos assim o fato de amar de uma maneira tão diferente, tão profunda e tão exemplar, que eu acho que só com a sua vivência do dia-a-dia, não é preciso dizer, não é preciso... desculpa, eu vou dizer... armar barraco; porque a gente conversando, com essa garra que a gente tem internamente, e essa vivência e essa certeza do que a gente é, então não tem muito problema, não é preciso dizer abertamente.

Agora, algumas passagens do grupo dos gays:

Passagem 1:

Eulálio – As pessoas não se apresentam dizendo “eu sou heterossexual...” isso é muito complicado.

Pedro – Eu não tive que chegar para o meu pai, aos vinte anos, quando eu me descobri gay, “pai, eu tenho uma coisa para te falar”. Ou quando eu fiquei com a primeira menina, aos quinze anos, eu disse “pai, eu preciso te falar uma coisa: eu sou hétero, e eu quero que você me ame, continue me amando”. Eu não vou fazer isso aos vinte, quando eu me descobri gay.

Passagem 2:

Charles – Na verdade eu sou contemporâneo seu [referindo-se ao Eulálio]. Eu tenho quarenta e sete anos, e também acho... Desde que mudei pra São Paulo, eu ouvia os amigos, as pessoas falando “saí do armário, falei com mamãe”, e isso também eu sempre achei muito estranho. Que bom ouvir você falando isso, porque é uma coisa que eu identifico como sendo de época a gente soube lidar com a situação. Então respondendo a sua questão...

Eulálio – E quando eu comecei a fazer faculdade aqui, era uma faculdade extremamente tradicional, não tinha perspectiva nenhuma. Era a faculdade de [nome da faculdade], onde hoje está a [nome de um museu]; eu convivi com esse grupo numa boa, né? E não senti essa necessidade de dizer “olha, eu sou viado, tá?”. De chegar pro outro e falar “olha, eu sou viado”. Não, eu levava a minha vida. Quer dizer, eu não precisei... Eu não senti a necessidade “Pô, mas o que será que estão pensando de mim”.

Passagem 3

Tom – (...) O que não significa colocar um carimbo na testa, “olha, eu sou gay, eu sou gay, eu sou gay”, mas significa não ter que esconder fatos que um heterossexual nunca pensaria

em esconder, ou não ter que omitir determinadas coisas. Eu tenho um companheiro e vamos juntos na tua festa de aniversário. E isso é normal.

Eulálio – Mas quando eu estou com o meu companheiro e vou apresentar, eu falo “Este é o [nome do companheiro]”. Por quê? Eu não preciso falar “Esse é o meu marido, esse é... minha esposa, ou minha avó”... “Esse é o [nome do companheiro]”.

Tom – Não precisa, mas também não é proibido.

Eulálio – Não! Não, mas... não que eu me sinta... eh... inibido pra falar isso, eu acho que é isso que você falou, fica forçado, fica pondo rótulo na testa.

Élio – Você apresenta sua mãe? Quando você está com sua mãe você fala “Essa é a minha mãe” pra alguém?

Eulálio – Pois é... Não, ah... minha mãe sim, mas... eu chamo ela muito pelo nome, né, mas então eu falo “Minha mãe”. Mas isso é porque eu acho, no caso... Normalmente, nós dois estamos sempre de aliança, né, então... acho que é uma coisa que fica muito nítido isso. Você percebe a relação de duas pessoas, pelo modo como um trata o outro, você percebe que tem alguma coisa *esquisita* ali. [risos]

Passagem 4

Pedro – A gente não pode se acomodar. Eu não levanto bandeira, nem posso, porque algumas pessoas da minha vida ainda não participam do fato de eu ser gay.

Márcio – todo mundo tem responsabilidade, né? É uma militância pessoal.

Pedro – Tem gente que pensa, “eu só tenho amigos gays, eu só me relaciono com gays e não quero saber”, e não é bem assim, pra que a gente possa irradiar para outras pessoas, inclusive de uma forma leve, engraçada, porque eu sou muito feliz em ser gay e acho que essa felicidade pode ser irradiada.

Tom – A questão é que todos somos às vezes felizes e às vezes tristes.

Pedro – mas passar isso de uma forma leve, não dizer assim (dramatizando): “Olha, eu tenho uma coisa pra te contar...”

Élio comenta, em outra passagem, que tem sorte, pois sua realidade cotidiana seria menos marcada pelo segredo, além de ser visto de uma forma não estereotipada pelas pessoas com que convive, o que seria uma exceção:

Élio – Eu tenho um certo privilégio, às vezes eu tenho até medo de viver num cinturão de pessoas de um nível... não sei qual a questão, mas que compreendem e observam isso de uma maneira completamente livre de estereótipos. E eu sei que o mundo, de fato, não é assim.

Márcio complementa, concordando que tem a mesma sorte que Élio:

Márcio – (...) Eu, como o Élio, estou muito mal acostumado, porque eu estou rodeado de pessoas que gostam muito de mim, e ou me conheceram já totalmente assumido, ou tiveram que se adaptar a isso.

Aqui vemos que faz todo o sentido o que Foucault comenta sobre termos nos tornado uma sociedade absolutamente confessanda, que obriga – mas não por meios coercitivos – àqueles que não são “portadores” de uma sexualidade “legítima” a falar sobre si, sobre como são e, talvez por que o são. Com isso, se coloca o foco nas “sexualidades desviantes” para melhor controlá-las.

Em meio a essa discussão que envolve segredo vs. confissão, surge uma diferença geracional, enunciada explicitamente no grupo dos homens e entrevista no grupo das mulheres. Como vimos nas passagens acima, no grupo focal dos homens, temos claramente Eulálio (“E não senti essa necessidade de dizer ‘olha, eu sou viado, tá?’”) e Charles (“eu ouvia os amigos, as pessoas falando ‘saí do armário, falei com mamãe’, e isso também eu sempre achei muito estranho”), os mais velhos, se sentindo desconfortáveis com essa suposta necessidade de falar sobre a própria homossexualidade, o que Charles talvez identifique como algo de época mais recente, pois chega a dizer que ele e Eulálio são contemporâneos e souberam lidar com tal situação. No grupo das mulheres, as mais velhas, Carla (“é meio complicado você se manifestar, claramente, que você é lésbica”) e Priscila (“Eu acho que não precisa também...”), também se mostram mais precavidas em relação a falar claramente sobre a própria homossexualidade em alguns momentos. As pessoas mais jovens, de ambos os grupos, aparecem como aquelas que sentem não apenas a necessidade de explicitar sua própria homossexualidade, mas de encará-la de forma natural, sem se esconder, e reivindicando para ela um lugar de normalidade e, como apontaram Joana, Mariana e Tom em passagens distintas das discussões, com

direito a fazer o que fazem as pessoas heterossexuais sem nenhum constrangimento, o que Tom aponta como uma questão geracional.

No grupo das mulheres:

Passagem 1

Joana – (...) Eu oficializei a minha relação; como todo mundo, não fui ao meu trabalho, eu sou funcionária pública, durante oito dias, porque lá está escrito no estatuto. Avisei o sindicato antes; não sei no que vai dar ainda, se vou levar falta injustificada, se vou ser exonerada. Vamos ver no que é que dá, porque se todo mundo tem direito, eu também vou fazer. Essa coisa da micropolítica...

Passagem 2

Joana – E eu quero viver como qualquer um vive; do bom e do ruim. Independente da minha orientação sexual e dos meus afetos.

Passagem 3

Mariana – (...) Eu quero ter filho, eu quero andar de mãos dadas, a criança no meio, eu de um lado e a mulher do outro; os almoços de domingo na minha casa como a gente está nessa mesa aqui.

No grupo dos homens:

Tom – E.. essa questão que você está falando, né, que não precisa conversar com a sua mãe sobre o fato de estar trepando com seu companheiro... e pra mim essa é uma questão que... eu estar com o meu companheiro, ou marido, é um fato que... só por causa disso, né, é um fato social, não é só um fato pessoal, não. Não é só um fato da intimidade, nós temos nossa intimidade, mas nós moramos no mesmo apartamento, nós somos um casal. Se alguém me convida pra uma festa, eu pergunto se posso levar ele, e ele a mesma coisa. Então, tem uma questão que o casal, ele tem a sua própria intimidade, mas tem a sua inserção social, também. Isso é importante, e é uma diferença também geracional.

Nesse sentido, entretanto, há que se apontar duas exceções, uma em cada grupo. Vilma e Pedro, que estão entre os/as mais jovens de seus grupos,

sentem necessidade de se preservar, de só falar sobre sua homossexualidade em situações que escolham. Ainda que pleiteiem o direito à privacidade, a motivação parece um pouco diferente em relação às pessoas mais velhas. Parece que recusam a exposição como uma possibilidade de escapar não apenas dos constrangimentos, mas sobretudo da camisa-de-força identitária.

Pedro, discutindo se a dificuldade é maior para gays ou para lésbicas em relação aos preconceitos que recaem sobre a homossexualidade, afirma claramente:

Pedro – Eu sinto isso na pele. As mulheres têm um trânsito maior. Tem que ser muito masculina, pra chamar a atenção. Não dá pra generalizar, mas eu tenho muitas amigas que são bissexuais e são muito felizes assim. Tenho amigas que dizem, “por muito tempo eu vivi com mulher e **hoje eu não quero mais**”. **Eu acho que, pra elas, o trânsito é muito mais fácil.**

Vilma conta que, quando se descobriu, *levantou bandeira* em sua cidade natal e todo mundo – incluindo amigos, colegas de trabalho e família – ficou sabendo sobre sua homossexualidade. Ao vir para São Paulo, ela quis fazer uma experiência inversa, de se manter neutra em relação à sua homossexualidade, para preservar sua liberdade:

Vilma – Eu, quando me descobri gay, eu levantei a bandeira, que eu nem sabia que estava levantando, eu fui, encarei todo mundo de frente, fiz tudo na cidade onde eu nasci, todo mundo sabe, meus avós, meus tios, meus primos, as pessoas com quem eu trabalhei. Todo canto, todo mundo sabe. Eu só vivia em gueto, eu só andava com mulheres gays, eu não conseguia me relacionar com outras... eu me afastei das minhas amigas, das pessoas que eu convivia antes da descoberta, teve essa diferença na minha vida. Depois que passou essa euforia... eu apanhei muito da vida, também fui super respeitada em alguns lugares pela minha atitude, mas depois **eu comecei a querer a ser uma pessoa livre. Eu transito pelos lugares.** (...) Eu quero transitar no meio disso. E também não é tirando o meu corpo fora da jogada. Eu estou aqui, eu sou um ser humano, eu sou presente, eu estou na vida, eu troco, guerreio onde eu vivo, **mas eu não estou em busca de ser uma coisa nem outra, eu quero só ser.**

Também Joana, de forma diferente, aponta para esse aprisionamento que a identidade – e o estigma a ela associado – representa:

Joana – Primeiro porque eu não acredito que eu seja lésbica, que ninguém aqui seja lésbica. Eu acredito que esse termo lesbianidade, você pega um comportamento, recorta, exclui todo o resto da pessoa e diz, “vamos nomear isso”. A gente pode nomear quantas coisas a gente quiser. Na Antiguidade todo mundo poderia se relacionar, mas o sexo não era tão caro quanto é para a nossa sociedade hoje. Então, é por isso que hoje a gente recortou um comportamento e deu um nome. (...) Fora isso, ninguém é diferente de nada. Somos seres sexuados, nos afetamos, gostamos de estar juntos e é só.

Para Priscila e Mariana, entretanto, parece ser claro que a sua identidade homossexual é uma essência, é da natureza:

Passagem 1

Priscila – E eu disse pra ele, “Mas que problema com a polícia? Você não me conhece? Você não sabe que eu sou... eu sou igual a vocês! Eu só tenho esse lado, que é o meu natural.”

Passagem 2

Mariana – (...) Desde que eu nasci, eu sabia, e sei até hoje, que eu sou lésbica (...)

Ainda neste âmbito da identidade como um fator aprisionante, surgiu uma discussão no grupo das mulheres, sobre “tipos” de homossexuais, em qual a pessoa “se enquadra”.

Mariana – Eu acho que as coisas passam um pouco pela classificação da mídia, da literatura, das próprias pessoas em relação aos tipos de lésbicas. Tem as lésbicas chamadas caminhoneiras, as sapinhas, as *ladys*, as *butches*, as *femmes*.

[Alguém fala – tem a Pedro e Bino]

Mariana – qual é essa?

[Alguém] – Pedro e Bino é... que são da TV...

Mariana [rindo] – ahhh, Pedro e Bino, porque são caminhoneiros do seriado...

Priscila – Não esqueçam das lésbicas corporativas, porque elas existem. São aquelas que saem de casa vestidas de lady Di, parecem aquelas modelos de Milão, e na noite, muda, né?

Sônia – Aí volta para a questão do armário.

Mariana – Voltando sobre o que você perguntou, sobre como estão as lésbicas hoje em dia. Eu acho que primeiro parte desse tipo de classificação. Até dentro da nossa própria casa, assim como tem as coisas boas, que todo mundo falou de ser aceito ou não, como o seu pai falou, “eu não quero problemas com a polícia, minha mãe indiretamente falou, “eu não quero que determinadas tias saibam”. Que tipo de lésbica você vai se enquadrar? (...)

Em relação aos homens mais velhos, toda a discussão que se fez em torno da importância de se ter o direito ao casamento entre pessoas do mesmo sexo, por exemplo, ficou polarizada entre os que reivindicavam o direito de ser como todos, o que inclui casar, como Tom e Márcio, e a “caretece” de se reproduzir uma instituição ultrapassada, como Charles e Eulálio vêem o casamento, ainda que este considere a importância de ter amparo legal para a relação:

Élio [dirigindo-se ao Tom] – Você é da Igreja Anglicana, não é isso?

Tom – Sou.

Élio – e você é católico; eu gostaria de saber se vocês casariam na Igreja.

Márcio – Se fosse permitido?

Élio – isso.

Eulálio – Ai, o casamento é uma coisa tão careta...[risos]

Charles – meu conceito de casamento, tanto para hétero, como para homossexual, em pleno século vinte e um: uma aberração!

Eulálio – Pois é.

Tom – Eu casaria na Igreja, sim. Agora, não sei se eu casaria mesmo... Tem a questão da Igreja, se a Igreja vai fazer ou não, e tem a questão que eu sou cristão e meu companheiro é ateu. Então não necessariamente a gente... às vezes a gente possa fazer outro tipo de cerimônia... Mas isso é o que está na

minha cabeça. **O casamento não é uma instituição imutável, o casamento é muito diferente hoje do que era antigamente. Eu não sou dessa turma de que o casamento é careta, porque eu acho que o casamento é aquele que nós vamos fazer.** Nós nos chamamos de marido, um pro outro, e nós nos consideramos casados. Isso não quer dizer que um fica esfregando o chão e o outro volta pra casa depois de trabalhar o dia todo.

Márcio – Eu me casaria no civil só, não gostaria de me casar no religioso.

Tom – Isso é escolha de cada um. E eu acho que quem não quer casar no civil, **é interessante que as leis sejam iguais pra todo mundo.**

Eulálio – Eu acho que quando, legalmente, os amparos que a gente possa ter por lei, qualquer relação tem que ter esse amparo legal. Independente da pompa, da circunstância de uma relação, de igreja ou não, mas você tem a questão do seguro, plano de saúde, isso é tudo muito complicado, então isso precisa ter. Porque se a viúva recebe do falecido, porque o viúvo não recebe do falecido, também?

Isso nos remete, talvez, ao que discutimos no capítulo 2, em que a questão da homossexualidade para homossexuais masculinos, na era pré-aids, era vista como uma transgressão revolucionária, uma forma de romper com as tradições, com a “caretece”. Já no grupo das mulheres, isso não aparece. Ao contrário, Carla explicita que teve poucos relacionamentos em sua vida, todos estáveis e duradouros:

Carla – (...) Esse relacionamento que eu tive, de vinte anos, que faz cinco anos que terminou, essa pessoa é minha confidente. As pessoas que eu tive, quatro ou cinco, talvez, em toda a minha vida, sempre foram duradouras, então eu encaro esse tipo de relação muito bem, sempre, sem problemas, seriamente. (...).

Talvez seja mais um indício da socialização de gênero, em que a liberdade para o exercício da sexualidade – seja a legítima ou a “desviante” – é um valor masculino, enquanto ainda é um interdito para as mulheres.

Ainda na chave da diferença geracional, nos dois grupos se apontou que há maior liberdade hoje, há mais facilidade para as pessoas mais jovens viverem sua homossexualidade, mas há algumas pontuações de que as

dificuldades ainda existem, o que modificou foi a forma ou o grau em que elas aparecem. Eulálio conta como teve, em sua juventude, que abandonar sua cidade e a faculdade que fazia por ter sido flagrado beijando um homem em sua cidade:

Eulálio – A diferença como as coisas foram acontecendo comigo. Eu sou do interior do Estado, de uma cidade relativamente pequena. Eu vim pra São Paulo em 1975, porque eu cheguei à conclusão que a cidade estava pequena pra mim. Eu não estava sendo hostilizado, não fui posto pra fora à pedrada, nada disso. O dono da única boate que existia na cidade, que era um amigo meu, ele chegou pra mim e falou, ele me viu beijando um homem na boate. Ele falou, “Eulálio, [nome da cidade] está muito pequena para você. (...) Ele falou: “A cidade, [nome da cidade] está muito pequena pra você. Você não pode viver a tua vida aqui”. Mas ele falou aquilo, não foi pra me agredir, nada disso. Ele sabia o problema que ele poderia ter dentro da boate se isso viesse a público, porque infelizmente era essa a realidade, não foi ele que criou. Imagina dois homens se beijando dentro de uma boate? Não se podia nem pensar nisso. Foi a partir daí que eu comecei a refletir e realmente percebi que ‘tava pequena pra mim. Eu falei: “Não é aqui que eu quero ficar”. Eu estava no terceiro ano da faculdade de História e simplesmente... não tranquei a matrícula, porque a Secretaria não concordou, eles não acreditavam que eu fosse trancar a matrícula, eu permaneci um ano ainda matriculado, alguém falsificando minha assinatura, e vim pra São Paulo. Quer dizer, então eu também não tive assim... uma perseguição, ou alguma coisa que... você estava falando das diferenças de antes e das diferenças de agora... então, eu acho que as coisas acabaram sempre para mim assim acontecendo de uma maneira diferente, né? Quando as pessoas falam “Eu me descobri, eu me achei”, eu paro pra pensar nisso, quando eu me descobri. Eu não sei, eu acho que eu nasci do jeito que eu sou; eu acho que eu nunca me descobri. Nunca parei pra pensar nisso.

Julgamos importante transcrever aqui toda essa narrativa, porque além da grande mudança de vida por que Eulálio passou devido ao “incidente” do beijo na boate, ela também denota uma contradição entre a alegação de não ter sido perseguido e a consequência prática, que foi relativamente violenta: mudar de cidade, abandonar a faculdade etc. Parece haver uma necessidade de negar a situação de discriminação, ainda que a afirme ao mesmo tempo. Isso se repetirá em outras falas de Eulálio, como veremos mais adiante.

Curiosamente, os mais jovens (Márcio, Élio e Pedro) do grupo dos homens, chegam a comentar, em passagens diferentes, que já há diferenças do que eles viveram e o que os mais jovens que eles estão vivendo agora:

Passagem 1:

Márcio – Por exemplo, a TV, quando a gente era criança, adolescente, não tinha nenhum modelo positivo de homossexual.

Pedro – Ainda não temos.

Márcio – Ainda hoje.

Élio – Essa questão dos adolescentes e dos grupos. Era muito difícil você ter um grupo de gays na escola.

Pedro – Hoje em dia é muito comum, mas na minha época, eu estou com vinte e sete anos, isso não existia.

Passagem 2:

Élio – Eu lembro que... eu tenho vinte e cinco anos, então eu comecei a praticar de fato a minha homossexualidade, de bem comigo e com o mundo, com dezoito, dezenove anos. Eu ia muito ali no Bocage, eu, o Márcio e amigos etc. Hoje, eu não frequento mais, mas quando eu volto naquele lugar, tem meninos de quatorze anos, quinze anos. Eu ia com meus dezenove, dezoito anos.

Passagem 3:

Charles – Não, é por essa linha... Então colocando que pra questão “hoje é mais fácil ou mais difícil do que antes”, a meu ver, as dificuldades continuam as mesmas, o que muda é a... me ajuda aí... a forma...

Pedro – A proximidade com o tema, eu acho. Têm as mesmas dificuldades que existiam antes.

Pedro – (falando junto com o Charles) – antigamente era uma coisa de (final inaudível).

Tom – Eu discordo. Eu acho que as dificuldades podem ser as mesmas, mas o grau é diferente. Hoje é menos, com certeza.

Tom – Você teve essa experiência em [nome da cidade] nos anos 70, né ? Hoje [nome da cidade] tem um dos grupos do movimento GLBT mais atuantes, é o [nome da grupo]. E eu conheço [nome da cidade] porque meu grupo fez várias coisas em parceria com eles, eu adoro [nome da cidade].

[risos]

Mas assim, então eu acho que... dificilmente... é claro que continua sendo uma cidade do interior, tem uma diferença entre [nome da cidade] e São Paulo, mas você beijar um

homem hoje numa boate em [nome da cidade] é muito diferente do que era trinta anos atrás.

No grupo das mulheres, também houve bastante concordância quanto às diferenças de época:

Passagem 1

Priscila – Hoje em dia, eu vejo por essa geração mais nova, essas meninas mais novas, elas não têm esse tipo de problema, religioso, porque já não têm mais religião. Eu tenho quarenta e nove anos; eu acho que eu sofri tudo isso, mas essa geração nova, elas não estão muito preocupadas com Jesus, com Deus...

Sônia – Com o pecado...

Priscila – ... com o pecado. Na minha época, tudo era pecado.

Passagem 2

Priscila – Eu quase levei um tiro na perna. Por isso que eu estou falando... muitos anos atrás, na rua Augusta, tinha uma boate chamava Medieval, e no fim da Augusta tinha uma discoteca chamada Bug House. Era época do Coronel Erasmo Dias, e uma vez a gente estava na fila pra entrar na Bug House e passou uns camaradas num carro dando tiro, pá...pá...pá..., nas meninas. Foi uma correria, e uma menina que estava na minha frente, na fila, levou um tiro na perna e caiu. Então [risada contida, meio irônica], eram tempos difíceis aqueles. Então eu acho que hoje está bárbaro.

Joana – Eu concordo muito com o que você fala [referindo-se à Sônia], essa coisa da manifestação. Eu acho que qualquer casal se comendo pelos cantos é horrível. Só que duas lésbicas, ou dois gays, ou uma travesti, se ela dá um beijo, um selinho na boca, é como se ela estivesse fazendo sexo explícito. Isso é um absurdo. E eu não acho que as pessoas vão se acostumar com aquilo que elas não vêem. (...) Eu não acho que, entre aspas, “a sociedade”, cada um de nós, vai lidar de uma forma melhor se a gente sempre fizer escondido.

Sônia – Porque fazer escondido dá a idéia de uma coisa suja, não é?

Joana – Ou então, assim, “vou preservar”, vou preservar o quê? Eu quero fazer qualquer coisa como se eu estivesse com um rapaz. E isso não tem que ser mais grave ou menos grave porque é com uma mulher.

Priscila – Você costuma fazer isso?

Joana – Costumo, costume. Se todas as pessoas saírem de mãos dadas com seus companheiros e suas companheiras, vai ser tanta gente que não vai ter arma o suficiente, vai fazer o quê, um paredão? Aí, quem se manifesta acaba levando a pedrada, mas se todo mundo se manifestar, não vai ter pedra o suficiente, as pessoas vão ter que começar a ver diferente. (...)

Passagem 3

Priscila – Eu acredito que esse povo eles vivem isso no dia-a-dia, não é pra extravasar, não.

[alguém fala “fora de casa”]

Priscila – Eu acho que dentro de casa, já. Pelo estilo de vida que eles levam, eu acho que até dentro de casa.

Carla – Eu vejo essa parte positiva, com essas gerações mais jovens. Acho que esses jovens vão contribuir muito para a libertação...

Priscila – Também acho.

Sônia – Essa nova geração não está muito preocupada com os valores da família. Eles não estão muito preocupados se vão chocar, se vão quebrar, sabe?, preconceitos ou não vão. Mesmo que eles não vivam isso internamente dentro da família, eu não acredito que vivam. Vivem... não é que eles assumam, eles vivem isso não por acreditar nisso, mas porque não acreditam em outras coisas. É uma postura que pra eles soa natural. É uma rebeldia ou um ato político sem conhecimento, sem consciência.

Priscila – Sem conhecimento, exatamente.

Passagem 4

Priscila – Eu tenho uma inveja desse povo novo... eles sofrem muito menos. A gente sofria...

Outras questões de relevo emergem aqui. Em primeiro lugar, as mulheres apontam a questão da mudança dos valores morais e religiosos como um fator que permitiu as transformações, enquanto os homens não mencionam isso, o que pode indicar que, para elas, a religiosidade teve um peso maior na dificuldade que vivenciam(ram) por serem lésbicas.

Outra coisa é que as mulheres mais velhas vêm com mais admiração as transformações e a liberdade das pessoas mais jovens do que, por exemplo, os mais velhos do grupo masculino, reforçando a possibilidade apontada anteriormente de que, para eles, essa possível liberdade é percebida ambigualmente: ao mesmo tempo, é vista como algo bom, mas também como uma possível perda de identidade (gay=transgressor). Outra questão importante, trazida nos dois grupos, é a falta de referência positiva tanto para gays, quanto para lésbicas, o que prejudicaria a possibilidade de haver uma percepção positiva de si mesmos/as.

A questão de revelar a própria homossexualidade à família – e ainda os desdobramentos sobre como e quando fazê-lo – representou, para todos/as, uma experiência de extrema importância e que, em maior ou menor grau, foi traumática. Alguns/algumas tiveram de lidar com idéias estereotipadas fortemente arraigadas no imaginário social, ainda que a família os/as conhecesse desde sempre. Uma das idéias presentes, segundo os relatos nos grupos focais, foi a confusão entre orientação sexual e a identidade de gênero, que se traduziu na idéia de que homossexualidade implica uma feminilização (para os homens):

Passagem 1

Nico – minha mãe, no começo sofreu muito, mas ela diz assim: eu perdi um filho, mas ganhei uma filha.

Passagem 2

Pedro – Exatamente. Acho que esse era o maior medo da minha mãe, de eu aparecer com peito em casa.

Para algumas mulheres, o que ocorreu foi o contrário. Pelo fato de terem aparência de “moleque”, ou um jeito considerado masculino, familiares já suspeitavam da homossexualidade antes da própria revelação:

Priscila – Você vê? Bom...E aí fui, moleca mesmo. E na cidade onde eu morava, no litoral, a gente vivia muito solto. Era praia... Eu estava sempre cercada de meninos, o tempo todo, e eu lá, né?. E a minha mãe me forçando a entrar no balé, aquelas coisas, sabe, de... e eu falava, “não, mãe, eu odeio isso, eu não quero”. Então eu sempre fui... E eles

sacaram isso, desde o início eles sacaram que eu era diferente, e ficam com aquela expectativa. (...) Eles sempre souberam, nunca falaram nada. E aí, um dia, quando eu estava com a segunda namorada, que a gente ficou quinze anos, aí não teve jeito. Eu tive que chegar e dizer, “olha, é isso”. Minha mãe disse, “eu já sabia”.

Mariana – A minha mãe falou isso também.

Outra idéia estereotipada foi a associação com doença, mais presente para as famílias dos homens:

Passagem 1

Márcio – Eu tenho uma família cheia de médicos, então, a primeira coisa que vem na cabeça deles é o quê? Aids. “Ele já sabe? Ele já sabe? Ele já sabe o que é aids?”

Passagem 2

Eulálio – Eu estou vivendo isso muito perto de mim agora, com o meu companheiro, com relação à mãe dele, que ela quer que ele procure um médico. Pra ela, é doença.

E o sofrimento advindo da revelação atinge também os familiares, especialmente pai e mãe. Para algumas pessoas, significou uma ruptura de um tipo de relação estabelecida (pela perda de confiança ou admiração) com a família de origem, que envolveu muita negociação para se obter alguma aceitação e/ou respeito. Todos os relatos mostram a dificuldade em se tomar a decisão de contar, de abordar o assunto com familiares, implicando medo de rejeição:

Pedro – A minha vida foi muito parecida, na infância e na adolescência, como a do Nico. Eu nunca tive nenhuma repressão, nenhum embate... como o Eulálio.. Eu nunca tive nenhum embate na família. Só mesmo quando eu me descobri gay, de verdade, quando eu comecei a namorar sério e tudo o mais, que eu tive um pouquinho de problema com a minha mãe. Até eu saí de casa, eu já estava com planos de sair de casa, já estava me programando. E quando eu saí de casa, ela teve um surto de uma hora: quinze minutos ela gritou, meia hora ela ficou quieta, e quinze minutos ela começou a me ajudar a montar o meu enxoval, porque eu saí de casa pra

morar com o meu ex, pra casar. E ela tinha falado, “você só sai de casa casado”.

As mulheres relataram experiências de revelarem-se para a família que parecem ser mais traumáticas e emocionalmente carregadas do que as que relataram os homens:

Vilma – (...) A minha mãe, quando eu contei pra ela, ela ficou um ano sem falar comigo. Ela ficou um ano de óculos escuros, de luto. Ela só tirava os óculos para dormir e quando chegava em casa, ela passava direto para o quarto. Ela falou que ia separar do meu pai, que não queria mais saber da gente, que ia embora. Foi uma decepção muito grande para a minha mãe. Apesar de eu ter uma outra irmã, né, mas era em mim que ela depositava todas as esperanças, todas as expectativas, admiração... (...) Foi uma decepção bem grande pra ela. (...) Ela, quando falava comigo, era pra me agredir, ou quando falava de mim, falava supermal pra que eu ouvisse que ela não concordava com aquilo. (...) Hoje em dia, a gente tem uma relação que a [nome da companheira] vai lá, os meus pais perguntam por ela, têm um relacionamento bem íntimo mesmo, eles fazem questão da presença da [nome da companheira]. E ficou bem tranquilo. (...)

Joana, em um longo relato, conta como foi a reação de seus pais quando contou a eles sobre sua homossexualidade:

Joana – E na família, foi aquela busca... “eu preciso ser autêntica, eu não sou nem menos nem mais do que outra pessoa. Se eu tivesse um namorado ou um paquera, eu falaria em casa, e por que eu não posso falar disso? (...) Primeiro, falei para o meu irmão, que era o mais próximo. (...) Aí ele foi... se reconstituiu... “Não, Tata, eu te amo mesmo assim, e quero que você seja feliz” papapá, papapá, papapá.. (...) Eu estava com uma namorada na época, no final da faculdade, e fui falar [para a mãe], “sabe a fulana, que você gosta, que você recebe em casa, que a gente fica pra lá e pra cá, uma na casa da outra...”, lembrando que eram duas cidades distintas. “Então, mãe...” era antevéspera do natal; eu queria contar pra ela e continuar lá alguns dias, pra ela saber que eu continuava a mesma pessoa, ela simplesmente estava sabendo de uma coisa a mais da minha vida. Que ela não me amava por quem eu estava na cama. Se ela sabia ou não sabia, ela me amou, eu nasci e eu não transava com ninguém, e porque isso ia fazer diferença na vida? Eu contei pra ela. Foi um drama mexicano, foi desesperador. E ela chorava... (...) e eu lembro

de uma noite, ela estava sentada lá e eu aqui lendo um livro, e ela começou a chorar. Aí, eu sempre dura.... querendo ser dura, mas aquilo estava me machucando muito. Eu tinha que ter uma posição, pra que ela pudesse pirar e eu continuasse ali. Aí eu fechei o livro: “o que foi, minha mãe”, e ela falou, “não, filha, não me venha pedir pra aceitar isso de uma hora para a outra”. E eu falei, “mãe, eu não te pedi isso em nenhum momento. É com você, você tem uma filha assim, que gosta de meninas. Foi comigo, e isso talvez influencie muito mais na minha vida do que na sua. Eu demorei vinte e um anos pra aceitar isso em mim; eu só gostaria que a senhora levasse um pouquinho menos de tempo.” Se ela levasse vinte anos, estava até no meu tempo. (...) Quando eu me separei dessa moça, que era minha namorada, falei: “Bom, agora tá na hora de contar para o meu pai.” (...) Eu achei que o meu pai fosse enfartar na hora em que eu comecei a contar pra ele. Ele falou que não gostaria de ter sabido daquilo, que ele preferia o silêncio. Hoje o meu pai aceita bem melhor, minha família convive comigo.

Nesse episódio, vemos como Joana se vê em um risco iminente de ser desqualificada e rejeitada pela família. Tanto que se assegura de que eles terão contato com ela por mais algum tempo (ela estava passando férias em casa, já que cursava faculdade em outra cidade), de forma que pudesse mostrar que continuava sendo a mesma pessoa de sempre. Aparece neste relato, novamente, a questão do segredo, do silêncio: seu pai chega a explicitar que preferia não saber. E também aparece como ela teve de se manter centrada, mesmo com o sofrimento por que passava, para lidar com o desespero de sua mãe, indicando até uma certa inversão dos papéis de mãe e de filha.

Mariana relata o episódio em que se revelou para a sua mãe, mostrando como foi difícil romper uma espécie de pacto de silêncio, e conta que também seu pai preferia não falar sobre o assunto:

Mariana – E quando eu levei ela a primeira vez para a [nome do estado], foi a primeira tentativa de mostrar para eles, “eu sou e vamos ver o que a gente vai fazer com isso, porque eu não vou deixar de ir aí nas férias e não vou deixar de recebê-los aqui.” Moramos no [nome da moradia da universidade] por três anos e meio, depois saímos, fomos morar num apartamento, enchíamos o colchão inflável todo dia, essa coisa de cama de solteiro e cama de casal, eu não suportava; enchíamos o colchão inflável toda noite para dormir e quando era de manhã esvaziávamos ou deixávamos cheio dependendo de quem vinha nos visitar. A família dela de

[nome da cidade] vinha, murchava, minha família vinha, murchava. A gente ia pra [nome do estado] e minha mãe dizia, “eu fiquei olhando vocês duas dormindo”. Ninguém conseguia falar comigo e eu não conseguia falar com ninguém, até que um dia eu consegui contar para as minhas duas irmãs, até que recentemente eu conversei com a minha mãe, “eu preciso conversar com a senhora, quando é que a gente vai conversar?”, “conversar sobre o quê?”, “do assunto que a senhora sabe!”. Eu tive que criar coragem pra chegar pra minha mãe e falar, eu falei, “pra painho eu não vou poder falar?”, e ela falou, “ele já sabe, todo mundo sabe, só que ele não quer falar a respeito. A única coisa que ele não quer é te perder”. Eu falei, “não, eu nunca vou deixar de vir, eu venho sempre, mas esse pacto de silêncio tem que ser rompido”. Eu respeito muito quem é gay, mas é gay dentro de casa, não é ser gay na Augusta, na Paulista, no Espaço Unibanco, no Cine Belas Artes, falar para o seu pai e a sua mãe, esse é meu namorado, essa é a minha namorada. Quando eu comprei a cama de casal, minha ex-mulher disse que eu queria enfiar a cama de casal goela adentro, mas eu não agüentava mais encher e esvaziar colchão todo dia. A mãe dela veio nas últimas férias, agora, e ela queria que eu colocasse metade das minhas coisas num quarto e a metade no outro; no que resultou que os quatro anos e meio foram por terra, eu estou sozinha. Ela tem namorada agora, sei lá o que ela está fazendo da vida dela, e eu estou tentando me reerguer, mas eu não consigo ser gay no armário.

Neste relato, aparece também a forte interferência que a rejeição da homossexualidade, especialmente por parte da família, significa para a vida de casal. O fato de ter de disfarçar cotidianamente sua relação com a companheira – representada, sobretudo, pela dificuldade de ter de inflar e murchar um colchão de casal inflável, o que Mariana trouxe recorrentemente em diversos momentos de discussão no grupo – cria um desgaste muito grande, ao qual ela atribui o final de seu relacionamento.

Eulálio relata uma experiência que viveu aos doze anos, há cerca de 45 anos, em que as questões mencionadas acima – do temor parental por sua suposta falta de masculinidade e da homossexualidade como doença –, se misturaram fortemente em um episódio que ele refere ser constrangedor, o qual transcreveremos quase que integralmente aqui:

Eulálio – Eu acho que você está falando de religião católica, que é a minha formação. Minha mãe, católica, praticante, que é uma senhora, hoje, com oitenta e dois anos de idade. E eu acho que eu fui premiado com relação

a isso. Minha mãe, eu tinha doze anos de idade, o professor de matemática (...) chamou-a na escola. (...) E ele chamou pra dizer que eu não conseguia aprender matemática, eu não tinha nota nenhuma em matemática, e ele falou na minha frente, pra minha mãe – e eu escutando – que eu era débil mental, retardado, e não tinha inteligência suficiente para acompanhar a classe. (...) Minha mãe chegou à noite pro meu pai e falou “Olha, se o nosso filho é diferente” – porque isso é a cabeça dela – “nós temos que saber o que está acontecendo com ele”. A empresa em que o meu pai trabalhava tinha um escritório aqui em São Paulo (...) e ele ligou pra cá pra saber quem é que poderia dar alguma orientação. **Quer dizer, em nenhum momento, eles falaram de vir para São Paulo para procurar um médico.** Eles queriam uma orientação para saber como que lidariam com o filho. E aí, eles aproveitaram, **porque havia essa dúvida com a masculinidade** ou não também, me trouxeram para São Paulo. Na época não existia, estavam começando a criar aqui na PUC, a cadeira de psicologia. (...) eles marcaram uma consulta com esse professor. Eu não sei se foi esse professor, ou não, que deu a orientação pra procurar um outro laboratório, eh... para fazer uns exames, pra saber se eu era homem mesmo ou não. **Imagina a situação constrangedora pra mim! Se bem que não foi constrangedor, porque eu nunca tive situação constrangedora.** Eeeh... eu, com doze anos, eles fizeram eu me masturbar

[Alguém comenta bem baixinho] – Gente!

Eulálio – É, porque tinha que eu tinha que ter esperma, eu tinha que ter porra! Eu não sei como eu fiz, eu não lembro. **Essas coisas, a memória apaga.**

Alguém pergunta – com quantos anos?

Eulálio – Com doze anos. (...) Então, **eu nunca tive isso de repressão, de “não, tem que ir para São Paulo, você tem que procurar médico, você tem que se tratar”.** Então, **isso eu tive dentro de casa. Então eu não tenho isso, essa minha relação com religião, não passa por religião, pra mim.** A formação, dentro da minha casa, era católica, era cristã, e isso nunca interferiu. A minha mãe, quando eu praticamente saí de casa, que eu montei o meu primeiro apartamento, ela falou pra mim, “eu quero que você seja feliz”. Não falou mais nada. Quer dizer, ela não me perguntou como eu queria ser feliz. Quer dizer, é uma coisa que talvez ela não saiba conversar muito bem, mas ela não coloca barreiras, né? Ela me falou, “eu quero que você seja feliz”. Então, eu tenho uma relação muito boa com relação à religião e dentro da minha casa. A minha irmã mais velha, há pouco tempo comentou uma coisa comigo, que eu acho que **a natureza me ajudou e eu fui apagando tudo isso.** Então, **eu não tenho essa coisa de trauma,** porque alguém fez não sei o que, porque um tio te levou porão não sei onde, nunca aconteceu essas coisas comigo. Não tenho nenhuma história

interessante para contar. E a minha irmã mais velha falou que, virava e mexia, ela tinha que entrar no meio e dar umas porradas nos moleques, porque **me chamavam de mariquinha. Não me lembro.** Mas tinha a minha irmã mais velha para me proteger. Então, quer dizer, **eu não tenho essa questão de “Ah, eu fui menosprezado, eu fui passado pra trás”.** Eu, felizmente, não passei por essa experiência.

Esse relato é bastante forte e causou grande impacto no grupo, que o acompanhou em um silêncio bastante incomum na dinâmica do grupo de homens, havendo nesse caso algumas poucas reações pontuais de assombro. Eulálio, mais uma vez, faz uma narrativa cheia de contradições, marcada, ao que tudo indica, por uma necessidade de negar o sofrimento, a dor experienciada.

Além de Eulálio, outros homens do grupo fizeram referência a uma experiência de hostilização precoce, normalmente em ambiente escolar:

Passagem 1

Márcio – A sociedade, ele é muito cruel no começo, quando você ainda não tem nenhuma carcaça, nenhuma muralha em torno de você. Você está no ambiente escolar, primeiro, e a sociedade vem com tudo. Os seus colegas de escola não conseguem aceitar isso de jeito nenhum. Então, os seus colegas vão te... tratar mal, tratar mal, tratar mal até o dia em que você começar a desenvolver uma couraça e começar a responder. Quando você começa a responder, eles diminuem as agressões até que eles cessam. Mas, para isso, tem uma via-crúcis por que todo gay passa.

Passagem 2

Tom – (...) Eu devia ter doze anos, foi em 1979, no máximo 1980. Com a Revolução Islâmica no Irã e aí, bom, estava acontecendo a revolução islâmica e a gente tinha todos esses artigos do jornal e na televisão de como eram esses islamistas extremamente ortodoxos e intolerantes com tudo, né? E aí... ahn.. não sei como chegou na sala de aula essa discussão, e alguém disse que os homossexuais eram mortos, que tinha pena de morte pra quem fosse homossexual, e tinha uma menina que começou a dizer que isso estava certo, “esse povo tem que morrer, mesmo”. E eu, criancinha inocente, eu não sabia o que significava essa palavra, “homossexual”. Então, eu fiquei quietinho, e a professora... a professora tentou colocar um outro ponto de vista, ela disse que conhecia pessoas que tinham escolhido essa vida e que era uma escolha válida, como outras, né?

(...) ela se posicionou; levou tanta pedrada daquela molecada! Todo mundo dizendo: “o que é isso, professora! Isso é uma pouca vergonha” e tudo o mais. Quando eu voltei pra casa, eu perguntei pra minha mãe o que significava homossexual e ela me explicou e... ela constrangida. Então foi uma coisa que pra mim mostra a violência simbólica a que a gente é submetido, né?, quando passa por isso.

Interessante assinalar que, entre as mulheres, essa experiência de hostilização precoce não foi mencionada. Apenas Priscila relatou que foi questionada se ela era homem ou mulher (voltando-se a aparecer a confusão entre identidade de gênero e orientação sexual) por colegas da escola católica:

Priscila – (...) Eu sempre me achei uma pessoa muito inadequada, eu não era igual às outras meninas. Nunca fui. Sempre tive atração, né?, por mulheres desde criança, mas desde criança. Eu lembro de uma ocasião, eu estava brincando na rua porque eu era muito moleca, eu estava sempre na rua jogando taco, aí tinha umas amigas do colégio católico que estavam lá sentadas no muro, olhando o jogo. Uma hora, eu saí correndo para pegar a bola, a menina encostou em mim e falou assim, “escuta, você é homem ou você é mulher?” Eu olhei pra ela e falei, “não sei”. Isso ficou tão... depois eu fiquei pensando: “por que é que eu falei ‘não sei’?”.

Sônia – Você lembra quantos anos você tinha?

Priscila – Eu devia ter uns nove anos.

Ainda que tenha sido questionada pelas colegas e enquadrada como “diferente” a ponto de suscitar tal questionamento, Priscila não imprime o mesmo peso emocional que os rapazes colocam no relato. Mas provavelmente foi um fato que colaborou para a sensação precoce de sentir diferente, inadequada, como aparece no início da passagem acima. Aparentemente, a hostilização social precoce é mais sentida pelos homens, um fato relacionado talvez a uma diferença de gênero, à maior visibilidade da homossexualidade masculina em relação à feminina.

Por esses relatos, podemos inferir que a internalização do estigma de ser homossexual ocorre de forma muito precoce. Pela socialização primária:

pelo que vimos das reações familiares à revelação e de todos os cuidados que foram tomados para abordar o tema com pais e mães, tanto gays quanto lésbicas sabiam que abordariam um assunto, no mínimo, “espinhoso” para todos/as. Pela socialização secundária: como aponta Tom, na escola, antes mesmo de saber o que significa a palavra homossexual, ele pôde constatar de que se tratava de algo muito desqualificador, a ponto de crianças acharem que homossexuais devem morrer.

Essa assimilação/internalização precoce da homossexualidade como estigma pode ter uma profunda relação com a experiência religiosa, fato relatado por quase todos os rapazes, e de forma bastante carregada emocionalmente:

Passagem 1

Élio – (...) eu lembro que quando eu tinha doze anos, eu me apaixonei por um menino, eu fiquei muito apaixonado por ele. Eu fui no quintal, e eu chorei, muito, muito, muito, porque eu achava que não era possível ficar com ele. Eu chorava e pensava, “Se eu chorar muito, Deus vai fazer eu virar menina, Deus vai fazer eu virar menina”. [alguém ri, há comentários]. Quando eu abri os olhos... quando eu abri os olhos, o pinto ainda estava lá embaixo. Eu tenho certeza que isso me ajudou muito a me afastar da idéia de religião.

Passagem 2

Tom – Então, eu me lembro quando eu tinha uns onze, doze anos, toda a escola foi para a Igreja, escola pública, e padre falou do pecado, não mencionou nada sobre a homossexualidade, mas de alguma forma, foi uma experiência que eu fiquei muito revoltado. Por isso, hoje eu fico pensando que eu já sabia que era gay e me senti condenado, mesmo sem uma menção específica que passava pela minha homossexualidade. Depois, quando eu me assumi, com as declarações que vinham desse ou daquele bispo, cardeal, ou do papa, numa revolta enorme contra a Igreja Católica. Contra as igrejas cristãs em geral, não só católica.

Passagem 3

Charles – Eu fui coroinha por muito tempo e ficou esse estigma até hoje. As pessoas perguntam, “você é padre?”, quando olham pra mim, por algum motivo, postura católica, talvez. A minha... ahn... Depois que eu fui amadurecendo um pouco, ainda na pré-adolescência, adolescência, eu até pensei realmente em ser padre, mas a família que não aceitou. Isso em função da sublimação do sexo, na verdade. Eu estava em busca de conhecimentos, de esclarecimentos da posição, já

na infância, eu busquei um esclarecimento e queria ser padre, seguir a Igreja Católica, porque aprendi que lá havia sublimação do sexo. Isso me dava uma certa tranquilidade, “Bom, então eu tenho que ser isso, porque o que eu gosto é pecado”, na infância. E assim eu cresci, buscando esclarecer essas questões.

Passagem 4

Márcio – Eu tive uma experiência, da minha vida religiosa na infância. Eu estudei em colégio de Jesuítas, no Colégio [nome do colégio], em São Paulo. Acho que foi um laboratório. Com o perdão do trocadilho, acho que paguei todos os meus pecados lá. Eu cresci num ambiente cheio de... aula de religião, toda semana pelo menos. Teve um semestre que eu tirei uma nota muito baixa em religião. Eu tirei 4,5, de 10, imagina. Acho que nenhuma criança teve nota tão baixa quanto a minha. Aí, vieram todos os professores, os meus pais, falaram “tem alguma coisa errada”. Eles começaram a falar, “esse menino precisa... esse menino precisa... estudar mais religião”. E eu sabia que aquilo estava me contradizendo de alguma forma. Porque eu sabia que o que eu gostava, na verdade, era pecado e, naturalmente, eu me afastava daquele ensino religioso. Mas como a minha espiritualidade era muito latente, eu acabei me entregando num determinado momento. Aí, eu falei, “tá, vou tentar” E resolvi tentar me enquadrar. Eu nunca me esqueço que, na primeira comunhão, eu estava totalmente enquadrado, achava que já estava no caminho certo de novo. E eu me preparei muito para a minha primeira comunhão. Ensaaios... eu lembro que eu era o orador da turma, eu tinha que ler um texto grande, e era um momento de muito estresse pra mim, porque eu falei “agora é a oportunidade para eu mostrar que eu realmente me livre de uma vida de pecado”. Não, imagina eu, na minha compreensão de dez anos de idade, eu pensei, “agora é o momento de eu seguir o caminho certo”. Eu estava tão nervoso, que eu devo ter comido rápido, não sei. Logo após a minha primeira comunhão, eu vomitei tudo que eu tinha comido. (...)

Passagem 5

Nico – (...) Eu sempre tive ojeriza ao catolicismo, eu recusei a crisma e a primeira comunhão. Eu falava assim “Jamais!”. Com quatro anos de idade, eu me lembro que tinha o Mickey Mouse e uma foto de Jesus em cima da mesa, e eu falei pra minha mãe, “eu quero o Mickey Mouse; eu não quero Jesus não meu quarto”, eu falava assim. [risadas] Eu sempre achava aquela religião hostil.

Passagem 6

Nico – (...) Mas o escopo da religião, é uma religião homofóbica. Eu não consigo imaginar que não exista condenação ao homossexualismo na Bíblia, porque quando eu era criança eu ia lá e dizia “nossa, que droga!” (...)

No grupo das mulheres, as experiências mais emocionalmente carregadas foram relatadas por Mariana e Joana. Mariana sentiu a culpa – que ela atribui à religião de sua família de origem, que é Testemunha de Jeová por conversão – atravessar sua vida desde muito cedo, mas perdurando muito, até há pouco tempo (cerca de quatro anos atrás), com conseqüências muito sérias para a sua vida cotidiana, profissional e amorosa:

Passagem 1

Mariana – É. O “Crazy – louco de amor”, eu fiz como aquele menino, eu rezava de noite e falava, “ai, Deus, tira isso de mim, eu não posso sentir isso, eu não posso amar a minha amiga”. E as amigas da escola, eu fui apaixonada, teve uma época, por cada uma. Então, eu me casei, e quando eu vim pra cá, foi que eu tive o meu primeiro relacionamento lésbico, aqui em São Paulo, na [nome da universidade], com uma amiga de quarto, coisa bem comum no mundo lésbico, vai dividir o quarto e depois está dividindo a vida. Eu rezava, depois fui fazer tratamento psicológico, buscar ajuda, conversar com algumas pessoas em quem eu confiava, e comecei a ler esse livro na expectativa de buscar respostas para o que eu era. Eu não cheguei no final do livro, porque ele estava tentando me convencer de que a Bíblia não encarava a homossexualidade, por aspectos históricos, em nenhum momento fazia refletir que eu sou lésbica porque eu sou.

Passagem 2

Mariana – Eu tive uma fase de achar que a minha dissertação de mestrado não ia sair porque o demônio estava... porque Deus estava me julgando porque eu estava dormindo com [nome da namorada], que eu ia perder na proficiência do inglês, que a gente tem de fazer uns exames lá. Eu não conseguia me assumir... era muito ruim! A gente fazia amor à noite e no outro dia eu não conseguia olhar para ela e ela não conseguia olhar pra mim porque ela também é cristã, a família dela, a mãe, todo mundo, e muito ruim, muito ruim!

Já Joana conta que, ao mesmo tempo em que a religião católica a salvou de se suicidar – o que chegou a cogitar pela dificuldade que sentia em aceitar sua homossexualidade – porque passou a pertencer a uma comunidade em que se sentia amada, acabou sentindo também fortemente o peso da condenação católica à homossexualidade, tida pelos segmentos conservadores

(ela fazia parte da corrente carismática) como uma doença que se deve curar, o que também a fez sofrer muito:

Joana – (...) Então é assim.... Eu comecei, né?, os sentimentos... papapá, papapá, papapá... Eeeee, em primeiro lugar... todas as brincadeiras de criança, muitas brincadeiras de criança eram com amiguinhas e amiguinhos. Eu tenho muito claro uma propaganda de um ovo Diamante Negro, eu era bem novinha, eu tinha uns doze anos, que tinha um metrô... eu nem sabia o que era metrô, imagina, né? Lá na cidade em que eu nasci... que a mocinha caía no colo do mocinho e quebrava o ovo e eles compartilhavam o ovo. A primeira experiência do beijo na boca foi mais ou menos assim... “Ah, vamos fazer a brincadeira do ovo?”, com uma prima, enfim, bababá. Aí rolou, nessa história (risos)... Mas com o passar do tempo, eu fui ficando maluca com aquilo, porque eu sabia que as pessoas tinham expectativas, eu tinha expectativa de casar e ter muitos filhos, com um rapaz, porque esse era o script que me era cobrado, só que eu não me encaixava naquilo. (...) Então, eu fiquei maluca e pensei seriamente em me matar. Fiquei muito deprimida na adolescência. E quase... aconteceu. E por meio da religião, da religião católica, muito novinha... (...) Meu ídolo na adolescência era Jesus Cristo. A igreja católica era a minha casa. E ainda bem que eu estive lá, porque senão eu não estaria aqui falando com vocês: eu teria me matado. Com o passar do tempo, aquilo serviu por um bom tempo, fui me reconstituindo, enfim alguém me ama, aquele papo da igreja, muito bom. Só que daí chegou uma época que não dava... eu preciso ter alguém. E o discurso religioso, eu era daquela facção católica carismática, que é muito alegre, mas que também é um lado extremamente conservador da igreja. E tinha aquele padre Jonas Habib, da Canção Nova, que eu lembro que um dia, num estádio grande que tem lá no [nome do estado], ele pregava e ele pedia pra que você pedisse pra Deus curar o seu homossexualismo, né? (...) E ele falava, aquilo “é uma doença e Deus pode te curar”, e aquilo me consumia e eu chorava, e pedia...

Já Priscila e Carla relatam que a religião católica não trouxe peso para a vivência da homossexualidade, que não interferiu, ainda que tivessem outras dificuldades com o catolicismo:

Priscila – (...) Eu acho que a religião só acontece quando existe muita... muitos atentados às torres gêmeas, aí fica todo mundo rezando. Quando existe uma ameaça, quando a gente está com algum problema gravíssimo. Quer dizer, eu estou vendo a sociedade, eu não estou falando de mim, porque eu

tenho a minha religião, porque eu estudei em escola católica a minha vida inteira, e na hora do lanche eu ia pra capela, tomava meu lanche olhando pra imagem de Nossa Senhora, de Jesus, e eu nunca me senti bem. Apesar de saber os evangelhos todos, de cabo a rabo, o Novo Testamento, o Velho Testamento. Aliás, o Velho Testamento é um horror, porque ele é machista, ele é aquele Deus que pune... (...) Vingativo, que te leva pro inferno se você não andar na linha, ele vai... né? Mas eu nunca me preocupei; eu sempre senti atração, mesmo lá dentro da escola, do colégio, por meninas, e eu não achava que Deus ia jogar um raio e ia me castigar. Eu não sentia isso.

Priscila relata que mudou de religião, agora é espírita praticante. Carla ainda se considera católica, mas conta que a Igreja católica teve papel importante na perseguição que seu pai sofreu em seu país natal, o que fez a família mudar para o Brasil. Em relação à sua homossexualidade, porém, sente que a religião não teve maiores conseqüências, mas atribui isso ao posicionamento político-ideológico de seu pai (de esquerda) e pela aceitação que ele teve em relação à homossexualidade dela:

Passagem 1

Carla – Agora, a religião na Europa, principalmente a Itália, Espanha e Portugal, ela era muito rigorosa, era pior do que hoje é aqui também, mas felizmente eu nasci numa família que era totalmente de esquerda e que a religião católica nos prejudicou muito, por isso que nós estamos aqui, a perseguição. Meu pai acabou ficando doente mental por culpa da religião, de abusos, nessa linha da perseguição, da religião. Então, ele faleceu jovem e nós viemos para cá. Bem na linha da perseguição e inquisição.

Passagem 2

Carla – Com agravante, que é muito importante....Meu pai havia sido seminarista. Naquela época, só se aceitava a religião católica. Mas diante dos acontecimentos com o meu pai, a história dele, de seminário, de política, de ser de esquerda, nós passamos a ser católicos não-praticantes, até hoje. Somos cristãos, assim que nos chamamos; nunca, ninguém da família optou por outra religião, porque foi muito forte a nossa questão com os padres, com a Igreja Católica lá. Então, não teve dificuldades porque não freqüentamos, e também porque não pudemos ter outra religião. Tivemos a formação cristã, e ponto. As crianças são batizadas, o casamento existe... quando quer, também. Eu tenho um irmão que tem cinco filhos e não batizou até hoje. Mas quando chega no casamento e o papel, eles exigem o papel do batismo. E o que nós fazíamos? Havia um padre [nacionalidade], também

revolucionário, que dava o papel e não batizava coisa nenhuma. Eu não tive dificuldade com a religião, primeiro pela formação do meu pai, muito boa, e eu também sempre fui muito tranqüila, consegui seguir o caminho que eu queria.

Passagem 3

Carla – Essa dúvida, que não era uma dúvida, era uma definição, foi o que eu coloquei para o meu pai. Definiu e não tem nada a ver com religião, não interferiu em nada e... A família faz parte.

Vilma, como Joana, relata que a religião teve um papel positivo em sua vida, pois colaborou para restabelecer os laços familiares, especialmente com sua mãe, que ficara muito abalada e não aceitava a homossexualidade da filha. Vilma conta que seus pais eram católicos à época, mas que depois que entraram na religião messiânica conseguiram encontrar o ponto de equilíbrio que permitiu reatar a relação com sua mãe.

Vilma – (...) Já minha mãe foi o inverso. Tivemos conflitos terríveis, de coisas sérias, ela me bateu, me colocou fora de casa; passei por momentos muito difíceis com a minha mãe. E graças à religião, a gente conseguiu reestruturar a nossa família, mas não a religião católica, a religião messiânica. A igreja messiânica, foi através do jehrei que a gente conseguiu reencontrar a harmonia e o equilíbrio dentro de casa. (...)

Sônia – que contou não ter tido nenhuma afinidade com a homossexualidade até os vinte anos (quando teve seu primeiro relacionamento) –, relata:

Sônia – Eu por muito tempo fui católica. Da mesma maneira que um livro te influenciou [para Mariana], um livro também me influenciou, não pra eu ser homossexual, mas pra deixar de ser católica. Eu acho que a religião é usada de uma forma manipuladora, ou seja, é usada quando é conveniente, de forma conveniente.

Nos dois grupos, a religião foi apontada como positiva – o que apareceu mais no grupo das mulheres –, por ser fornecedora de valores morais, por

poder funcionar como uma espécie de controle para a barbárie humana, por permitir o pertencimento a uma comunidade, e por permitir o desenvolvimento da espiritualidade:

Grupo dos homens:

Passagem 1

Tom – Pra mim, é importante poder estar dentro da Igreja e me sentir tranqüilo, à vontade. Eu vou na igreja para cultivar a minha espiritualidade, mas é importante que o preconceito não interfira nisso.

Grupo das mulheres:

Passagem 1

Joana – (...) Acho que as religiões são válidas; eu não estaria viva se não fosse a religião na minha vida. Não me serve hoje, mas serve para muita gente. Se a pessoa vai ser preconceituosa, ou com outra religião, ou com o homossexual, e se não fosse assim ela estaria estripando ou matando pessoas, então que seja. Se esta é a sua camisa-de-força pra você não fazer mais mal a você – no meu caso e no caso de muita gente – ou ao outro, que seja daquela religião, se é isso que te contém. Mas se você puder ir além disso, saber que esse é um pensamento que serve em muitas coisas, que nem cabe em uma caixinha, sempre vai sobrar um braço inteiro, ou dedo, não sei, ninguém se enquadra em todas as regras.

Passagem 2

Priscila – (...) Eu concordo com ela quando ela fala que a religião é um grande freio para a humanidade. Eu tenho um lado espiritual muito forte, e eu acredito que muita coisa que eu não fiz na minha vida foi por eu parar, pensar e achar uma solução espiritual. Não dá para explicar o que é espiritualidade. Eu me sinto como o Criador também, eu faço parte disso. Eu sou filha Dele e posso tanto quanto Ele. (...)

A religião também foi vista como negativa – e de forma parecida em ambos os grupos –, como passível de manipulação para o exercício de poder e de controle sobre determinadas pessoas. Nesse sentido, foi apontada como hipócrita por várias pessoas, em diversos momentos da discussão:

Grupo dos homens:

Passagem 1

Márcio – Eu acho triste porque a massa, que não pensa, ela vai, de alguma forma, seguir esse pensamento dogmático, no caso o que um líder religioso vai dizer. Vai seguir de alguma forma, pode ser uma forma tímida, mas vai seguir.

Passagem 2

Pedro – A Igreja, muito hipócrita, fala, “ah, não, isso não pode, aquilo não pode”. E como você vai trazer, porque eu acho que o objetivo é congregar, sabe? Como você consegue essa reunião?

Passagem 3

Élio – Eu tenho muito receio dessa profusão católica ou religiosa radical no sentido das agressões; é meu grande medo (...)

Passagem 4

Tom – Eu não estou dizendo que a Igreja é boa, não estou dizendo que a Igreja não é homofóbica, muito pelo contrário. A Igreja é muito homofóbica; concordo com tudo o que você disse. Mas pra mim, a questão é outra, a questão é que a religião está inserida em algo mais amplo, ela não está sozinha nisso, né?

Passagem 5

Nico – A religião é para o povo, né? Se o papa disser que a homossexualidade quebra a castidade e é uma prostituição, noventa e nove por cento das pessoas vai aceitar isso como um dogma.

Grupo das mulheres:

Passagem 1

Sônia – O que ninguém fala, o que ninguém argumenta, usam tanto a Bíblia, o livro dos livros, como argumentação, e o que

ninguém argumenta é que, na Antiguidade, na época dos fatos bíblicos, era muito mais comum o homossexualismo, tanto o masculino, como o feminino, do que atualmente. Isso, ninguém usa como argumento; era comum. Os grandes homens da história tinham um protegido...

Passagem 2

Vilma – Principalmente, também, porque tem umas coisas da religião... essa semana eu estava vendo um padre pedófilo, um dos casos, porque é uma coisa gritante. Eu tive a oportunidade de conviver com um padre que era gay e no lugar onde ele morava, a igreja, tal, praticamente todos eram. No começo, ele fazia as coisas escondido da gente. Ele dançava no mesmo grupo que eu, lá em [nome da cidade]. Depois, ele não agüentou, ele foi soltando a franga, soltando a franga, de uma maneira absurda, e continuou padre, ele namorava outro padre. Quer dizer, é uma hipocrisia o que eles cobram da gente. Eles não aceitam o que está aí, o que está na vida, o que é atual e acontece com todo mundo. Essa coisa da pedofilia mesmo, eles escondem, e os padres não são julgados, não são condenados, vão todos lá pro Vaticano ficar embaixo da saia do Papa.

Joana – O Ratzinger foi campeão nisso, nos Estados Unidos, de esconder todos os casos de pedofilia...

Passagem 3

Sônia – Que é uma pessoa destacadíssima na Igreja Católica. Eu acho que a religião, mais uma vez eu reforço isso, eu tenho isso muito interiorizado, eu acho que a religião é usada... eu fui criada assim, minha avó era mãe-de-santo, minha avó paterna; minha avó materna era católica apostólica, baiana, convictíssima, tanto que quando alguém morria, chamavam ela, e não o padre, para dar a extrema-unção, de madrugada. A minha mãe, a princípio, era de Candomblé e agora é desse catolicismo carismático, que é radical. Todo mundo sabe que existem padres gays, freiras lésbicas, e que a Igreja encobre. (...) Todo mundo sabe que é só você ir numa igreja Universal que eles tiram o demônio do seu corpo, porque o homossexualismo é um demônio, é um espírito, né?, então todo mundo sabe disso. (...) Todo mundo sabe que a maioria dos pais-de-santo, os baianos principalmente, é homossexual. São questões... manipuladoras. O católico, a grande maioria, não é praticante. Todo brasileiro nasce e é batizado na Igreja Católica, mas pergunta se ele frequenta, se ele segue os dogmas. Não segue, mas na hora de falar “não, é contra a Igreja”, aí lembra que é católico. Na minha criação, eu tive influência de tudo quanto foi religião, e o que pesou foi hoje não ter religião por não acreditar na estrutura da religião, seja ela qual for, porque eu acho que todas elas deixam a desejar.

Passagem 4

Mariana – (...) E aí eu não conseguia me adequar às religiões e, pela formação acadêmica, a gente começa a estudar um pouco mais, a ser mais crítico e a observar muitas coisas. Você vê o contexto histórico de quando foram concebidas as religiões, que as coisas não se adequam e que muita coisa é colocada para tolher certos comportamentos, então eu não consigo ir a igreja nenhuma, mas já tive fase de ir em todas. Já botaram a mão na minha cabeça na Universal me chamando de demônio e eu rindo, porque tudo eu dou risada. [risos]

Passagem 5

Mariana – Eu sempre vejo religião assim; no geral, independente da homossexualidade, como um limitador do ser humano. A religião é algo que vai limitar até onde o ser humano vai. O que não se enquadra nisso, ou tenta fugir disso, começa a ver diferente ou a se desvirtuar pra eles.

Passagem 6

Vilma – (...) É para manter o controle, é para dizer, “você é doente e você precisa de mim. Você tem que continuar me dando dinheiro, você tem que continuar freqüentando a minha igreja, você tem que continuar pensando dessa forma, porque se você parar de fazer isso, eu estou ferrado”. Eu não tenho mais vida, vou fazer o quê?

Outra questão que foi bastante debatida em ambos os grupos foi se a condenação da homossexualidade ocorre da mesma maneira nas diversas religiões. O consenso foi de que há preconceito na maioria das religiões, mesmo que ele seja velado:

Grupo dos homens:

Passagem 1

Élio – Uma coisa que me ajudou muito, que eu tenho certeza que foi uma grande investida na minha jornada rumo ao ateísmo, (...) Porque não é natural, pelo menos até onde eu sei, eu tenho amigos judeus, candomblecistas, católicos, protestantes, e eles não lidam com isso abertamente, tranquilamente nos lugares que eles freqüentam. Até porque os livros que regem essas religiões não dão abertura.

Passagem 2

Nico – Então, é como eu estou dizendo para você. No catolicismo, a homofobia é intensa; nos ortodoxos, também. Nos protestantes também é intensa, entre os pentecostais também é intensa. Pode existir alguma igreja anglicana, ou alguma igreja evangélica reformadora que não tenha, como existem sinagogas. Eu posso dizer, com toda a segurança, em nome do budismo, que não existe no Dharma, nos dezessete volumes das escrituras de Buda, uma menção negativa à homossexualidade. (...) E o Dalai Lama, que é um safado, inventou que o homossexualismo era crime para agradar o papa João Paulo II, pra puxar o saco dele.

Grupo das mulheres:

Passagem 1

Vilma – Na Messiânica, eu sinto que tem... em alguns johreis que eu fui, tem liberdade total, não em relação a receber, a ministrar, a virar um messiânico, isso é liberado para qualquer ser humano. Mas entre os ministros, dependendo de algum lugar, eu já senti. Eles não falam diretamente, porque eles sabem da responsabilidade da função deles, mas o sentimento deles, quanto homens, seres humanos, esquecendo o ministro, eles deixam passar. Eu já senti isso. Eu conversei com um ministro uma vez, que ele me falou, “Deus criou função pra todo tipo de ser humano, todo tipo de gente”. Ele falou isso, mas foi engasgado. Saiu da boca dele, mas foi engasgado. Como eu já conversei com outros ministros que falaram, “Vilma, isso é coisa natural, não é nenhum bicho de sete cabeças, você não é doente”. (...) A religião é feita por homens; às vezes... no Espiritismo, no Candomblé, você teve dificuldade. (...) Foi uma confusão. Então, é feita por homens. Uma hora, mais a frente ou mais atrás, eles vão colocar os sentimentos deles e o que eles realmente pensam, a formação deles enquanto ser humano.

Passagem 2

Joana – Exato. Eu acho que, os papéis... mesmo nos terreiros, eu não acho que os terreiros são mais liberais do que as igrejas, eu acho que depende de quem está à frente. Não é porque o padre, ou o pai-de-santo, a mãe-de-santo é homossexual que vai aceitar melhor, muito pelo contrário, pode inclusive ser mais castrador do que se fosse outra pessoa.

Mas também se reconheceu, em ambos os grupos, que as religiões judaico-cristãs são, na realidade brasileira, as que condenam a homossexualidade mais explicitamente – o catolicismo de forma especial, não somente por sua condenação explícita à homossexualidade, mas especialmente por sua influência ser muito grande na cultura brasileira:

Grupo dos homens:

Passagem 1

Tom – Eu quero falar. Eu fui batizado católico, mas numa família não praticante, nunca me levaram para a Igreja e meu pai é bastante anti-clerical. Acho que é difícil, qualquer que seja a religião da gente, eu sou [nacionalidade], que é um país católico; o Brasil também é um país de maioria católica. Então, nesses nossos países, acho que é difícil não ser influenciado pelos moldes cristãos que são os que existem, mesmo se a gente tem uma outra religião, permeiam a nossa própria cultura. Então, ahn... eu acho que isso é importante colocar: mesmo sem estar dentro da Igreja, mesmo sendo ateu, naquela época eu tinha uma revolta muito grande.

Passagem 2

Nico – (...)O catolicismo é muito presente no Brasil e isso me desagradava. Eu morei na Europa, tentei fugir do Brasil de todas as formas, morei na Holanda, entendeu, onde o catolicismo não tem presença, tem o protestantismo, mas é uma relação diferente com a religião, que eles têm. Não é tão presente, não influencia tanto a sociedade, me parece. Eeeee... eu vim de um catolicismo muito presente, em toda parte, na tv, as pessoas falando, o jeito que elas falam. Mas como eu sou budista, é meu local de refúgio, eu vou na casa budista e me sinto muito bem, sinto que não sou julgado, entendeu?, e sinto que tem um monte de gay, sapataria, tem tudo lá, bicharada de monte, entendeu?, em todas as casas budistas que eu vou, é muito presente o gay, porque os gays imigram para o kardecismo, para o candomblé, ou para o budismo.

Passagem 3

Tom – (...) Eu me sinto ofendido sim, por essas declarações. Eu não quero nunca deixar de me sentir ofendido quando vem alguém, principalmente do porte do papa, com uma responsabilidade enorme por estar no lugar em que ele está, independentemente de eu me considerar católico ou não, independentemente de eu reconhecer ele como eventualmente o meu líder espiritual, mas é alguém que aqui no Brasil tem uma influência enorme, tem uma responsabilidade enorme, querendo ou não. Então, eu me

sinto ofendido, porque eu sou gay, e se ele diz que eu sou objetivamente desordenado. Todo esse discurso da paixão que não é natural, o hedonismo materialista e todo esse discurso que o papa trouxe nessa visita, do hedonismo materialista, é um discurso que me ofende. Ele está dizendo que eu sou uma espécie de animal descontrolado, que tenho umas pulsões erradas, coitado de mim, e que não sou capaz de controlá-las. Quem não se sentiria ofendido por uma coisa dessa?

Grupo das mulheres:

Vilma – Pronto. Eu fui batizar o meu afilhado numa igreja lá em [nome do bairro], bairro de [nome da cidade], e ele falava assim, com o microfone, eufórico, dentro da igreja, que nós, padrinhos, nós tínhamos que ter muito cuidado com os nossos afilhados. Porque não era só o compromisso de dar presente no natal, no dia das crianças, de aniversário. Precisava participar da educação direta dos afilhados, para que eles não virassem delinqüentes, homossexuais!

Um tema que gerou uma forte negociação de sentidos, especialmente, no grupo dos homens, é se a condenação à homossexualidade está ou não explicitada na Bíblia. No grupo das mulheres, essa alegação não chegou a gerar discussão. Tom, apoiado por Charles, considera que a condenação não é explícita, trata-se de uma interpretação, com o que não concordam Nico e Pedro:

Pedro – Na verdade, a Bíblia é uma grande forma, né? Então tudo o que as pessoas não queriam que acontecessem, os desvios que os próprios... porque na verdade a Bíblia que a gente conhece hoje, ela é toda escrita pela mão do homem. Se houve algo lá, isso passou por traduções e traduções e o Tom está aqui pra não me deixar mentir, como tradutor a gente pode mexer como a gente quer. No texto de chegada, quem manda é a gente. A gente faz o que a gente quer. E foi isso que aconteceu no caso da Bíblia. Então, tudo o que era incômodo foi retirado, ou colocado para que a sociedade fosse moldada do jeito que a gente conhece hoje.

Tom – Só que você aí fala da Bíblia e é muito interessante, porque se você ler a Bíblia com o mínimo de desprendimento, onde é que ela diz que a homossexualidade está errada?

Pedro – Sodoma e Gomorra, os efeminados, os ladrões...

Nico – a Bíblia católica, pelo menos, está cheia de condenações.

Tom – Não, não é mesmo. Se você ler a Bíblia com o mínimo de desprendimento. E existem traduções que são decentes, em geral tradução... ela obedece um estudo filológico bastante válido, mesmo que tenha algumas coisa que de fato são.. ahn... modificadas. Mas... onde é que diz isso? É muito relativo, é muito pouco. As tábuas dos dez mandamentos, nenhum fala contra a homossexualidade.

[Alguém] fala sobre Sodoma e Gomorra.

Tom – Não, de jeito nenhum. Não, muitas interpretações modernas sobre Sodoma e Gomorra dizem que não tem nada a ver com a homossexualidade. Se você for ler a Bíblia, que é um livro enorme, cheio de conteúdos, muitas vezes contraditórios, se você for olhar os pormenores. E... e pelo amor de deus, A Bíblia tem quatro evangelhos; isso não nos diz que a gente tenha um olhar pela diversidade? Isso não nos diz que a Bíblia ela não é um receituário pronto, que vai nos dizer coisas prontinhas, né? Precisa uma certa capacidade de discernimento. Ela mesma nos traz uma idéia de diversos pontos de vista, e de diversidade. Mas o que eu quero dizer é que se... se... se você for um alienígena e levar uma Bíblia para o seu planeta, muito dificilmente vai dizer “Ah, esse povo condenava a homossexualidade”.

Pedro – Você está falando de uma forma esclarecida, mas se você pega um fundamentalista...

Tom – Claro, mas... esse fundamentalismo, o que ele faz? Pela moda dos tempos, antigamente, a religião era um mesmo refúgio pra quem era homossexual, porque o preconceito não encontrava ele na religião, encontrava ele em outros lugares. Não estou dizendo agora que a religião não tenha nada a ver com o preconceito, mas eu acho que é uma questão mais ampla do que isso. Não dá para acreditar que esse pessoal pegou a Bíblia e falou “Ah, por causa disso, vamos ser contra a homossexualidade e vamos ter preconceito”. É impossível isso.

A afirmação de Tom de que o preconceito contra a homossexualidade não advém da religião gerou forte controvérsia e o mesmo assunto foi debatido muito intensamente pelos homens:

Grupo dos homens:

Passagem 1

Tom – Então acho que aí tem alguma outra coisa que está em jogo. O que eu quero dizer com isso, é até que ponto é a

religião, que vem com esses padrões e essas idéias, e traz esses preconceitos, até que ponto esse preconceito ele está aí, exatamente onde eu não saberia dizer, e ele usa a religião também como caminho para se manifestar e para influir na sociedade. E as pessoas fazem isso com muita frequência. Num desses programas bestas do meio dia, na televisão, “você é a favor ou contra a adoção por homossexuais?”, e entrevistavam pessoas na rua, no centro de São Paulo. Aliás, as pessoas me surpreenderam mais pela abertura que elas tinham, do que pela matéria. Um cara falou lá “eu, por mim, tudo bem, mas a religião não permite, né?”. Ou seja, na verdade, ele tinha tudo contra, só não queria pôr cu o dele na reta. Então, é muito cômodo usar a religião.

Passagem 2

Angela – Parece que o que ele está colocando, a própria sociedade se refugia num ideário religioso. Ela usa esse anteparo.

Nico – Então, o preconceito está na sociedade, é isso?

Tom – Eu acho que a religião faz parte da sociedade; então, não dá para dividir as coisas assim. A religião é a grande inocente da questão que só é usada pelos outros, não. É tudo parte de um processo, de um processo maior. Pra mim, não dá para apontar o dedo para a religião, para os modelos judaico-cristãos, e dizer, é de lá que vem tudo, é por causa disso que existe o preconceito. Eu não acredito nisso de jeito nenhum.

Nico – Tom, eu acho que você participa de uma igreja anglicana progressista, que é muito bacana e tudo o mais e que é excepcional dentro da cristandade. (...) Daí, eu falo, pode até ser, mas a impressão que a gente tem hoje, nos últimos séculos, é que é (...) extremamente homofóbica. Então o que está valendo é a posição da maioria. (...)

Élio – Ele é que passa a leitura que é feita da Bíblia. Que eu saiba, é o Papa, que é o primaz da Igreja católica. Pode ser que a leitura culta seja como você falou, mas que o papa prega...

Passagem 3

Nico – É que você encontrou uma igreja bacana, mas ela é minoritária.

Tom – Eu não estou dizendo que a Igreja é boa, não estou dizendo que a Igreja não é homofóbica, muito pelo contrário. A Igreja é muito homofóbica; concordo com tudo o que você disse. Mas pra mim, a questão é outra, a questão é que a religião está inserida em algo mais amplo, ela não está sozinha nisso, né?

Nico – Mas aí é que ta, você pode acreditar em Jesus, você pode dar uma interpretação moderna do cristianismo,

entendeu?, como você está fazendo, legal, entendeu? Mas existe no escopo do catolicismo mais antigo uma homofobia intensa. Os ortodoxos, por exemplo, são homofóbicos.

Charles – Eu não concordo com essa posição sua, também. Eu acredito que a... dentro do catolicismo existe essa interpretação que o Tom está fazendo; eu fiz essa interpretação desde a primeira vez que eu li a Bíblia. E li muitas vezes, buscando esses entendimentos e esses esclarecimentos. Em nenhum lugar também ficou para mim claro, óbvio, que a gente tem uma formação de como interpretar o texto, né? Em nenhum lugar que fique marcado isso como você está comentando. Aí, fica a questão: o que vem primeiro? O preconceito nasce da religião, ou a religião nasce do preconceito?

[Alguém] – mas as duas coisas estão misturadas...

Charles – Também dizer que o preconceito nasce do catolicismo... bom, aí mistura catolicismo com cristianismo e não dá pra desatar o nó.

A questão do preconceito contra a homossexualidade ter origem religiosa também não foi unanimidade no grupo das mulheres:

Passagem 1

Joana – Eu acho que uma coisa influencia a outra; é uma via de mão dupla. Porque se tinha algo a respeito do cristianismo, as pessoas quiseram comprar aquilo. Se aquilo não ressoasse nas pessoas, eu acho que elas não iriam comprar a idéia.

Mariana – Eu penso diferente. No meu caso, eu acho que todas essas palavras que nós colocamos é o que cada um, em algum momento da vida, sentiu: o preconceito, a invisibilidade, a ignorância, a discriminação, perseguição, passatempo, qualquer coisa. Isso, pra mim, sempre teve mais peso pela formação religiosa da minha família, que é Testemunha de Jeová. E eu sou lésbica, assumida agora, dentro de casa. E é complicado. Primeiro, todas essas coisas que eu já senti, e algumas que ainda permeiam, foi pela semente religiosa. No momento que eu começo a ver a religião de uma outra forma, eu começo a me desvincular disso tudo, de achar que não é preconceito, que não é safadeza, que não é patologia, que eu não sou ignorante. Então, pra mim, a religião veio primeiro. Até se a gente olha na história das religiões, de onde vem, “o que você está fazendo é de Sodoma e Gomorra”, vem da religião primeiro (...).

Vilma – Mas eu acho também que a religião é feita pelos homens; os homens de uma sociedade. Eu acho que é mão dupla, também. Não dá pra falar que um veio primeiro e o outro veio depois. Além da aceitação, essa religião é feita por eles também.

Joana – Quando ela perguntou, eu imaginei, tipo lá, Jesus Cristo nasceu e começou a ficar conhecido, e aquelas coisas que vêm se arrastando até hoje. Não era hoje, a gente, assim. É um caldeirão de lá até cá e o quê que perdura, e um monte de coisa não perdura. Nesse sentido que você falou agora, concordo, é pessoal.

Sônia – Geralmente, quem discrimina, eu sempre tento pensar comparando, o nosso contexto, a nossa cultura do nosso país, com o contexto exterior ao nosso país. A nossa cultura é bem focada nessa coisa: a mulher, independente de qualquer coisa, ela está um degrau, pelo menos, abaixo do homem. Eu chamo de hipocrisia, da falsa religiosidade. Um dos argumentos que a gente mais ouve, pelo menos o que eu mais ouvi, é que é contra a natureza, que Deus fez o homem e a mulher. Então, não deixa de ter um foco religioso. O preconceito, pelo menos, não deixa de ter um foco religioso.

O que ficou claramente marcado nessa discussão foi que, independentemente de a religião católica ser a “causadora” ou não do preconceito em relação à homossexualidade, houve consenso de que as pessoas se utilizam da religião para justificar ou legitimar seus próprios preconceitos.

A base alegada para a condenação católica apareceu nos dois grupos, girando em torno de a homossexualidade ser contra a natureza, como aparece na fala de Sônia logo acima, e da procriação, que para os homens também aparece também em relação ao uso de preservativo:

Passagem 1

Tom – Ou fala que é contra a natureza, que o sexo é pra reprodução, né?

Passagem 2:

Márcio – É igual à camisinha...

Élio – Exatamente, as pessoas vêm que não dá para viver sem a camisinha

Pedro – Essa foi a pergunta no debate da MTV. O Cazé⁵² disse que o discurso do Ratzinger é esse, não pode usar a

⁵² Pedro, neste trecho, refere-se ao programa “Dá pra ser gay e católico?”, transmitido no dia oito de maio de 2007 pela emissora MTV, apresentado por Cazé Peçanha. A emissora convidou homossexuais e representantes católicos/as para discutir o tema, aproveitando a vinda do Papa ao Brasil para abordar o tema.

camisinha, não pode porque, né, não pode. E o Case perguntou pra menina lá, a xiita: “Escuta, então você vai deixar os seus adolescentes pegarem aids, doenças venéreas, tudo o mais, ou você libera o uso de camisinha?”, “Eu não vou proibir”. “Então você é progressista, você vai ser excomungada.” Como ela lidou com isso? Ela usou de mil artifícios para fugir daquela questão. Ela caiu em contradição. “Tá, você fala que não vão usar camisinha, ok, mas vão pegar uma doença venérea?”

Passagem 3:

Charles – (...) Eu acho que o casamento, o heterossexualismo, ele tinha um fundamento, quando foi imposto pela igreja, que era as pessoas se multiplicarem, para a humanidade proliferar etc. Hoje, o mundo não precisa mais disso; é ecologicamente incorreto ter filhos, é um ponto de vista meu. E acho que novas religiões devem surgir rapidamente, porque todas as religiões que estão aí... ehh... na raiz, elas não atendem mais às necessidades da sociedade.

Um dado importante que emerge de ambos os grupos: quase todas as pessoas mudaram de religião ou deixaram de ter religião, com exceção de Carla e Eulálio, que continuam se considerando católicos. Mariana e Sônia relatam uma socialização em famílias que tinham uma religiosidade bastante sincrética, mas com o catolicismo como base. Todos/as os/as demais, foram pelo menos batizados/as no catolicismo, com maior ou menor participação da família na religião. Atualmente, Élio, Márcio, Sônia, Joana e Mariana não têm religião. Vilma é messiânica. Charles se considera interessado no xamanismo. Nico é budista. Pedro se interessa pelo Candomblé. Tom é anglicano. Priscila é espírita praticante. Essa informação está em consonância com o que detectou a pesquisa *Violência e Homossexualidade – Pesquisa 9ª Parada de Orgulho GLBT – São Paulo 2005*, a que nos referimos no capítulo 3. Se cerca de 73% da população brasileira se declara católica, entre os/as participantes da pesquisa, apenas 28,5% agora se declaram católicos/as. Se 7,4% da população se declara sem religião, essa porcentagem chega a 40% entre os/as participantes daquela pesquisa. Não faremos a porcentagem relativa aos grupos focais, porque o tamanho da amostra não nos permite, mas vemos que o trânsito e/ou abandono da religião é similar.

Esse dado também está em conformidade com o que alega Duarte (2005 e 2006b) sobre a pertença religiosa poder ser considerada uma escolha

peçoal, bastante moldada pelo *ethos* privado (em conformidade com o espírito individualista da modernidade) e possibilitada pela condição laica do Estado brasileiro, assunto que apareceu no grupo dos homens:

Passagem 1

Nico – Só uma coisa que eu acho interessante falar. Eu não gosto do [presidente] Lula, mas eu admiro o que ele falou, que o Estado é laico, aí pro Bento XVI.

Passagem 2

Charles – Então eu acredito que o discurso do papa, a negação do presidente de fazer que tenha curso religioso nas escolas e uma série de coisas acaba trazendo também mais reflexões na sociedade, para o seio da sociedade (...)

A maioria dos/das participantes dos grupos não está mais em sua religião de atribuição, mas em uma nova, de aquisição. Ou em nenhuma. No caso dos grupos focais, parece que catolicismo não apenas deixa de atender às necessidades espirituais de homossexuais católicos/as, mas os repele pela rejeição, pelo preconceito e pela discriminação:

Grupo das mulheres:

Passagem 1

Sônia – Eu acho que se a gente for observar aqui na mesa, todo mundo mudou a estrutura de pensamento com relação à religião, em algum momento da vida todo mundo mudou.

Passagem 2

Joana – Hoje eu não sou mais católica, saí da igreja por conta disso, por conta do desrespeito à sexualidade das pessoas, porque eles mentiam. Você pegava cientificamente algumas coisas que eram erradas. Se existem os dogmas, tudo bem. Ontem eu estava lendo um artigo que falava sobre camisinha e Igreja Católica, o cara estava explicando que pode ter o posicionamento, tudo bem, mas não pode mentir a respeito da ciência. E o que o Jonas Habib fazia era mentir a respeito da ciência, porque já tinha saído do CID que era doença etc e tal. E também saí da Igreja Católica pelo desrespeito às outras religiões, como sendo a única igreja verdadeira, feita por Cristo. Eu não acho que Deus é besta, que Deus é bobo, Deus é burro, porque se as pessoas têm religiões diferentes, acreditam num Deus, e Deus pode chegar no coração das pessoas, se ele existe, à maneira dele. Então, não é da

maneira que ele chega em mim, que ele vai chegar em você. Pode ter religiões diferentes.

Passagem 3

Mariana – E eu não consegui me adequar a religião nenhuma. Acredito em Deus, mas numa forma diferente.

Passagem 4

Priscila – Católico, é. Mas na minha adolescência, eu comecei a ver vultos, aconteceu um monte de coisa muito louca e eu pensei, bom, vou me educar pra isso, e fui para o centro espírita. E até hoje eu sou espírita, e espírita praticante mesmo, aqui em São Paulo eu vou na Federação Espírita. E eles caminharam para isso também, eles se tornaram espíritas. O meu pai falou uma vez pra mim “olha, você é petista, você é lésbica, você é espírita...” Sabe?

Passagem 5

Carla – Eu não tenho muita experiência também quanto à prática religiosa. (...) Agora, eu, como eu não tenho tanto a oportunidade de freqüentar, de ter esses contatos, eu fico na observação dessas religiões na televisão, ou às vezes vou a palestras sobre o budismo e do espiritismo, porque eu me interessou. O que eu vejo na televisão é o ataque, a denúncia e a condenação do homossexualismo.

Passagem 6

Vilma – (...) E graças à religião, a gente conseguiu reestruturar a nossa família, mas não a religião católica, a religião messiânica. (...)

Grupo dos homens:

Passagem 1

Márcio – E aí foi o momento parecido com o que o Élio teve na infância dele, que eu falei, “não quero mais religião”. Se demonstrou de uma forma até física: a minha indigestão com a religião e incompatibilidade de me adaptar àquela religião cristã. Foi uma separação assim...

Eulálio – Litigiosa!

Márcio – É.

Passagem 2

Nico – Pra mim, é difícil alguém ser gay e aceitar ser católico.

Passagem 3

Tom – (...) Eu sou anglicano, mas tenho uma perspectiva muito ecumênica e inter-religiosa, então, não é que não me considero mais católico, faz parte do que eu sou, mas a igreja que eu vou é a Igreja Anglicana. (...)

Passagem 4

Élio – (...) Eu não consigo, pra mim as coisas não se combinam, eu ser homossexual e participar de alguma manifestação religiosa, nos moldes em que essas religiões são postas.

Com isso, encerramos o presente capítulo, em que analisamos o material empírico obtido por meio dos grupos focais. No percurso da análise, encontramos alguns elementos que nos permitirão tecer, mais adiante, algumas considerações sobre as questões que nortearam todo o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao final do presente trabalho, voltaremos aos resultados obtidos nos capítulos anteriores, buscando sobretudo responder às indagações que nos motivaram para a realização desta pesquisa: de que forma a religião católica influencia na construção da auto-imagem de gays e lésbicas? Como essa imagem é construída? Existem diferenças para gays e lésbicas nessa construção? Se existir, ela é dada pelas questões de gênero que atravessam o catolicismo?

Por meio das discussões, tanto em nível teórico, quanto empírico, foi possível evidenciar que a auto-imagem de gays e lésbicas está atravessada pela identidade homossexual. Essa identidade, imposta socialmente como uma essência, é deteriorada, estigmatizada e marca negativamente a percepção que homossexuais fazem de si mesmos/as.

Os/as participantes do grupo mostram que, ainda que racionalmente aceitem mais tranquilamente a própria homossexualidade, a identidade homossexual, por ser fixada como essência, é vivida como claustrofóbica, na medida em que conforma a maneira como se vêem e como são vistos/as pela sociedade, portanto interferindo nas relações que estabelecem, já que são desqualificados/as como pessoas. Podemos notar que alguns/algumas participantes dos grupos focais estão em luta constante para defender-se das identidades que não escolheram (BAUMAN, 2005), reivindicando o direito de se mover com liberdade, de transitar sem serem obrigados/as a corresponder aos estereótipos que os/as antecedem.

O repertório social acerca da homossexualidade é repleto de estereótipos negativos, o que é confirmado pelos/as gays e lésbicas que colaboraram na pesquisa. Pelo fato de o afeto do preconceito ser a fé, que não se “rende” à razão mesmo que os fatos demonstrem que os estereótipos não se coadunam com o que é percebido na vida cotidiana (HELLER, 2004), eles permanecem intactos. Esse é o caso de gays serem supostamente efeminados, passivos e promíscuos, e as lésbicas serem tidas como masculinizadas e agressivas.

Podemos dizer o mesmo da fixação, no imaginário social, da questão da homossexualidade como doença: como vimos na Introdução, a medicina e a psicologia não consideram mais a homossexualidade como doença ou desvio, mas ainda assim essa associação perdura, tanto quanto a associação de gays com aids. Mesmo os estereótipos supostamente positivos são vistos pelos/as participantes dos grupos focais como aprisionantes, pois se cria uma expectativa social em torno de comportamentos que não se relacionam com as pessoas “reais” e também podem funcionar numa chave desqualificadora, ou pelo menos toham a liberdade de escolha dessas pessoas.

Esse rol de atributos negativos circula na sociedade de forma bastante freqüente e intensa, antecedendo as pessoas que vão ser “encaixadas” neles. Assim, como vimos nos relatos de quase todos/as participantes dos grupos focais, pessoas homossexuais, de forma muito precoce, internalizam que poderão ser consideradas inadequadas, pecadoras, sujas, imorais, motivo de vergonha para a família e isso ocorre, como vimos, muitas vezes antes mesmo de sabermos o que é homossexualidade ou de sentirem atração por pessoa do “mesmo sexo”. Ou seja, muito cedo, mais ou menos no início da puberdade, elas percebem que têm de manter essa tendência à homossexualidade em segredo, o qual, se for revelado, as tornará pessoas “de segunda categoria”, com potencial para serem desacreditáveis (GOFFMAN, 1988).

O segredo, como mostra Marito Pecheny (2005), será fundante da identidade dessas pessoas: será preciso, daí por diante, “gerenciar” constantemente esse segredo – e todas as relações serão marcadas por essa tensa negociação. O mundo dessas pessoas, a partir dessa administração cotidiana do segredo, acaba se dividindo em três: seus pares homossexuais, as pessoas que sabem o segredo e aquelas que não sabem.

Vimos nos relatos como a inserção nesses mundos distintos é conflitiva e o gerenciamento do segredo é profundamente desgastante, trazendo consequências emocionais sérias, como instabilidade psicológica, depressão e risco maior de suicídio; e consequências práticas, para a vida cotidiana, de difícil administração, interferindo na inserção social, profissional e familiar. A dor e o sofrimento são muito presentes na vida dessas pessoas, mesmo quando a culpa e a vergonha se transformam em indignação e revolta.

Nesse sentido, vimos como, ainda que formalmente mais aceita atualmente, a homossexualidade continua sendo confinada ao espaço privado do casal, porque a sua exposição pública – especialmente a demonstração pública do afeto homossexual – não é tolerada socialmente, chegando a significar risco de agressão ou morte.

A descrição apontada por Pecheny (2005) será, então, uma das formas de se lidar com essa condição “desviante”. Essa descrição é mais valorizada pelos/as participantes com mais idade dos grupos focais do que pelas pessoas mais jovens, coincidindo talvez com o que Pecheny (2005) aponta como uma tendência a romperem-se as fronteiras entre os três mundos de inserção de homossexuais. De qualquer forma, isso se dá também por um imperativo de se “confessar”, como aponta Foucault, desde a implantação do dispositivo da sexualidade, superposto ao da aliança e à pastoral cristã.

Como vimos no capítulo 3 – e principalmente pelos relatos surgidos nos dois grupos focais –, o catolicismo contribui de forma significativa para a percepção negativa que homossexuais têm de si mesmos/as, não apenas por demarcar um campo de normalidade e legitimidade em relação à sexualidade, o que exclui gays e lésbicas, mas sobretudo pela internalização muito precoce das idéias de pecado, vergonha e culpa que os/as marcam fortemente.

Considerando a inegável importância da matriz católica na cultura brasileira, podemos afirmar que a condenação reiterada, pública e insistente que a Igreja católica vem fazendo da homossexualidade – não apenas no âmbito religioso, mas também pela interferência direta para impedir políticas públicas que garantam direitos civis a pessoas homossexuais –, contribui para reificar/repor os estereótipos negativos presentes no imaginário social relacionados às pessoas homossexuais.

A sexualidade vista como aceitável apenas para a procriação e dentro da família “legítima” (composta por pai, mãe e filhos), além da concepção de atos homossexuais como intrinsecamente desordenados e anti-naturais e que, por isso, não podem de forma nenhuma ser aprovados, são concepções católicas que talvez não gerem novos preconceitos, mas justificam e legitimam os preconceitos já existentes. Mais do que isso, naturalizam a homossexualidade e a reificam como uma essência, cooperando para a

construção da “forma” que aprisiona homossexuais em uma identidade fixa. Sobrepondo a esse quadro uma aura de sacralidade, a produção discursiva veiculada pelo catolicismo acerca da homossexualidade torna mais difíceis as negociações de sentido que (re)coloquem a homossexualidade no campo da normalidade e da legitimidade.

A principal estratégia utilizada pelo catolicismo para impor seus valores morais para a sociedade pressupõe um forte investimento na família, que, como vimos com Duarte (2006) e Machado (2006), é um *locus* privilegiado de transmissão e/ou socialização de valores e princípios religiosos. É nas famílias que os valores religiosos são inculcados nas gerações sucessoras, o que traz dupla dificuldade para homossexuais, como vimos muito claramente nos relatos dos/das participantes dos grupos focais.

Isso ocorre, em primeiro lugar, porque esses valores são internalizados desde a socialização primária e, de forma inconsciente, passam a compor a imagem que homossexuais farão de si como desviantes; em segundo lugar, a família deixa de funcionar como proteção e apoio às pessoas homossexuais estigmatizadas, como vimos com Pecheny (2005), suporte que lhes possibilitaria um reforço de auto-estima e lhes permitiria um enfrentamento, no sentido de resistência, em condição de igualdade com a sociedade mais ampla.

Pelo que nos mostram os/as colaboradores/as da pesquisa, a família se constitui, por esse investimento da religião, em um dos principais focos de dificuldade para a auto-aceitação, tanto pelo medo de rejeição e de isolamento, quanto pela vergonha e pela culpa. Não é à toa que as narrativas que encerram maior intensidade emocional e maior sofrimento são as que dizem respeito à percepção precoce da homossexualidade como pecado e à revelação da homossexualidade para a família.

Nesse sentido, a ideologia burguesa e o ideário católico, de forma bem coesa, entranham-se intensamente, pela forte valorização da procriação e pelo investimento na família nuclear – o que, para a burguesia, se deu como afirmação de classe, como mostram Foucault (2006) e Costa (1996). A desigualdade de gênero, como vimos nos capítulos anteriores, também encontra nessa “parceria” um campo fértil de enraizamento e reprodução e não é inócua para a percepção da homossexualidade como desqualificação.

Vimos, no capítulo 1, como a desigualdade de gênero e a homossexualidade foram biologizadas e essencializadas de forma homóloga. E no capítulo 3, vimos que a homossexualidade ganha, no âmbito do catolicismo, seu “quinhão” de desqualificação com base na desigualdade de gênero. Nos relatos dos grupos focais e no capítulo 2, podemos também perceber que a socialização de gênero marca de forma diferenciada as identidades sociais homossexuais masculina e feminina.

Dessa forma, gays são percebidos, no imaginário social, como efeminados, passivos e promíscuos. A sexualidade das lésbicas, entretanto, é invisibilizada e tida como “um mistério”, ainda mais porque, nas sociedades ocidentais, a sexualidade masculina é tida como referente, como mostra Swain (2006). E se, como vimos no capítulo 3, as interpretações bíblicas utilizadas para condenar a homossexualidade se baseiam nestas mesmas marcas de gênero, então podemos inferir que a Igreja católica contribui – a partir da desigualdade de gênero – na construção da identidade deteriorada e, portanto, da auto-imagem negativa de gays e lésbicas.

Também queremos evidenciar que, pelo sofrimento que a identidade homossexual impõe às pessoas que se vêem nessa condição, uma forma encontrada para se lidar com isso, como apareceu nos relatos, é pela negação. Ou se nega o próprio sofrimento, conforme vimos em algumas narrativas pungentes como as do Eulálio, ou se nega a religião que causa tamanho desconforto, como vimos no capítulo 3, o que ficou claramente evidenciado nas discussões dos grupos focais.

Precisamos observar, ainda, que não temos uma visão determinista sobre a forma como essa construção da identidade deteriorada de gays e lésbicas se dá na nossa sociedade, porque não a vemos como uma relação direta e unívoca de causas que determinam efeitos inescapáveis, que aprisionarão eternamente as pessoas homossexuais nessa condição. Vimos, nos capítulos anteriores, que essa identidade deteriorada cumpre uma função importante na economia dos controles dos corpos, do comportamento e da vida das pessoas – servindo à ideologia e à manutenção da ordem dominante –, que, como mostra Foucault (1990, 2006 e 2007), se dá pelo exercício do poder – e de um poder eminentemente masculino, como assinala Maria José Rosado-

Nunes (2005). Compartilhamos com o construcionismo e com a perspectiva foucaultiana a idéia de que o discurso institui – e não representa – a realidade e conforma modos de ser e estar no mundo, mas lembramos que isso ocorre de uma forma muito complexa e inclui as instituições, estratégias e mecanismos de que o poder se utiliza. Mas é necessário, sobretudo, lembrar que, como diz Foucault, onde há poder – e ele está em toda a parte – há resistência.

E é essa resistência que vemos anunciada nos relatos dos/as participantes dos grupos focais, que mostram o quanto não se submetem e não sucumbem à condição massacrante que lhes é imposta. Da forma como lhes é possível – e com todo o esforço, desgaste, sofrimento, e dor que isso implica – eles e elas vêm vivendo corajosamente a sua condição, construindo contra-discursos e (re)construindo formas de ser e estar no mundo que não são apenas reativas, mas são também transformadoras da sociedade. Seja da forma como for, reivindicado o direito de ser como todas as outras pessoas, ou se recusando vestir a camisa-de-força identitária, ou ainda assumindo-a para subvertê-la, esse homens e mulheres nos dão exemplo e a esperança de que um outro mundo – justo e igualitário – é possível.

Gostaríamos de encerrar com o que Tom mostrou, de forma tão bela quanto simples, na discussão do grupo focal:

Tom – (...) A Bíblia tem quatro evangelhos; isso não nos diz que a gente tenha um olhar pela diversidade? Isso não nos diz que a Bíblia, ela não é um receituário pronto, que vai nos dizer coisas prontinhas, né? Precisa uma certa capacidade de discernimento. Ela mesma nos traz uma idéia de diversos pontos de vista, e de diversidade.

Concordamos com ele: não há nada que justifique tamanha violência simbólica que, em pleno século XXI, ainda mantenha milhões de pessoas em sofrimento, pelo mundo todo, por mera intolerância e incapacidade de conviver

com a diversidade. Se todas e todos somos tão diferentes uns/umas dos outros/as, isso não pode ser motivo para tanta desigualdade.

E depois? Questões suscitadas pelo trabalho

O trabalho se encerra aqui, mas dele surgiram algumas questões que poderão, talvez, engendrar novas pesquisas. Em primeiro lugar, gostaria de elencar temas levantados nos grupos focais e que não puderam ser discutidos neste trabalho. Em ambos os grupos, há indícios de que as questões de classe e localidade são importantes para definir possibilidades de se viver a homossexualidade com mais ou menos liberdade. Outra questão surgida nos dois grupos e que não pudemos tratar aqui foi a superposição dos preconceitos relativos à raça/etnia e à homossexualidade. Se considerarmos que o racismo tem sido fundamentado pelo mesmo tipo de eugenia que criou, para pessoas negras, identidades fixas e contrapontos hierarquizados da mesma forma que ocorreu com as mulheres e homossexuais, fica aqui uma outra pista de um possível caminho para ser percorrido posteriormente.

Por fim, gostaria de levantar alguns questionamentos que surgiram das discussões teóricas e que também apontam para o futuro. Se a tendência de perda de fiéis pelo catolicismo brasileiro – atualmente estabilizada, pelo que mostra a pesquisa da FGV – retomar seu ritmo histórico, qual será, nas próximas décadas, o panorama para gays e lésbicas no país? Se esse trânsito continuar a favorecer as religiões evangélicas, a situação atual, de discriminação de gays e lésbicas, tende a se deteriorar ainda mais? Ou se ampliará a tendência de crescimento do número de pessoas que se dizem sem religião?

Outra questão diz respeito ao fortalecimento do movimento LGBTTI e sua união com outros movimentos sociais. Cada vez mais, como vimos na Introdução, a militância LGBTTI vem obtendo visibilidade, o que, por um lado, cria uma pressão social pela conquista de direitos. Por outro lado, essa maior visibilidade acirrará ainda mais a polarização com os fundamentalismos religiosos? Com esse possível acirramento, a união dos movimentos LGBTTI e feminista, que vêm trabalhando em consonância nos últimos anos, terá

condições de continuar resistindo, de romper outros paradigmas e eliminar a desigualdade social em que vivem mulheres e homossexuais? O movimento LGBTTI continuará contando com os aportes da teologia feminista e a teologia gay na produção de um contra-discurso que tenha apelo social? Ou a “mão-de-ferro” do Vaticano conseguirá provocar uma alteração de rota nesse âmbito?

Enfim, são essas algumas das questões que ficaram do presente trabalho. Torcemos para que elas engendrem ainda outras indagações para um futuro próximo, o qual, esperamos, possa ser de mais liberdade, justiça e igualdade para todas e todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARFUCH, Leonor. (2005) Problemáticas de la identidad. Em: ARFUCH, Leonor (org). **Identidades, sujetos y subjetividades**. (p. 21-43). 2ª edição. Buenos Aires: Prometeo Libros.

BAUMAN, Zygmunt. (2005) **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

BEDIA, Rosa Cobo. (1995) Género. Em: AMORÓS, Célia (Org.). **10 palabras claves sobre Mujer**. (p. 56-83) Navarra: EVD.

BEGUOCI, Leandro. (2007) No país, até evangélicos têm santos. **Folha de São Paulo**, Caderno Especial Religião, São Paulo, p. 09, 06 maio.

BUTLER, Judith. (2003) **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

CARIELLO, Rafael. (2007) As igrejas do Brasil: país altera mapa da fé, mas não a sua religiosidade. **Folha de São Paulo**, Caderno Especial Religião, São Paulo, p. 02, 06 maio.

CARLINI-COTRIM, Beatriz. (1996) **Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias**, Rev. Saúde Pública v.30 n.3 São Paulo jun.

CARRARA, Sérgio *et al.* (2006) **Política, Direitos, Violência e Homossexualidade**: Pesquisa 9ª Parada de Orgulho GLBT – São Paulo 2005. Rio de Janeiro: CEPESC.

CARVALHO, Alonso B. de. (2007) A ética católica e o ethos brasileiro. Em: **Jornal UNESP**. Ano XXI – nº 221, abril. Suplemento. Disponível em: <http://www.unesp.br/aci/jornal/221/suplec.php>. Acesso em 12 ago. 2008.

CIAMPA, Antonio da C. (2005) **A Estória do Severino e a História da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense.

CNBB. (2000) **Catecismo da Igreja Católica** : Edição Típica Vaticana. São Paulo: Ed. Loyola.

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil. (2002) Barueri: Manole.

COSTA, Jurandir F. (1996) O referente da Identidade Homossexual. Em: Parker, Richard; Barbosa, Regina M. (Orgs.) **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará / ABIA / IMS-UERJ, p. 63-89.

_____. (1992) **A inocência e o vício**: estudos sobre o homoerotismo, Rio de Janeiro: Relume-Dumará,

DUARTE, Luiz F.D. (2006) *Ethos* privado e modernidade: o desafio das religiões entre indivíduo, família e congregação. Em: DUARTE, Luiz F. D. *et al.*(Orgs.). **Família e religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 51-87.

_____. (2006b) Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes. Em: DUARTE, Luiz F. D. *et al.*(Orgs.). **Família e religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 15-50.

_____. (2005) *Ethos* privado e justificação religiosa. Negociações da reprodução na sociedade brasileira. Em: HEILBORN, Maria L. *et al* (Orgs.) **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, p. 137-176.

FACCHINI, Regina. (2005) **Sopa de letrinhas?:** movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990. Rio de Janeiro: Garamond.

FERNANDES, Sílvia R. A. (2005) A não ordenação feminina: delimitando as assimetrias de gênero na Igreja Católica a partir de rapazes e moças vocacionados/as. Em: **Revista de Estudos Feministas**, Vol.13, no.2, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, p.425-436.

FOLHA de São Paulo. (2007) **Caderno Especial Religião**. São Paulo, 06 maio.

FOUCAULT, Michel. (1990) **Tecnologias del yo y otros textos afines**. Barcelona: Paidós Ibérica.

_____. (2006) **História da sexualidade I:** a vontade de saber. 17ª. Ed, Rio de Janeiro: Graal.

_____. (2007) **A Microfísica do Poder**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Graal.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. (1983) **O Que é Homossexualidade**. São Paulo, Editora Brasiliense.

GATTI, Bernadete. (2005) **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. São Paulo: Loyola.

GERSTENBERGER, Erhard. (1999) Sexualidade, homossexualismo e convivência. Em: **Estudos Teológicos**. Ano 39, n.1, São Leopoldo (RS): Escola Superior de Teologia.

GIUMBELLI, Emerson *et al.* (2005) **Religião e Sexualidade:** Convicções e Responsabilidades. Rio de Janeiro: Garamond.

GOFFMAN, Erving. (1988) **Estigma:** notas sobre a Manipulação da identidade Deteriorada. 4ª ed. Rio de Janeiro: LTC.

GONDIM, Sônia M. G. (2003) **Grupos focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos**. Ribeirão Preto: Paidéia [USP], v 12, n. 24, p. 149-161.

GUATTARI, Félix. (1987) **Revolução molecular**: pulsações e políticas do desejo. 3ª. ed.. São Paulo: Editora Brasiliense.

GWERCMAN, Sérgio. (2004) Se todos somos iguais perante a lei, está certo alguns brasileiros terem mais benefícios que outros? Em: **Revista Super Interessante**, São Paulo: Ed. Abril, ed. 202, jul.

HEILBORN, Maria Luiza. (1996) Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. Em: Parker, Richard; Barbosa, Regina M. (Orgs.) **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume Dumará/ ABIA/ IMS-UERJ, p. 136-145.

HELLER, Agnes. (2004) **O cotidiano e a história**. 7ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

HELMINIAK, Daniel A. (1998) **O Que a Bíblia realmente diz sobre a homossexualidade**. São Paulo: Summus (GLS).

IBAÑEZ GRACIA, Tomás. (2005) O “giro lingüístico. Em: IÑIGUEZ, Lupicinio. (Coord.). **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**,. Petrópolis: Vozes, p.19-49.

_____. (1994) La construcción del conocimiento desde una perspectiva socioconstruccionista. Em: MONTERO, M. (org.). **Conocimiento, realidad e ideología**. Caracas: Asociación Venezolana de Psicología Social,. p. 39-48

IÑIGUEZ, Lupicinio. (2005) A linguagem das ciências sociais: fundamentos, conceitos e modelos. Em: IÑIGUEZ, Lupicinio. (Coord.). **Manual de Análise do Discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis: Vozes, p. 50-104).

JURKEWICZ, R.S. (2005) Cristianismo e homossexualidade. In: GROSSI, M.P. et al. (orgs.) **Movimentos Sociais, educação e sexualidade**. Rio de Janeiro: Garamond.

KATZ, Jonathan. (1996) **A Invenção da Heterossexualidade**. Rio de Janeiro: Ediouro.

LAQUEUR, Thomas. (2001) **Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

LIMA, Lana L. da G. (1996) Confissão e Sexualidade. Em: Parker, Richard; Barbosa, Regina M. (Orgs.) **Sexualidades Brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará/ABIA/ IMS-UERJ, p. 38-50.

LOURO, Guacira Lopes. (2001) **Teoria queer – uma política pós-identitária para a educação**. Em: Estudos Feministas (CFH/CCE/UFSC)., 2/2001 Florianópolis: UFSC, p. 541-553.

MACHADO, João L. A. (2007) A vida em família na Antiguidade Clássica: como eram as relações familiares na Grécia e Roma antigas. Em: **Planeta Educação: De Olho na História**. Disponível em: <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?artigo=405>. Brasil. Acesso : 25 maio 2007.

MACHADO, Maria das Dores C. (2006) Religião, família e individualismo. Em: DUARTE, Luiz F. D. *et al.*(Orgs.). **Família e religião**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, p. 89-111.

MACRAE, Edward. (2005) Em defesa do gueto. Em: GREEN, James N. e TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Editora Unesp, p. 291-308.

MOTT, Luis. (2006) Homo-afetividade e direitos humanos. Em: **Revista de Estudos Feministas**, Vol.14, no.2, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, p.509-521.

NATIVIDADE, Marcelo. (2005) Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal. Em: HEILBORN, Maria L. *et al* (Orgs.) **Sexualidade, família e ethos religioso**. Rio de Janeiro: Garamond, p. 247-272.

NERI, Marcelo. (2007) **Economia das religiões**. Rio de Janeiro: FGC/IBRE.

IGREJA alerta sobre lei da família. (2008) Em: **O São Paulo**, São Paulo: Arquidiocese de São Paulo, 12 ago. 2008, p. B3.

PECHENY, Marito. Identidades discretas. (2005) Em: ARFUCH, Leonor (org). **Identidades, sujetos y subjetividades**. (p. 131-153). 2ª ed. Buenos Aires: Prometeo Libros.

PERLONGHER, Néstor. (1991) O desaparecimento da homossexualidade. Em: Lancetti, Antonio. **Saúdeloucura**, 3. São Paulo, HUCITEC,. p. 39-45. (Saúde em Debate, 47).

RAGO, Margareth. (2006) Foucault, a subjetividade e as heterotopias feministas e foucaultianas. Em: SCAVONE, Lucila *et al.* (Orgs.) **O Legado de Foucault**. São Paulo: Editora da UNESP, p. 101-117.

ROSADO-NUNES, Maria José F. (2005) Gênero e Religião. Em: **Revista de Estudos Feministas**, Vol.13, no. 2, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, p.363-365.

_____. (1998) Por uma sociologia do poder religioso: elementos para uma crítica feminista. Em: BRITO, Ênio J. da C. e GORGULHO, Gilberto da S. (Orgs). **Religião ano 2000**. São Paulo: Ed. Loyola, p. 131-147.

RYAN, Penélope J. (1999) **Católico praticante**: a busca de um catolicismo para o terceiro milênio. São Paulo: Loyola.

SCAVONE, Lucila. (2006) O feminismo e Michel Foucault: afinidades eletivas? Em: SCAVONE, Lucila *et al.* (Orgs.) **O Legado de Foucault**. São Paulo: Editora da UNESP, p. 81-99.

SCOTT, Joan. (1990) Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Em: **Revista Educação e Realidade**. (p. 5-22).Porto Alegre: UFRGS, v.16, n.2, jul.dez.,.

SPINK, Mary J.; FREZZA, Rose M. (2004) Práticas discursivas e a produção de sentidos: a perspectiva da Psicologia Social. Em: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. 3ª. Edição. São Paulo: Cortez, p. 17-39.

SPINK, Mary J.; MEDRADO, Benedito. (2004) Produção de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. Em: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. 3ª. Edição. São Paulo: Cortez, p. 41 – 62.

SPINK, Mary J. e MENEGON, Vera M. (2004) A pesquisa como prática discursiva: superando horrores metodológicos. Em: SPINK, M. J. (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. 3ª. Edição. São Paulo: Cortez, p. 63-92.

SWAIN, Tania Navarro. (2006) A desconstrução das evidências: perspectivas feministas e foucaultianas. Em: SCAVONE, Lucila *et al.* (Orgs.) **O Legado de Foucault**. São Paulo: Editora da UNESP, p. 119-137.

SWIDLER, Arlene (Org.). (1993) **Homosexuality and World Religions**. Valley Forge, PA (USA): Trinity Press International.

TELES, Maria Amélia de Almeida. (2007) O que é gênero? Em: UNIÃO DE MULHERES DE SÃO PAULO (Org.) **Educando para a paz na diversidade sexual e igualdade de gênero**. São Paulo: União de Mulheres, p. 29-46.

VALERIO, Adriana. (2005) A teologia, o feminino. Em: **Revista de Estudos Feministas**, Vol.13, no.2, Florianópolis: CFH/CCE/UFSC, p.367-386.

XINRAN. (2003) **As boas mulheres da China**. São Paulo: Companhia das Letras.

ANEXOS

ANEXO I – TCLE – Termos de Consentimento Livre e Esclarecido

A religião é um elemento cultural muito importante no Brasil, sendo um dos fatores que ajudam a construir a forma de pensar da sociedade. Por isso, essa pesquisa tem como objetivo principal investigar em que medida esse fator cultural incide sobre homossexuais.

Para obter os dados necessários à pesquisa, os sujeitos participarão de grupos de discussão (grupo focal) sobre o tema e/ou preencherão questionários abertos ou fechados. Nos grupos acima citados, não há obrigatoriedade de participação em todas as discussões, nem se espera que as/os participantes cheguem a qualquer tipo de consenso ou resultado final. O que importa, nesse caso, é simplesmente debater os tópicos propostos pela pesquisadora. Quanto aos questionários, os sujeitos têm total liberdade para responder ou não qualquer uma das questões apresentadas.

A pesquisa não oferece qualquer tipo de risco. Além do mais, os dados serão coletados pessoalmente pela pesquisadora. Os sujeitos têm liberdade de não responder às questões, bem como solicitar a exclusão de seu consentimento para participar da pesquisa a qualquer momento e em qualquer fase dela, sem que isso implique nenhum tipo de sanção ou dano.

Os sujeitos que assinam o presente termo (TCLE) terão garantido e assegurado o direito de terem em sigilo suas identidades, salvaguardando o direito da confidencialidade dos sujeitos envolvidos na pesquisa. Entretanto, não serão ressarcidos de forma alguma e em nenhum momento por aceitarem participar da pesquisa, ficando assim esclarecido que a participação é voluntária e não contratada.

Os sujeitos ficam desde já cientes que a aceitação em participar da pesquisa implica a autorização para que a pesquisadora possa tornar públicos seus resultados, sendo resguardadas suas identidades.

Nome: _____

Data: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

Assinatura: _____

ANEXO II – MODELOS DE TABELAS

1. Grupo Focal das Mulheres

Como a Sociedade vê	Como a Igreja/Bíblia vê	Como a família vê	Importância da religião / Igreja/ Líderes religiosos	Como elas se vêem/sentem	Diferença geracional	Gênero	Militância / Direitos / Parada GLBT	Outros
Vilma – indefinição								
Priscila – falta de homem. Eu já ouvi muito.								
Mariana – é mais ou menos isso que eu pensei...								
Sônia – passatempo								
Priscila - dúvida								
Mariana – pessoas sujas								
Joana – sem sexo.								
Mariana – mistério... do sexo lésbico.								
Priscila – tem uma coisa muito séria que é a perseguição no trabalho; se você dá a letra você está ferrada. Você pode até ser perseguida por ser lésbica. Você não pode falar muito sobre em certos lugares.								
Mariana – É um preconceito.								
Carla – Tem que ser dissimulado.								
Sônia – A perseguição e o preconceito seriam a discriminação.								

2.Grupo Focal dos Homens

Como a Sociedade vê	Como a Igreja/Bíblia vê	Como a família vê	Importância da religião / Igreja/ Líderes religiosos	Como elas se vêem/sentem	Diferença geracional	Gênero	Militância / Direitos / Parada GLBT	Outros
		Charles – Encontrar caminhos.						
				Angela – Como é que fica essa história, escola, família, igreja, mídia, quando vocês eram crianças? Numa fase onde vocês ainda não se compreendiam, não se assumiam, como fica essa questão?				
				Márcio - N4 (...narrativa sobre o motivo de ter ido fazer a sua primeira comunhão, seu sentimento de ser pecador, que o fez vomitar ao receber a hóstia...)				
								Eulálio – Litigiosa!
								Márcio – É.
				Charles – N5 (... narrativa sobre como se sentiu preocupado quando fez a primeira comunhão, por saber que dali em diante não poderia mais pecar...)				

ANEXO III – MODELOS DE LINHA NARRATIVA

1.Grupo Focal dos Homens

N4

Márcio – Eu tive uma experiência, da minha vida religiosa na infância. Eu estudei em colégio de Jesuítas, no Colégio [nome do colégio], em São Paulo. Acho que foi um laboratório. Com o perdão do trocadilho, acho que paguei todos os meus pecados lá. Eu cresci num ambiente cheio de... aula de religião, toda semana pelo menos. Teve um semestre que eu tirei uma nota muito baixa em religião. Eu tirei 4,5, de 10, imagina. Acho que nenhuma criança teve nota tão baixa quanto a minha. Aí, vieram todos os professores, os meus pais, falaram “tem alguma coisa errada”. Eles começaram a falar, “esse menino precisa... esse menino precisa... estudar mais religião”. E eu sabia que aquilo estava me contradizendo de alguma forma. Porque eu sabia que o que eu gostava, na verdade, era pecado e, naturalmente, eu me afastava daquele ensino religioso. Mas como a minha espiritualidade era muito latente, eu acabei me entregando num determinado momento. Aí, eu falei, “tá, vou tentar” E resolvi tentar me enquadrar. Eu nunca me esqueço que, na primeira comunhão, eu estava totalmente enquadrado, achava que já estava no caminho certo de novo. E eu me preparei muito para a minha primeira comunhão. Ensaaios... eu lembro que eu era o orador da turma, eu tinha que ler um texto grande, e era um momento de muito estresse pra mim, porque eu falei “agora é a oportunidade para eu mostrar que eu realmente me liberei de uma vida de pecado”. Não, imagina eu, na minha compreensão de dez anos de idade, eu pensei, “agora é o momento de eu seguir o caminho certo”. Eu estava tão nervoso, que eu devo ter comido rápido, não sei. Logo após a minha primeira comunhão, eu vomitei tudo que eu tinha comido. E aí foi o momento parecido com o que o **Élio** teve na infância dele, que eu falei, “não quero mais religião”. Se demonstrou de uma forma até física: a minha indigestão com a religião e incompatibilidade de me adaptar àquela religião cristã. Foi uma separação assim...

Infância, 10 anos	aquilo estava me contradizendo	mostrar que eu me liberei de uma vida de pecado
Nota muito baixa em religião	o que eu gostava era pecado	seguir o caminho certo
“tem alguma coisa errada”	me afastava do ensino religioso	primeira comunhão
precisa... estudar mais religião	resolvi tentar me enquadrar	vomitei tudo
		indigestão com a religião

2.Grupo Focal das Mulheres

N0

Mariana - É. O “Crazy – louco de amor”, eu fiz como aquele menino, eu rezava de noite e falava, “ai, Deus, tira isso de mim, eu não posso sentir isso, eu não posso amar a minha amiga”. E as amigas da escola, eu fui apaixonada, teve uma época, por cada uma. Então, eu me casei, e quando eu vim pra cá, foi que eu tive o meu primeiro relacionamento lésbico, aqui em São Paulo, na [nome da universidade], com uma amiga de quarto, coisa bem comum no mundo lésbico, vai dividir o quarto e depois está dividindo a vida. Eu rezava, depois fui fazer tratamento psicológico, buscar ajuda, conversar com algumas pessoas em quem eu confiava, e comecei a ler esse livro na expectativa de buscar respostas para o que eu era. Eu não cheguei no final do livro, porque ele estava tentando me convencer de que a Bíblia não encarava a homossexualidade, por aspectos históricos, em nenhum momento fazia refletir que eu sou lésbica porque eu sou.

eu fui apaixonada por amigas de escola	me casei	fui fazer tratamento psicológico
eu rezava de noite	Vim para São Paulo	buscar ajuda
falava “Deus, tira isso de mim”	Tive primeiro relacionamento lésbico	conversar com pessoas em quem eu confiava
eu não posso amar a minha amiga		comecei a ler esse livro na expectativa de respostas
		ele queria me convencer que a bíblia não encara a homossexualidade
		não me fazia refletir que sou lésbica porque sou
		não cheguei no final do livro

ANEXO IV – E-MAIL E CONVITE

1. Modelo do e-mail enviado para conhecidos/as e amigos/as:

Querida/o amiga/amigo,

como você já deve saber, estou fazendo mestrado em Ciências da Religião na PUC/SP. O tema do meu trabalho é Homossexualidade, Religião e Gênero e quero investigar qual é a influência do ideário cristão na construção da auto-imagem de gays e lésbicas (veja resumo do meu projeto abaixo). Estou, neste momento, preparando minha pesquisa de campo e venho pedir sua ajuda para encontrar pessoas que concordem em colaborar, especialmente por meio da participação de um grupo focal no dia **19 de maio, um sábado, das 9h às 12h, na cidade de São Paulo**. Nesse grupo, reunirei homens que se declaram gays de diversas idades (a partir de 18 anos), origens, profissões, etc. A eles serão propostos tópicos sobre o tema para discutirem entre si. Não há nenhum objetivo final a ser atingido, nem certo ou errado. É no bate-papo, na troca de idéias entre os participantes do grupo que surgirá o material de que necessito. Importante: o encontro será gravado (em áudio), mas na dissertação os nomes serão trocados e as informações pessoais serão mantidas em sigilo. No segundo semestre, farei pelo menos mais um grupo focal, dessa vez com lésbicas.

Assim, venho lhe pedir a enorme gentileza de enviar o convite em anexo para amigos gays (homens) acima de 18 de anos que vocês achem que podem se interessar pelo tema OU me envie endereços de email ou telefone deles (caso eles a/o autorizem a fazê-lo). Preciso formar um grupo heterogêneo (me interessa especialmente que tenham idades bem diferentes), de preferência formado por pessoas que não me conhecem pessoalmente e que não sejam todos militantes, para evitar viés que invalide os dados obtidos. Por favor, **NÃO REENCAMINHE ESSA MENSAGEM, NÃO MANDE AS INFORMAÇÕES DETALHADAS NELA, NEM EXPLIQUE O FOCO DA PESQUISA** aos possíveis participantes do grupo, novamente para evitar viés que invalide o trabalho. Também lhe peço a gentileza de NÃO divulgar essa mensagem em lista de discussão ou site.

Agradeço muitíssimo a sua colaboração.

Um beijo grande,

Valéria

RESUMO

Homens e mulheres homossexuais brasileiros são criados numa sociedade que os exclui e os marginaliza. Desde muito cedo, aprendem que homossexuais são sujos, doentes, anormais, pecadores. Depois da puberdade, aqueles que sentem atração por pessoa do mesmo sexo já internalizaram os preconceitos e sentem dificuldades para se aceitar e para serem aceitos, pois têm uma

imagem negativa da homossexualidade e, portanto, de si mesmos. Em uma sociedade em que a maioria da população segue alguma religião cristã, há que se considerar a importância da condenação religiosa da homossexualidade e seus efeitos sobre a auto-imagem de quem segue essa orientação sexual. É importante se ter em conta também as questões de gênero, pois num país sexista como o Brasil, o que se aproxima do feminino é desqualificado, visto como incompetente, frágil, menos importante.

Esse projeto tem por objetivo investigar qual é a influência do pensamento religioso cristão sobre a construção da auto-imagem das e dos homossexuais. Devido ao fato de o ideário cristão valorizar de forma diferente homens e mulheres, investigar-se-á se há diferença dessa influência para homens e para mulheres homossexuais. Para isso, será feito um levantamento do discurso cristão sobre a homossexualidade por meio da análise de discurso de cartas, documentos, declarações das hierarquias religiosas cristãs, dando-se ênfase àqueles que tiveram maior repercussão na mídia. Paralelamente, serão feitos grupos focais com homossexuais para se investigar a imagem que têm de si. Depois, será feito o cruzamento das informações obtidas, analisando se aparecem elementos do discurso religioso na construção da auto-imagem das e dos homossexuais e se esse o pensamento cristão tem “peso” diferente para homens e mulheres.

2. Modelo de convite enviado em anexo no e-mail

CONVITE

Em primeiro lugar, gostaria de me apresentar: meu nome é Valéria Melki Busin, sou formada em psicologia pela USP e curso Mestrado em Ciências da Religião na PUC/SP, com apoio da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Meu trabalho de pesquisa no mestrado diz respeito às relações entre religião e homossexualidade. A religião é um elemento cultural muito importante no Brasil, sendo um dos fatores que ajudam a construir a forma de pensar da sociedade. Por isso, essa pesquisa tem como objetivo principal investigar em que medida esse fator cultural incide sobre homossexuais.

Para coletar as informações de que preciso para essa pesquisa acadêmica, vou observar um grupo de pessoas que reunirei para trocar idéias e experiências sobre o tema em questão. Nesse debate entre os participantes, poderá surgir o material expressivo necessário para o desenvolvimento do meu estudo. Trata-se de um grupo focal, uma técnica de investigação qualitativa bastante usada em Ciências Humanas.

Por indicação de um amigo/a comum, obtive seu contato e gostaria de saber se há interesse de sua parte em colaborar com essa pesquisa. Sua contribuição poderá se dar pela participação em um grupo de discussão (grupo focal) sobre o tema e/ou por meio do preenchimento de questionários ou entrevista individual. Esclareço que não há obrigatoriedade de sua participação em todas as discussões feitas no grupo focal, nem se espera que os participantes cheguem a qualquer tipo de consenso ou resultado final. O que importa, nesse caso, é simplesmente debater os tópicos propostos pela pesquisadora. Quanto aos questionários e entrevistas, as pessoas têm total liberdade para responder ou não qualquer uma das questões apresentadas.

É importante esclarecer que a pesquisa não oferece risco de nenhum tipo aos colaboradores e você pode solicitar a exclusão de seu consentimento para participar dela a qualquer momento e em qualquer fase, sem que isso implique nenhum tipo de sanção ou dano. Coletarei os dados pessoalmente e lhe garanto sigilo, ou seja, que sua identidade será preservada. Esclareço também que a sua participação é voluntária e, assim, não haverá nenhum tipo de remuneração aos participantes da pesquisa.

Gostaria de convidá-lo especialmente para participar do encontro para debater o tema religião e homossexualidade no grupo focal que será realizado no dia **19 de maio de 2007, um sábado, das 9h às 12h**, na cidade de São Paulo, em local que lhe será informado posteriormente. Serão convidados a formar o grupo homens que se declaram homossexuais, com idades diversas a partir de 18 anos, e que se interessem por discutir essa questão. Esclareço, ainda, que para colaborar com a pesquisa não há obrigatoriedade de pertencer a uma determinada religião, nem de participar de nenhuma atividade religiosa, apenas a disposição de debater o tema proposto. Após a apresentação do trabalho final de mestrado, comprometo-me a compartilhar com você os resultados obtidos pela pesquisa.

Se você deseja colaborar com a pesquisa, por gentileza, responda as questões em anexo e me envie pelo e-mail valeriamelki@uol.com.br. Você também pode me passar as respostas pelo telefone (11) 5678-4407 ou 9218-9480, ou me mandá-las pelo correio, para Rua Ferdinando Frantz, 279 – São Paulo – SP – cep 04438-080.

Agradeço muito a sua atenção e espero contar com sua valiosa contribuição. Caso deseje mais esclarecimentos, não hesite em me contatar.

Atenciosamente,

Valéria Melki Busin
valeriamelki@uol.com.br
(11) 5678-4407 / 9218-9480

Observação importante: nem todos que se dispuserem a colaborar serão chamados para o Grupo Focal de 19 de maio, pois há necessidade de compor o grupo com perfis diversos.

Se você deseja colaborar com a pesquisa Homossexualidade, Religião e Gênero, assinale as formas com que se dispõe a colaborar:

() Grupo Focal.

() Questionário

() Entrevista

PERFIL

Nome: _____

Telefone: _____

E-mail: _____

Endereço: _____

Sexo: _____

Idade: _____

Religião: _____

Raça/etnia: _____

Profissão: _____

Renda familiar: _____

É militante LGBTTI? () Não

() Sim Entidade: _____

ANEXO V – ROTEIRO Grupo Focal Homens

- 1) Para eles, qual é a imagem de (ou idéia sobre) homossexuais e homossexualidade que existe na sociedade em geral?
- 2) Essa idéia que está no imaginário da sociedade sofre influência do ideário cristão? Ou o ideário cristão é reforçado por idéias que já vêm da sociedade?
- 3) Por quais meios eles tomaram conhecimento dessas imagens/idéias do ideário cristão sobre a homossexualidade (família, escola, amigos, igreja, mídia, outros meios)?
- 4) O que eles pensavam sobre a homossexualidade antes de se descobrirem gays?
- 5) No momento em que se descobrem gays, como foi? Foi fácil conciliar a idéia que eles tinham da homossexualidade com essa descoberta?
- 6) Como eles vêem a homossexualidade hoje? Houve transformação, ou seja, sempre viram a homossexualidade como vêem hoje ou isso mudou? (Se mudou, o que e por que mudou)
- 7) Como eles se vêem hoje? O fato de serem gays tem alguma influência na imagem que têm de si? De que forma?
- 8) Qual é a importância da religião na vida deles?
- 9) Como se sentem quando eles lêem ou ouvem alguma condenação religiosa à homossexualidade?

Estratégias possíveis para incentivar as discussões:

- a) Pedir que eles falem sobre o que vem à mente das pessoas, de forma geral, quando se fala em gay ou homossexual (ficar no masculino ou no neutro. Não falar em lésbica, bissexual, transexual ou travesti) e anotar no quadro branco.
- b) Pedir para eles falarem sobre o resultado dessa “enquete” e deixar a discussão correr -> buscando tocar na questão da religião a partir do que aparecer nas respostas dadas para o item (a)
- c) Questionar como é se descobrir gay (depois de ter assimilado o que está no imaginário social/religioso a respeito da homossexualidade).
- d) Ler um trecho anti-homossexualidade e pedir que discutam
- e) Ler um trecho pró-homossexualidade e incentivar a discussão

Texto pró-homossexualidade

Afirmo que o amor entre pessoas do mesmo sexo é saudável, bom, natural e sagrado.(...)

É um puro e simples absurdo afirmar que os casamentos entre pessoas do mesmo sexo não são como os casamentos heterossexuais quando eles envolvem duas pessoas que se amam, que assumem um compromisso e pretendem viver juntas. Conhecendo casais do mesmo sexo que se casaram legalmente(...), afirmo sem medo que o símile primordial é o casamento, ainda que a meu ver o casamento seja problemático para todos, heterossexuais e homossexuais.

Temos maturidade moral suficiente para reconhecer que os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, assim como os relacionamentos entre pessoas de sexos distintos, apresentam todo tipo de combinações. O foco ético está na qualidade do amor, não na quantidade de cada sexo envolvido.

Mary E. Hunt, O pecado do heterossexismo

Texto “anti-homossexualidade”

Tendência homossexual

A tendência homossexual é uma paixão, isto é, um apetite desordenado, que já denota um desvio da natureza, pois o instinto sexual normalmente só se manifesta em relação a pessoas de outro sexo, uma vez que foi dado ao homem e à mulher com vista à procriação.

A pessoa que sofre essa tentação – contrária à natureza, é preciso realçar – tem obrigação moral de combatê-la a ferro e fogo, e não consentir absolutamente em nada do que ela pede. Nem por pensamentos, nem por palavras, nem por atos. Se a pessoa assim agir, estará isenta de culpa. É tentação vencida, é vitória alcançada. É aumento em graça e virtude!

A paixão pode solicitar até veementemente para um ato mau, mas se a pessoa tentada não consente, lutando para afastar o mau pensamento e fugindo das ocasiões de queda, não só não comete pecado, mas ganha méritos perante Deus, pela batalha vitoriosa que desenvolve contra as más inclinações que tem dentro de si, triste herança do pecado original.

(Extraído da Revista Catolicismo. Cônego José Luiz Marinho Villac)

ANEXO VI – ROTEIRO Grupo Focal Mulheres

- 1) Para elas, qual é a imagem de (ou idéia sobre) homossexuais e homossexualidade que existe na sociedade em geral?
- 2) Essa idéia que está no imaginário da sociedade sofre influência do ideário cristão? Ou o ideário cristão é reforçado por idéias que já vêm da sociedade?
- 3) Por quais meios elas tomaram conhecimento dessas imagens/idéias do ideário cristão sobre a homossexualidade (família, escola, amigos, igreja, mídia, outros meios)?
- 4) O que elas pensavam sobre a homossexualidade antes de se descobrirem lésbicas?
- 5) No momento em que se descobrem lésbicas, como foi? Foi fácil conciliar a idéia que elas tinham da homossexualidade com essa descoberta?
- 6) Como elas vêem a homossexualidade hoje? Houve transformação, ou seja, sempre viram a homossexualidade como vêem hoje ou isso mudou? (Se mudou, o que e por que mudou)
- 7) Como elas se vêem hoje? O fato de serem lésbicas tem alguma influência na imagem que têm de si? De que forma?
- 8) Qual é a importância da religião na vida delas?
- 9) Como se sentem quando elas lêem ou ouvem alguma condenação religiosa à homossexualidade?

Estratégias possíveis para incentivar as discussões:

- Pedir que elas falem sobre o que vem à mente das pessoas, de forma geral, quando se fala em lésbica ou homossexual (ficar no feminino ou no neutro. Não falar em gay, bissexual, transexual ou travesti) e anotar no quadro branco.
- Pedir para elas falarem sobre o resultado dessa “enquete” e deixar a discussão correr -> buscando tocar na questão da religião a partir do que aparecer nas respostas dadas para o item (a)
- Questionar como é se descobrir lésbica.
- Ler um trecho anti-homossexualidade e pedir que discutam
- Ler um trecho pró-homossexualidade e incentivar a discussão

Texto “anti-homossexualidade”

Tendência homossexual

A tendência homossexual é uma paixão, isto é, um apetite desordenado, que já denota um desvio da natureza, pois o instinto sexual normalmente só se manifesta em relação a pessoas de outro sexo, uma vez que foi dado ao homem e à mulher com vista à procriação.

A pessoa que sofre essa tentação – contrária à natureza, é preciso realçar – tem obrigação moral de combatê-la a ferro e fogo, e não consentir absolutamente em nada do que ela pede. Nem por pensamentos, nem por palavras, nem por atos. Se a pessoa assim agir, estará isenta de culpa. É tentação vencida, é vitória alcançada. É aumento em graça e virtude!

A paixão pode solicitar até veementemente para um ato mau, mas se a pessoa tentada não consente, lutando para afastar o mau pensamento e fugindo das ocasiões de queda, não só não comete pecado, mas ganha méritos perante Deus, pela batalha vitoriosa que desenvolve contra as más inclinações que tem dentro de si, triste herança do pecado original.

(Extraído da Revista Catolicismo. Cônego José Luiz Marinho Villac)

Texto “pró-homossexualidade”

Nenhum argumento religioso contra a homossexualidade sobrevive a uma análise crítica. Qualquer motivo religioso padrão não é mais do que ficção, fruto de convicções cegas. O "argumento" é somente uma preferência pessoal, uma posição apoiada por uma "escolha" e não por "argumentos racionais". A Religião é, assim, uma máscara usada para encobrir o preconceito.

Prof. Dr. Daniel Helminiak, em *Argumentos Religiosos contra a Homossexualidade*

ANEXO VII – PARECER COMITÊ DE ÉTICA



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA PUC-SP

Protocolo de Pesquisa Nº 87/2006

Programa de Estudos Pós-Graduação em Ciências da Religião da PUC-SP

Orientador(a): Profa. Dra. Maria José Fontanelas Rosado-Nunes

Autor(a): Valéria Melki Busin

Parecer sobre o Projeto de Mestrado intitulado *Homossexualidade, religião e gênero – A presença de elementos religiosos na construção da auto-imagem de homossexuais*

Em conformidade com os critérios da Resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde (CNS) do Ministério da Saúde (MS), a relevância social, a relação custo/benefício e a autonomia dos sujeitos pesquisados, foram preenchidos.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido permite ao sujeito compreender o significado, o alcance e os limites de sua participação nesta pesquisa.

No nosso entendimento, o Projeto em questão não apresenta qualquer risco ou dano ao ser humano do ponto de vista ético.

O parecer do Comitê é favorável à aprovação do projeto.

São Paulo, 18 de outubro de 2006.



Prof. Dr. Paulo-Edgar Almeida Resende
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP

Rua Ministro de Godoy, 969 – Sala 63-C – Bairro Perdizes – CEP 05015-001
Tel.: (0xx11) 36708466 – FAX (0xx11) 36708466 – e-mail: cometica@pucsp.br